

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Carlos Eduardo Riberi Lobo

**Cingapura: 1965 a 2010. Segurança, Forças Armadas,
Geopolítica e Desenvolvimento.**

**Pós-Doutorado em Ciências Sociais Ë Área de Relações
Internacionais**

SÃO PAULO

2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Carlos Eduardo Riberi Lobo

**Cingapura: 1965 a 2010. Segurança, Forças Armadas,
Geopolítica e Desenvolvimento.**

**Pós-Doutorado em Ciências Sociais É Área de Relações
Internacionais**

Relatório apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Riberi Lobo para a conclusão do Pós-Doutorado em Ciências Sociais - Área de Relações Internacionais, sob a supervisão do Professor Doutor Henrique Altemani de Oliveira.

SÃO PAULO

2012

"From the day we started, I knew that we needed a strong SAF - [Singapore Armed Forces], and I believe that still remains today. Without a strong SAF, there is no economic future, there is no security." [Lee Kuan Yew]

***ÍNa Guerra, o general recebe ordens de seu soberanoÍ
[Sun Tzu]***

Agradecimentos

Esse trabalho não teria sido realizado sem o apoio da minha família, com destaque para os meus pais, Angela Riberi e Fábio Guimarães Lobo, todos sempre ao meu lado.

Aos membros do GEAP-PUC/SP, que desde 2005 vem acompanhando minhas pesquisas sobre a Ásia. Cabe destaque para Frederico Marchiori, quem me sugeriu o tema de pesquisa sobre Cingapura desde o início, como também para Eduardo Villela, Silvio Miyazaki, Gilmar Masiero e Diogo Shimizu Lima. Aos colegas do GEMAS-USP, pelo apoio no estudo de temas asiáticos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP pelo apoio ao meu Pós-Doutorado, seus professores e funcionários. Aos colegas do UNIFAI, do CAES e da ESB da PMESP, e do NEAG da AFA-FAB, pelo apoio constante e relações de amizade, como aos alunos e membros dessas instituições. Ao Embaixador Amaury Porto de Oliveira, cuja generosidade, amizade e principalmente o apoio foram fundamentais.

Ao Prof. Dr. Henrique Altemani de Oliveira, meu supervisor de Pós-Doutorado e o grande responsável pelo meu interesse sobre estudos asiáticos. Além de Professor dedicado, um grande amigo, cuja capacidade acadêmica, erudição e o bom humor estiveram sempre presentes. Ao Escritório de Negócios de Cingapura em São Paulo e aos seus funcionários pela educação e colaboração. Ao Prof. Tim Huxley de Cingapura, pelo incentivo.

Por fim cabe destacar que as opiniões e o texto são de inteira responsabilidade do autor, mas que sem o apoio das pessoas e das instituições citadas, não teria sido possível realizar o presente trabalho.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo tratar a trajetória da cidade-estado de Cingapura e o desenvolvimento das suas Forças Armadas entre 1965 e 2010, como um fator de segurança estratégica para o desenvolvimento econômico e a estabilidade regional de Cingapura no Sudeste Asiático, como o seu papel na Ásia. Será abordado também o papel da geopolítica na política externa de Cingapura nesse mesmo período. Outro tema a ser tratado são as causas para o desenvolvimento econômico de Cingapura em pouco mais de quatro décadas, deixando a condição de subdesenvolvimento para se tornar um país desenvolvido.

Palavras Chave: Cingapura, Segurança, Forças Armadas, Geopolítica, Desenvolvimento.

Abstract: The present work aims to address the history of the city-state of Singapore and the development of its armed forces between 1965 and 2010, as a strategic factor of safety to economic development and regional stability of Singapore in Southeast Asia, as well as its role in Asia. It will be also addressed the role of geopolitics in the foreign policy of Singapore during the same period. Another topic to be discussed, are the causes for the economic development in Singapore in just over four decades, leaving behind the condition of underdevelopment to become a developed country.

Keywords: Singapore, Security, Armed Forces, Geopolitics, Development.

Sumário

Apresentação.....	9
Introdução:	
A História de Cingapura.....	19
Parte 1:	
A Formação das Forças Armadas de Cingapura e a consolidação do Estado Nacional.....	53
Parte 2:	
Geopolítica, segurança regional e o desenvolvimento desde a década de 1990.....	86
Considerações Finais.....	122
Bibliografia e Fontes.....	125

Siglas e Glossário

ASEAN . Association of Southeast Asian Nations / Associação de Nações do Sudeste Asiático

Commonwealth . Commonwealth of Nations / Comunidade Britânica de Nações

EUA . Estados Unidos da América

FAC . Forças Armadas de Cingapura

FPDA - Five Power Defence Arrangements / Cinco Acordos de Força de Defesa

HDB - Housing and Development Board / Conselho de Habitação e Desenvolvimento

LKY . Lee Kuan Yew

MINDEF . Ministry of Defence / Ministério da Defesa de Cingapura

MRE . Ministério das Relações Exteriores do Brasil

NOL - Neptune Orient Lines / Linhas Netuno Oriente

PAP . People`s Action Party / Partido da Ação Popular

PSA . Port of Singapore Authority / Autoridade do Porto de Cingapura

RFA . República Federal da Alemanha

RPC . República Popular da China

RSAF . Republic of Singapore Air Force / Força Aérea da República de Cingapura

SAF . Singapore Armed Forces / Forças Armadas de Cingapura

SIA . Singapore Airlines / Linhas Aéreas de Cingapura

TD . Total Defence / Defesa Total

URSS . União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Apresentação

Cingapura é conhecida mundialmente como uma nação desenvolvida e estável politicamente. Sempre é destacada pelo rigor das suas leis, a eficiência administrativa, planejamento urbano e mais recentemente pela modernidade e a tecnologia de ponta como padrões a serem seguidos. O que pouco se fala é sobre o papel fundamental das forças armadas e dos militares nesse contexto, garantindo a segurança nacional, dissuasão e a paz para a vulnerável cidade-estado do Sudeste Asiático. Esses fatores possibilitaram o seu processo de desenvolvimento ao longo das últimas décadas.

A partir da independência de Cingapura em 1965, até a atualidade, o papel das Forças Armadas de Cingapura . FAC (ou *Singapore Armed Forces* - SAF em inglês) na segurança e desenvolvimento dessa cidade-estado de apenas 700 Km² e 5 milhões de habitantes, têm se mostrado constante e cada vez mais relevante.¹

De fato, as FAC são um dos pilares do desenvolvimento e da estabilidade política de Cingapura. Deve ser destacado também o seu papel no Sudeste Asiático, realizando missões humanitárias, combate ao terrorismo e pirataria, parcerias com forças armadas de países vizinhos, ou seja, colaborando com a política externa e a diplomacia da cidade-estado.

Investindo cada vez mais em segurança e com um crescimento econômico constante nas últimas quatro décadas, Cingapura é um modelo interessante de antigo território colonial que passou da condição de subdesenvolvimento para a de um país desenvolvido. Ao mesmo tempo possui forças armadas modernas, bem preparadas e poderosas.

¹ KONICK, Rodolphe De; DROLET, Julie; GIRARD, Marc. Singapore: An Atlas of Perpetual Territorial Transformation. Singapore: NUS . National University of Singapore, 2010, pp. 6-15 e pp. 79-86. Existe a previsão que o território de Cingapura chegue a pouco mais de 700 Km² nos próximos anos, com a ampliação de aterros na região portuária e em ilhas próximas, que fazem parte do território nacional. Com relação à população total, cerca de 30% dos habitantes de Cingapura são estrangeiros ou trabalhadores sazonais. Sobre o recente sucesso de Cingapura e o seu desenvolvimento econômico e social ver: GLAESER, Edward L. Os Centros Urbanos. A maior invenção da humanidade. Como as cidades nos tornaram mais ricos, inteligentes, saudáveis e felizes. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2011, pp. 224-227.

O veterano líder político e Primeiro Ministro de Cingapura entre 1965 e 1990, Lee Kuan Yew, destaca em entrevista a militares de Cingapura em maio de 2012, que desde a independência da cidade-estado, a segurança e a defesa sempre foram prioridades. Devem continuar sendo assim no século XXI para garantir a soberania e o desenvolvimento. Sendo Cingapura um país pequeno, necessita para a sua sobrevivência de forças armadas bem estruturadas. Na sua visão pragmática, Lee Kuan Yew afirma que sem uma política de defesa consistente, não teria sido possível ocorrer o sucesso econômico. Isso explica a prioridade do Estado com a defesa nacional desde a independência do país.²

O crescimento da indústria de defesa, como setor importante da economia local, desempenhando um papel de destaque na consolidação do Estado-Nação e no desenvolvimento tecnológico nacional, fez com que Cingapura tivesse uma peculiaridade com questões de segurança em relação aos seus vizinhos asiáticos. Ou seja, combinando crescimento econômico, melhoria dos índices sociais e educacionais, centralização política e o desenvolvimento das Forças Armadas como fatores de coesão social. Essa condição se acentuou no início do século XXI, com um papel mais atuante da cidade-estado no cenário regional e global em termos econômicos, políticos, diplomáticos e militares.³

² A entrevista está disponível no site oficial do Ministério da Defesa de Cingapura . MINDEF, com o seguinte discurso: "Responding to the members' questions, Mr Lee said, "From the day we started, I knew that we needed a strong SAF, and I believe that still remains today. Without a strong SAF, there is no economic future, there is no security." Mr Lee added, "I think the SAF has done better than I hoped. That was because the generation that grew up, knew the stakes that were involved." Highlighting the key challenge facing Singapore, Mr Lee spoke about the serious problem of a shrinking demography, which will impact not only Singapore's economic future but also its security.+ Disponível em: "Mr Lee Kuan Yew speaks with SAF Officers and Defence officials at dinner dialogue+ <[http://www.mindef.gov.sg/jmindef/news and events/nr/2012/may/18may12_nr.html](http://www.mindef.gov.sg/jmindef/news_and_events/nr/2012/may/18may12_nr.html)> [acesso em 23/05/2012]

³ Com relação a organização das FAC e os projetos militares de Cingapura ver o site do SIPRI: <<http://milexdata.sipri.org/result.php4>> [acesso em 19/2/2012], do: *Stockholm International Peace Research Institute [SPRI], Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa para a Paz*, que estuda a transferência de armas, conflitos e a organização das Forças Armadas em todo o mundo. O SIPRI é considerado um dos centros de pesquisa mais confiáveis no mundo na área de segurança, conflitos e estudos estratégicos e conta com dados estatísticos sempre atualizados. Será uma das fontes principais com dados sobre a organização e poder das FAC.

O desenvolvimento econômico e social de Cingapura, a partir de meados da década de 1970, foi fundamental para a sua inclusão no grupo dos denominados *Tigres Asiáticos*, em conjunto com outras nações da região - Coréia do Sul, Taiwan e Hong Kong. Esses países, assim como Cingapura, tornaram-se industrializados após a Segunda Guerra Mundial, alcançando uma grande prosperidade nas últimas quatro décadas. As suas economias foram focadas na industrialização associada à exportação em larga escala, como pilares das suas políticas econômicas. Dependiam ao longo dos anos de mercados externos, já que os seus mercados nacionais não dariam conta de consumir essa produção em larga escala.⁴

Ao mesmo tempo, a preocupação com a segurança e a fragilidade estratégica da cidade-estado de Cingapura e do seu porto, em relação a vizinhos muito maiores, como a Malásia e a Indonésia, fizeram com que os gastos militares fossem aumentando constantemente, ficando em torno de 5% do Produto Interno Bruto nos últimos anos.⁵

No ano de 2010, do total do orçamento do estado, 32,5% foi dedicado a segurança e relações exteriores, comprovando a importância da segurança e da diplomacia como fatores fundamentais para a manutenção da soberania. Esses também são meios importantes de ação do Estado para contrabalançar a fragilidade geopolítica de Cingapura.⁶

Desde a sua fundação pelos britânicos em 1819, Cingapura sempre teve a sua história e transformações sociais atreladas a sua geografia e a geopolítica do Sudeste Asiático, como fatores fundamentais para o seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, sua fragilidade

⁴ HIGGOTT, Richard; ROBISON, Richard. Southeast Asia. Essays in the Political Economy of Structural Change. London/Boston/Melbourne/Henley: Routledge & Kegan Paul, 1985, pp. 3-61.

⁵ HUXLEY, Tim. "Singapore's strategic outlook and defence policy." in: LIOW, Joseph Chinyong; EMMERS, Ralf. [edited]. Order and Security in Southeast Asia. Essays in memory of Michael Leifer. London/New York: Routledge, 2006, pp. 141-160.

⁶ O orçamento do ano fiscal de 2010 pode ser acessado na página oficial do governo de Cingapura na internet disponível em: <http://www.singaporebudget.gov.sg/budget_2012/about_budget.html> [acesso em 22/01/2012], os dados dos gastos totais seriam os seguintes: Desenvolvimento Econômico = 20,7%; Administração e Governo = 3,2%; Desenvolvimento Social = 43,5%; Segurança e Relações Exteriores = 32,5%.

estratégica também sempre esteve associada a sua geografia. Ao longo da sua história essas fragilidades estiveram relacionadas paradoxalmente com o seu desenvolvimento econômico. Sua maior vantagem, a localização geográfica e o seu porto com condições marítimas muito boas, também foram ao longo da sua trajetória fatores significativos em termos geopolíticos, militares e estratégicos.

Por outro lado, a manutenção da segurança interna é um fator importante, com um aumento de investimentos em anos recentes ampliando a estrutura da Força Policial e da Defesa Civil - equivalente ao Corpo de Bombeiros. Essas instituições atuam como forças auxiliares e de reserva na área de segurança e defesa, as FAC ficaram voltadas mais para um cenário externo e regional de atuação. O modelo da organização institucional das FAC, e das forças da segurança interna seguiu em termos gerais, o modelo britânico, da não intervenção dos militares na condução da política do país.

Desse modo foi mantido um perfil mais profissional dos militares, como um instrumento para a garantia da soberania do país, não ocorrendo a intervenção direta das FAC na condução da política local, seguindo Cingapura uma trajetória diferente de outros países asiáticos tais como; Indonésia, Filipinas, Tailândia, Coreia do Sul, Birmânia, etc. Nesses exemplos, a intervenção e a participação dos militares na política ocorreu com frequência nas últimas décadas.

Portando, existe uma preocupação real por parte do Estado em Cingapura na aplicação de uma quantidade considerável dos recursos públicos na área de defesa e segurança. Essa ação visa consolidar e garantir a soberania e o uso da força, se necessário, de uma nação jovem e com uma situação geopolítica de extrema fragilidade, contando com 3/4 da população de origem chinesa no coração da Malásia e próxima a Indonésia, países majoritariamente muçulmanos. Sempre deve ser

lembrado que Cingapura possui apenas quatro décadas de independência.⁷

A cidade-estado de Cingapura é uma ilha, com falta de recursos naturais, cercada por vizinhos muito maiores, Malásia e Indonésia, tanto em termos de população como de território. Ao longo dos anos vem enfrentando também um histórico de hostilidades desses países em relação a Cingapura. Desde o período da Guerra Fria, Cingapura sempre levou em consideração a questão da segurança como um fator significativo para a sua soberania. Nos últimos vinte anos a questão da defesa nacional tornou-se ainda mais relevante.

Por isso, o investimento em defesa e segurança é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento econômico e da segurança da cidade-estado desde a sua independência. Outra questão importante são as ameaças assimétricas que Cingapura enfrenta desde a década de 1960. Pode ser destacada, a pirataria, que historicamente ocorre no estreito de Malaca, afetando diretamente a segurança econômica de Cingapura e dos países vizinhos, Indonésia e a Malásia, como também atos de terrorismo, contrabando, etc.

Outras questões, decorrentes da *Confrontação* entre Malásia e Indonésia entre 1963 e 1966, além do combate contra as forças comunistas atuando na Malásia na década de 1960, também são fatos históricos importantes para entender esse contexto de instabilidade e insegurança.⁸

Ao longo das últimas décadas, isso acarretou no aumento da importância das FAC no cenário asiático e da ASEAN - Associação de

⁷ HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St Leonards: Allen/Unwin, 2000 ; LEIFER, Michael. Singapore`s Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, e também: LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York. Routledge, 1996.

⁸ LEE, Kuan Yew. Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. Memórias de Lee Kuan Yew São Paulo: Editora Globo, 2008, pp. 25-252. O autor foi Primeiro Ministro de Cingapura entre 1965 e 1990 e posteriormente Ministro Mentor. É considerado o pai fundador do país junto com outros membros do Partido da Ação Popular - PAP . *Peoples Action Party*, no poder em Cingapura desde a sua independência.

Nações do Sudeste Asiático (*Association of South East Asian Nations*). A ASEAN foi criada em 1967 pelos seguintes países: Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura e Tailândia, como uma proposta de parceria regional e ampliação das relações diplomáticas e econômicas. Um dos objetivos principais seria o de garantir a paz, a segurança e a cooperação desses países no contexto da Guerra Fria, contando com apoio dos EUA e da Europa Ocidental.⁹

O notável crescimento econômico de Cingapura é outro tema a ser abordado nesse trabalho, pois para o desenvolvimento econômico, há a necessidade também de garantir a soberania nacional com forças armadas bem estruturadas. Principalmente no Sudeste Asiático, região com diversos atores no cenário internacional e com um histórico de conflitos ao longo do século XX.¹⁰

O estudo do desenvolvimento e da defesa nacional num país que saiu do status de subdesenvolvido para o de país desenvolvido em pouco mais de quarenta anos é relevante para a análise das relações internacionais e da política internacional, como da segurança regional no Sudeste Asiático. A segurança também se relaciona diretamente com a geopolítica da Ásia e o papel de Cingapura nesse cenário.

Outras questões importantes também permeiam o presente trabalho. Teria Cingapura criado um modelo de desenvolvimento, de estado, político e de segurança, a ser seguido por outros países asiáticos e países em desenvolvimento? Seu padrão de urbanização também seria um exemplo para as denominadas *ciudades globais*?

Tendo criado uma sociedade que somou desenvolvimento econômico com centralização política e crescimento das forças armadas, uma questão importante surge. Esse poderia ter sido um dos modelos para as reformas e o crescimento da República Popular da China a partir

⁹ LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York: Routledge, 1996, pp. 55-57.

¹⁰ HEIDHUES, Mary Somers. Southeast Asia. A Concise History. London: Thames & Hudson, 2001 e LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York: Routledge, 1996, pp. 31-33.

de 1979, com as transformações políticas e econômicas iniciadas por Deng Xiaoping, principalmente depois de contatos diplomáticos com Lee Kuan Lew, Primeiro Ministro de Cingapura, na segunda metade da década de 1970?¹¹

Isso ganha importância também quando Cingapura amplia suas relações diplomáticas e econômicas com o Brasil nas primeiras décadas do século XXI, inclusive no setor de defesa e forças armadas, outro tema a ser abordado no trabalho. Ainda que tal parceria não tenha sido divulgada de modo mais amplo, devido ao sigilo que envolve esse tipo de relação entre Estados e empresas na área de defesa, a parceria na área militar parece dar os primeiros passos.

A área comercial, como a tecnológica, oferecem outras boas possibilidades para os dois países no início do século XXI, como no caso da exploração de petróleo na costa brasileira, a construção de navios para transporte de minérios e para a prospecção de petróleo. Cingapura também pode servir como uma porta de entrada do Brasil para os mercados do Sudeste Asiático e da Ásia, se a parceria econômica entre Brasil e Cingapura for ampliada.

Os produtos de ponta da exportação nacional, como aviões da Embraer, minérios da Vale, soja, carne e alimentos em geral, automóveis, papel e celulose, teriam a possibilidade de encontrar novos mercados. O Brasil, a partir de Cingapura como ponto de apoio logístico, poderia ampliar a sua presença econômica na Ásia, diversificando os países compradores dos produtos brasileiros. Cingapura com o seu desenvolvimento tecnológico e educacional, como a experiência em serviços, setor financeiro, planejamento urbano e meio ambiente, poderia ampliar os negócios com o Brasil em todas essas áreas.

¹¹ LEE, Kuan Yew. Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. Memórias de Lee Kuan Yew. São Paulo: Editora Globo, 2008 pp. 626-681.

A Escolha do tema

O estudo de caso das instituições de um país do Sudeste Asiático, no caso as Forças Armadas e o governo de Cingapura, vão de encontro às atividades desenvolvidas pelo autor junto ao GEAP/PUC-SP desde 2005, conforme o site do grupo demonstra na sua página eletrônica: <www.pucsp.br/geap>, cabendo ao autor à coordenação dos estudos sobre o Sudeste Asiático.

O trabalho sobre a trajetória das Forças Armadas ligada ao desenvolvimento econômico e a geopolítica de Cingapura, além de estar de acordo com o propósito do GEAP-PUC/SP, serve para uma análise sobre a história de um *Tigre Asiático* ainda pouco conhecido no Brasil. O estudo de Cingapura como um objeto de pesquisa é um tema novo para as Relações Internacionais e a área de Ciências Sociais no Brasil, daí o interesse pelo tema.

Objetivos:

Dentre os objetivos propostos no trabalho, alguns aparecem como base das hipóteses relevantes para análise:

1 . A necessidade de Forças Armadas hipertrofiadas: A sua %globalização+com parcerias com outros países, com os EUA e a Europa Ocidental devido às fragilidades inerentes a Cingapura, como um território pequeno, com pouca população, falta de recursos naturais, dependência do comércio externo e do seu porto para desenvolver a economia nacional. A Geopolítica de Cingapura como um fator fundamental para o desenvolvimento das FAC, levando-se em conta a Segunda Guerra Mundial, a invasão japonesa em 1942, a Guerra Fria e atualmente a globalização.

2 . A política de Estado e a geopolítica: O predomínio político do PAP . *People`s Action Party* - Partido da Ação Popular, no poder desde a independência, a constituição das Forças Armadas e o crescimento econômico. Esses fatores em conjunto serviram como base para política externa e de segurança de Cingapura no Sudeste Asiático, como o seu papel na ASEAN e na geopolítica regional. O uso das FAC na política

externa de Cingapura, como demonstração de poder e meio de dissuasão da cidade-estado na Ásia.

3 . A indústria de defesa em Cingapura: Irá adaptar modelos de todo mundo, principalmente sob a influência e colaboração de Israel, mas também dos EUA e da Europa Ocidental, buscando não depender de uma única fonte de fornecimento. Complementarmente, haveria a possibilidade de uma parceria estratégica com o Brasil em relação ao mercado de defesa do Sudeste Asiático via Cingapura e sua Indústria de Defesa, assim como a cooperação entre as Forças Armadas dos dois países?

Autores utilizados

Dentre os autores utilizados, podemos identificar algumas áreas básicas de pesquisa: História, Economia, Ciência Política, Segurança, Geopolítica e Geografia. Por outro lado todas essas linhas de análise se intercalam com a produção da área de Relações Internacionais. Buscamos autores atuais e dedicados ao tema. Basicamente a bibliografia sobre Cingapura está disponível na produção britânica, cingapuriana, francesa, canadense, australiana e norte americana.

No caso da visão originária de Cingapura, as memórias políticas de Lee Kuan Yew são uma fonte importante, inclusive com a visão oficial do Ministro Mentor sobre a trajetória da cidade-estado.

Os principais autores que tratam do tema são de origem variada; britânica, francesa, canadense, norte americana e asiática, com atuação na área de Relações Internacionais com estudos sobre o Sudeste Asiático e Geopolítica. Podem ser destacados: Leifer, Margolin, Huxley, Mauzy, Milne, Huff, Rodan, Koninck, Castells, Pelletier, Acharya.

Os trabalhos de Michael Leifer e Tim Huxley se dedicam a questões de segurança, geopolítica e forças armadas. Esses foram os autores mais utilizados, pelo pioneirismo dos seus trabalhos sobre o tema e por serem obras de referência em questões de segurança e forças armadas de Cingapura.

No caso do Brasil merece destaque a produção do Embaixador Amaury Porto de Oliveira, que além de servir como embaixador do Brasil

em Cingapura no final da década de 1980 e início da de 1990, foi posteriormente Professor do IEA/USP - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e membro do GACINT . Grupo de Análise da Conjuntura Internacional, nessa mesma Universidade. É autor de um trabalho pioneiro na área de Relações Internacionais, *Cartas de Cingapura*, primeiro via o IPRI - Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais do MRE-Ministério das Relações Exteriores e depois na segunda fase via a Universidade de São Paulo.

Seus objetos de estudo atuais além de Cingapura são a Ásia, os novos países industrializados - os *Tigres Asiáticos*: Cingapura, Hong Kong, Taiwan, Coréia do Sul e a denominada Terceira Revolução Industrial naquela região. Estuda também o papel da RPC - República Popular da China, no atual cenário internacional.

Todos esses trabalhos buscam estudar o rápido desenvolvimento econômico de Cingapura e sua consolidação como *Tigre Asiático*, assim como sua enorme preocupação com a sua segurança e o fortalecimento das suas Forças Armadas. Visando manter a soberania de um país sem recursos com apenas 700 Km², que depende da importação de água, alimentos e outros recursos naturais do exterior para a sua existência.

A segurança e a geopolítica são fatores fundamentais para o entendimento da fragilidade estratégica de Cingapura, como do seu desenvolvimento econômico e social. Nesse sentido, o estudo da trajetória das FAC desde 1965 é significativo para entender a história de Cingapura e seu papel atual no cenário do Sudeste Asiático.

INTRODUÇÃO

A história de Cingapura.

A trajetória moderna de Cingapura tem sua origem quando a cidade foi fundada por Sir Stamford Raffles em 1819, como um entreposto comercial do Império Britânico, através da Companhia das Índias Orientais visando à exploração comercial na Ásia. A posição estratégica da ilha no Sudeste Asiático e o seu porto, facilitaram o estabelecimento da colônia britânica naquele período e em decorrência foi ampliado o comércio regional. Era fundamental para os britânicos estabelecerem uma base no Sudeste Asiático, para poderem concorrer em condições de igualdade com os holandeses, que já estavam presentes na região.¹²

Nesse sentido, a importância *geopolítica* e *estratégica* de Cingapura, desde a sua fundação até a atualidade, sempre estiveram presentes como fatores fundamentais na trajetória da cidade-estado. A *geografia* e a *geopolítica* são questões fundamentais para a história de Cingapura e sem o seu estudo não é possível entender fatos importantes na história da Ásia. Tais como as Guerras do Ópio, a expansão colonial britânica na região, o ataque do Império do Japão a Cingapura na Segunda Guerra Mundial, a sua independência da Malásia em 1965, como o seu papel durante a Guerra Fria e na atualidade.¹³

¹² O presente trabalho irá abordar a trajetória moderna de Cingapura, ou seja, a partir de 1819 quando foi fundada pelos britânicos. Cingapura foi citada pelos chineses no século XIII, pelos malaio desde o século XIV e pelos portugueses a partir de 1511, como um porto estratégico para a navegação. Entretanto, o enfoque principal será a partir século XX, com as questões de segurança, forças armadas, geopolítica, história e desenvolvimento, *mais especificamente no período entre 1965 e 2010*. Sobre a história de Cingapura ver: HEIDHUES, Mary Somers. *Southeast Asia. A Concise History*. London: Thames & Hudson, 2001, pp. 35-130 e também: KONICK, Rodolphe De. *Singapour. La cité-État ambitieuse*. Paris: Édition Belin/La documentation Française, 2006, pp. 17-29.

¹³ A *Geopolítica* é tratada aqui como o estudo multidisciplinar da Geografia, Política e História, quando existe um estudo de caso sobre determinada nação e a influência da geografia associada à política e a sua história. Sobre a Geopolítica e a sua trajetória como área acadêmica e sobre a especificidade da geopolítica da Ásia ver: VESENTINI, José William. *Novas Geopolíticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012; PELLETIER, Philippe; ANQUETIL, Nicole; BOQUÉRAT, Gilles; GENTELLE, Pierre; WEISSBERG, Gabriel. *Géopolitique de LqAsie*. Paris: Nathan, 2009; BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert; MAGNIER, Jean-Pierre. *Atlas do Mundo Global*. São Paulo: Estação Liberdade,

Nesses exemplos, a geografia e a geopolítica foram fatores fundamentais para os acontecimentos históricos. A geografia talvez tenha sido o fator mais importante para a fundação de Cingapura pelos britânicos em 1819. Após a vitória nas guerras napoleônicas na segunda década do século XIX, a expansão rumo ao Oriente feita pelo Império Britânico seguia a passos largos, que resultaria na colonização da Índia, Hong Kong, Malásia e outras regiões da Ásia.¹⁴

A Era dos impérios e a era Vasco da Gama significaram na Ásia a dominação europeia da região. Várias potências se estabeleceram ali, como Portugal, Holanda, Reino Unido, França, Alemanha. Esse domínio se manteria até o final do século XX, com o fim da presença britânica em Hong Kong e portuguesa em Macau, e a volta da soberania da região para os asiáticos.¹⁵

A expansão marítima e comercial europeia implicava não somente no estabelecimento de pontos estratégicos ou feitorias, mas na ocupação espacial do território asiático. Era necessário ocupar para dominar, na lógica da exploração colonial. As especiarias e outros produtos da Ásia abasteceram entre os séculos XV e XX as potências europeias, o desenvolvimento econômico da Europa era possível devido à exploração colonial.

2009; CHALIAND, Gérard; RAGEAU, Jean-Pierre; PETIT, Catherine. Atlas Stratégique. Géopolitique des rapports de forces dans le Monde: Paris: Fayard, 1983; COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. Discursos sobre o Território e o Poder. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

¹⁴ A Companhia das Índias Orientais era a empresa britânica que se dedicava a exploração econômica e colonial na Ásia. KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 166. Sobre a geopolítica de Cingapura: KONICK, Rodolphe De. Singapour. La cité-État ambitieuse. Paris: Édition Belin/La documentation Française, 2006, pp: 17-44

¹⁵ As colônias de Hong Kong, do Reino Unido e Macau de Portugal, retornaram para a soberania da República Popular da China em 1997 e 1999 respectivamente, decretando o fim do imperialismo europeu na região depois de séculos de dominação, que tiveram seu início com a chegada de Vasco da Gama a Índia em 1498. A China continental, o Leste da Ásia e o Sudeste Asiático, sempre foram vistos como áreas de exploração pelas potências europeias desde o início das grandes navegações no século XV. HOBBSBAWN, Eric. A era dos impérios. São Paulo: Paz e Terra, 1994, pp. 57-124 e BOXER, Charles R. The Portuguese Seaborne Empire. London: Hutchinson of London, 1969, pp. 39-83.

O estabelecimento de um entreposto comercial no sul da península malaia, e próximo a atual Indonésia, na época colônia da Holanda explorada pela Companhia das Índias Orientais Holandesa, mostrou-se uma aposta arriscada no início, devido à concorrência holandesa na região. Mas acertada em longo prazo, com o crescimento do comércio triangular entre a Índia e a China via Cingapura feito pelos britânicos, trazendo chá da China para a Europa e enviando ópio da Índia para a China. Esse comércio lucrativo levou inclusive nas décadas de 1840 e 1850 as Guerras do Ópio entre o Império Britânico e a China, resultando no predomínio britânico no comércio da região e a sua consolidação como a principal potência colonial europeia na Ásia.¹⁶

Após a inauguração do Canal de Suez em 1869, o desenvolvimento de Cingapura como entreposto colonial britânico aumentou consideravelmente. Agora era possível ligar a Europa com a Ásia com mais segurança e rapidez para a navegação, de fato a partir de então o Império Britânico tinha o domínio da comunicação das suas colônias na Ásia e garantida a sua presença do Oriente Médio ao Extremo Oriente. A partir desse momento, com o novo caminho via o Canal de Suez, o comércio em Cingapura praticamente dobrou nos anos seguintes.

A importância estratégica e militar de Cingapura na região aumentou ainda mais, pois o porto passou a ser o entreposto não somente das colônias britânicas na Ásia, *mas fundamental para a ligação entre a Ásia e a Europa, como para o controle colonial e militar britânico na região*. Desde a sua passagem para a administração direta da Coroa, como *Crow Colony* . Colônia da Coroa, em 1867, os investimentos e a importância geopolítica e militar da ilha ganharam ainda mais significado, sendo a partir de então um porto fundamental para a *Royal Navy* . Marinha Real, no Sudeste Asiático.¹⁷

¹⁶ The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005. HEIDHUES, Mary Somers. Southeast Asia. A Concise History. London: Thames & Hudson, 2001, pp. 98-106.

¹⁷ The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005

Na virada do século XIX para o XX, Cingapura já era um porto importante no cenário asiático e despontava como um ponto *estratégico* no mundo, permitindo o controle do estreito de Malaca e o acesso ao Sudeste Asiático e ao Extremo Oriente.¹⁸

No início do século XX a presença das forças militares britânicas na ilha aumentou ainda mais, principalmente após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a ampliação das bases militares e o número de tropas na ilha. Esse aumento da presença militar e principalmente da infraestrutura e da logística, foi mantido até as vésperas da Segunda Guerra Mundial, tendo em vista o crescimento do poder militar do Japão na Ásia a partir da década de 1920. Cingapura e Hong Kong a partir de então eram as bases militares mais equipadas do Império Britânico na Ásia.¹⁹

Foi nesse conflito que a história de Cingapura mudou radicalmente. Com a invasão japonesa no início de 1942, o domínio britânico foi substituído pelo do Japão Imperial, que praticou em relação à população local, predominantemente chinesa já naquele período, um tratamento muito brutal, resultando entre 50 mil a 100mil mortos pelas tropas japonesas entre 1942 e 1945. A dominação militar japonesa demonstrou para os cingapurianos o poder do uso extremo da força. Além da dominação colonial britânica já conhecida pela população local, poderia existir um modelo de exploração mais opressivo ainda, baseado no poder militar e no terror, aquele praticado pelo Império do Japão.²⁰

A vitória relativamente tranquila obtida pelas Forças Armadas do Japão Imperial, derrotando as Forças Armadas Britânicas no Extremo Oriente, ficaria para sempre na memória do povo de Cingapura. Esse episódio reforçou a noção da fragilidade geopolítica da ilha no Sudeste

¹⁸ PRESTON, Antony. *History of the Royal Navy*. London/New York/Sydney/Toronto: Hamlyn/Bison, 1983, pp.100-168. *Crow Colony*, Colônia da Coroa, subordinada diretamente ao Império Britânico, *Royal Navy*, a Marinha Real do Reino Unido.

¹⁹ KENNEDY, Paul. *Strategy and Diplomacy. 1870-1945*. London: Fontana Press, 1983, 179-218.

²⁰ Sobre a opressão japonesa durante a Segunda Guerra Mundial ver a segunda parte do Documentário: *The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger*. Discovery Channel, 2005.

Asiático e a necessidade de instituições militares próprias, não coloniais, para defender a cidade.

Essa derrota marcaria também o início do fim do predomínio britânico na Ásia, resultando na independência das suas colônias nas décadas seguintes. Os europeus dominadores tinham sido derrotados pelos japoneses numa guerra relâmpago, o mito da supremacia ocidental estava abalado.²¹

O pós Segunda Guerra Mundial e o processo de independência

Depois da Segunda Guerra Mundial, uma política de descolonização progressiva do Império Britânico foi posta em prática, com as suas colônias ganhando autonomia na América, África e na Ásia, devido a sua decadência como poder global. Isso também ocorreu em Cingapura, passando da autonomia interna para o autogoverno entre 1955 e 1959, até a entrada na Federação da Malásia em 1963, tendo em vista a independência num futuro próximo.²²

A partir de 1955 a cidade contou com um Ministro Chefe - cargo equivalente a Primeiro Ministro, que foi ocupado por David Marshall, que ficou no poder até 1959, num período de grande agitação política e com forte presença das forças comunistas que também atuavam na Federação Malaia. Nesse contexto o PAP . *People`s Action Party* - Partido da Ação Popular, originalmente de centro esquerda, fundado por intelectuais com educação britânica, membros da classe média e sindicalistas em 1954, chega ao poder em 1959 e Lee Kuan Yew é eleito Primeiro Ministro.

O PAP contava com o apoio da população de origem chinesa, mas visando a manutenção dos laços com a Malásia e boas relações com malaios e indianos em Cingapura. O PAP sempre se caracterizou desde a

²¹ The Singapore History: 1. . Raffle`s Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005, com destaque para a segunda parte: 2. - The Accidental Nation e a terceira parte: 3. . Lion City . Asian Tiger e também: Coleção 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial, v 13. São Paulo: Abril Coleções, 2009, pp. 85-137.

²² Sobre o fim do Império Britânico e o papel do Reino Unido no mundo depois da Segunda Guerra Mundial: CUNLIFFE, Barry; BARTLETT, Robert; MORRILL, John; BRIGGS, Asa; BOURKE, Joanna. The Penguin Illustrated History of Britain and Ireland. From Earliest Times to The Present Day. London: Penguin Books, 2004, pp. 242-283.

sua criação por ser um partido político multiétnico e multicultural. Essa vitória mudaria a história política da cidade-estado até a atualidade, marcando o início do predomínio político do PAP na política local até presente momento.²³

Em 1963 Cingapura passa a fazer parte da Federação da Malásia, como mais um membro federativo da nova nação. Para a classe política de Cingapura a incorporação a Federação era a solução para o problema da independência. Porém para a maioria chinesa em Cingapura, a ilha deveria ter um status especial dentro da nova nação, garantindo sua autonomia. Entretanto conflitos étnicos e políticos entre Cingapura e o poder central na Malásia levaram a sua exclusão da Federação da Malásia e a independência inesperada em 1965.²⁴

Não era possível ter dois centros políticos de poder no novo país, um em Kuala Lumpur a capital e outro em Cingapura. A cidade-estado buscava um papel de maior destaque na Federação, ou mesmo uma posição diferenciada em relação aos outros estados membros. Todavia o poder central em Kuala Lumpur não via com bons olhos o papel de destaque buscado por Cingapura, ainda mais contendo 3/4 da população de origem chinesa.

Os riscos de conflitos étnicos entre malaios, chineses e indianos eram constantes naquele período. A independência foi a solução encontrada para solucionar essas questões, pelo menos por parte da Malásia naquele momento histórico. De modo surpreendente, a independência foi obtida sem um planejamento prévio por parte da elite

²³ O PAP geralmente tem uma votação de mais de 60% do eleitorado ao longo dos anos, garantindo a sua permanência no poder, contando com votos das comunidades chinesa, malaia, indiana, não é apenas um partido chinês em Cingapura, sendo um partido nacional e não apenas étnico. Ver o documentário: The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005, e também: KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp. 408-409.

²⁴ KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp. 347-349 e pp. 466-467.

de Cingapura, ocorreu de modo relativamente pacífico, sendo imposta pela Malásia.²⁵

Nesse momento, Cingapura parecia caminhar para um processo de convulsão interna e até uma possível reincorporação violenta pela Malásia num futuro próximo, devido às fragilidades e tensões internas de Cingapura. Ou seja, a elite política da Malásia apostava no fracasso da independência de Cingapura, que com uma série de limitações tão evidentes, retornaria hipoteticamente no futuro a Federação da Malásia, numa posição de subserviência.

A sua proximidade com a Indonésia, outro país com grande área geográfica, e também muito populoso, parecia também ameaçar a jovem nação. Assim como a Malásia, a Indonésia contava com uma população majoritariamente muçulmana, frente a uma população predominantemente de origem chinesa em Cingapura. Questões étnicas, culturais e religiosas pareciam ameaçar a independência e a estabilidade de Cingapura frente a esses vizinhos poderosos.

Entretanto, a cidade-estado, antiga colônia britânica entre 1819 e 1963, mostrou-se desde a independência em 1965 um caso de sucesso na trajetória de uma nação constituída recentemente, sem recursos naturais, subdesenvolvida e com um território diminuto. Nação essa que acabou revertendo essas condições adversas com sucesso, tornando-se um estudo de caso interessante da passagem da situação de subdesenvolvimento para a de desenvolvimento em pouco tempo.

O modelo de centralização política com o mesmo partido no poder desde 1959 . o PAP somou austeridade administrativa, continuidade política e estabilidade como fatores de coesão interna, com a oposição política atuando de modo limitado durante o período de 1965 a 2010.

²⁵ LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York: Routledge, 1996, pp. 31-33 e 152-154. Ver também: DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de teoria geral do Estado. São Paulo: Saraiva, 2011, pp. 59-67. Segundo Dallari, a formação de Cingapura seria a de um *Estado de formação derivada*, a partir da separação de um estado preexistente, no caso a Malásia. Esse processo teria ocorrido de forma pacífica sem uma guerra de independência, algo até certo ponto inusitado na história do século XX.

Quais seriam as causas do sucesso em apenas quatro décadas?

Além da eficiência administrativa, planejamento, crescimento econômico e estabilidade política, uma das respostas provavelmente é a existência de Forças Armadas poderosas, constituídas para garantir a independência e soberania da jovem nação, principalmente devido as suas fragilidades com relação a falta de recursos naturais, condições geográficas e populacionais.²⁶

Ao mesmo tempo teriam a função de auxiliarem no desenvolvimento econômico e na estabilidade do país no contexto do Sudeste Asiático, garantindo a sua segurança e a dos investidores externos. Desse modo foi criado um ambiente político e econômico estável, o que não foi sempre o padrão no Sudeste Asiático, fazendo de Cingapura uma *ilha de estabilidade* política e econômica na região. Deve ser destacada também a permanência no poder do PAP desde a independência, garantindo centralização política e continuidade administrativa nas políticas públicas nas áreas de defesa, economia, desenvolvimento urbano, educação, etc.

Em quatro décadas, Cingapura passou a ser elevada a condição de uma nação desenvolvida, que possui atualmente o 46º PIB do mundo - com cerca de 250 bilhões de dólares para uma população de aproximadamente 5 milhões de pessoas, com uma renda per capita de mais de 40 mil dólares por habitante.²⁷ Desse modo, fica claro que em

²⁶ Essa é uma pergunta constante dos cientistas sociais, cientistas políticos, internacionalistas, historiadores e economistas que se dedicam a estudar Cingapura. Qual seria o *segredo* do sucesso econômico, político e social da pequena cidade-estado, que parecia no início fadada ao fracasso? Essa foi a questão inicial principal desse trabalho e do interesse pelo tema por parte do autor, que ainda é pouco estudado no Brasil. Sobre essa questão ver o documentário: *The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger*. Discovery Channel, 2005.

²⁷ Sobre o Produto Interno Bruto em Cingapura, ver dados do Banco Mundial referentes ao ano de 2009 e divulgados a partir de 1 de julho de 2010 no site: http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP_PPP.pdf [acesso em 11/8/2011]. Sobre a população mundial ver os dados do Banco Mundial em: <http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/POP.pdf> [acesso em 11/8/2011]. Deve-se destacar que cerca de 3,7 milhões desse total, são habitantes residentes, o resto composto por pessoas em trânsito trabalhando em Cingapura devido ao seu dinamismo econômico. Com relação a população de Cingapura ver: *Geographic Distribution of the Singapore Resident Population* in: *Statistics Singapore Newsletter, September 2010*. Singapore: Singapore Department of Statistics, 2010.

pouco mais de duas gerações a cidade-estado deixou de ser um país em desenvolvimento, para se tornar desenvolvido, com um dos melhores índices econômicos e sociais da Ásia.

Uma das bases desse desenvolvimento é um Estado forte, contando com Forças Armadas bem estruturadas e uma Indústria de defesa dinâmica. Essas instituições visam garantir a soberania e a estabilidade da cidade-estado, frente as suas condições geopolíticas adversas.

De fato, a estrutura militar de Cingapura é um dos fatores fundamentais para manter a estabilidade e a garantia da segurança dos investidores externos na cidade-estado. Adotando assim um modelo semelhante aos dos países escandinavos, Israel e da Suíça sobre o papel destacado das FAC, como instituições de garantia de desenvolvimento econômico e social. Atuam como mantenedoras de um ambiente seguro para o desenvolvimento econômico e evitando a possibilidade de conflitos através do seu poder de dissuasão.

Outro fator importante relacionado à segurança é o papel fundamental do Estado, como ator e indutor do desenvolvimento econômico e social. Contando com uma força real presente no dia a dia de Cingapura, respondendo por cerca de 60% da economia e com uma presença altamente eficiente e constante em áreas como segurança, saúde, educação, habitação, saneamento, transportes, comunicações.²⁸

²⁸ Ver a terceira parte do documentário: The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005, que aborda a questão do papel do Estado e do desenvolvimento econômico em Cingapura a partir da sua independência em 1965.

Os períodos históricos de Cingapura entre 1819-2010

Visando uma breve análise do desenvolvimento econômico e social, considerando também a geopolítica e a segurança nos últimos 200 anos, a história de Cingapura poderia ser estruturada com a seguinte divisão em períodos históricos:²⁹

1819-1857 . Colônia britânica sob a tutela da Companhia das Índias Orientais, entreposto comercial na Ásia, funcionando como um *ponto de ligação* entre a Índia e a China e centro dos interesses econômicos e políticos britânicos. Sua fundação também foi uma forma de enfrentar a presença holandesa na região. Fase inicial de desenvolvimento como porto estratégico na Ásia. Base de apoio para a expansão do colonialismo britânico no Oriente, em direção tanto a Índia como a China.

Início dos conflitos entre o Império Chinês e o Reino Unido, nas chamadas *Guerras do Ópio*. Cingapura serve como base econômica e militar para a ação dos britânicos na China e na Índia. Consolidação do poder britânico na Ásia e da colonização de novos territórios na região.

1857-1942 . Colônia da Coroa a partir de 1857, passando para o Estado britânico a administração de Cingapura. Ocorre um maior desenvolvimento econômico como um dos portos mais importantes na Ásia. Após a inauguração do Canal de Suez em 1869, há um aumento da importância estratégica de Cingapura no comércio global e no transporte marítimo, dominado pelos britânicos. Ocorre também um aumento significativo da movimentação portuária na cidade e um crescimento econômico, que leva no final do século XIX o porto de Cingapura a ser uma dos mais movimentados do mundo.

No início do século XX ocorre a Primeira Guerra Mundial entre 1914 e 1918, como decorrência o valor estratégico e militar de Cingapura na Ásia para o Império Britânico ganha importância. Aumento da presença militar nas décadas de 1920 e 1930, visando criar a *Fortaleza*

²⁹ Essa divisão foi desenvolvida pelo autor, visando facilitar a análise da história de Cingapura, desde a sua fundação em 1819 até o ano de 2010.

de Cingapura+ na Ásia. Tornou-se assim a principal base naval e aérea britânica do no Sudeste Asiático.

Investimento nos estaleiros e aeroportos como bases de apoio para as missões militares na Ásia. Mas ao mesmo tempo dependia do apoio das frotas e da aviação militar britânica, sediadas em Hong Kong, Austrália e no próprio Reino Unido, para um eventual apoio e missão de defesa de Cingapura. Essa missão de apoio ocorreria no caso de um conflito com o Império do Japão, hipótese plausível já em meados da década de 1920.

1942-1945 . O Japão parte para a conquista militar em toda a Ásia com o ataque a base americana de Pearl Harbour em dezembro de 1941. A Campanha da Malásia e depois a Batalha de Cingapura ocorrem concomitantemente ao ataque aos americanos. Surpreendentemente a conquista da Malásia e de Cingapura ocorre em pouco mais de 2 meses, a maior derrota das forças militares britânicas na Ásia.

Isso acaba resultando na ocupação Japonesa por motivos geopolíticos para dominar o Sudeste Asiático e possibilitar o controle marítimo e militar da região e acesso aos seus recursos naturais. Cingapura cai em mãos japonesas em fevereiro de 1942, devido em grande parte a estratégia eficiente de cerco realizada pelos japoneses, inclusive cortando o suprimento de água da cidade. Ocorre o massacre da população local, em especial dos chineses. Cingapura dominada pelo Império do Japão é um dos principais símbolos da derrota britânica na Ásia durante a Segunda Guerra Mundial. Início do fim do Império Britânico na Ásia e declínio da noção de superioridade dos ocidentais em Cingapura. Surge o movimento nacionalista e a ideia de independência num futuro próximo.

1945-1955 . Colônia britânica, transição para a independência e aumento da convulsão política interna devido à decadência do Império Britânico. Crescimento dos movimentos comunistas inspirados pela Revolução Chinesa de 1949 e a expansão da %Emergência Comunista na Malásia+ no pós Segunda Guerra Mundial. Desenvolvimento do sentimento nacionalista em Cingapura e busca da independência

nacional, como ocorreu com as outras nações do Sudeste Asiático. Aumento das tensões políticas internas entre comunistas e não comunistas. Início da retirada gradual dos britânicos de Cingapura e passagem da administração da cidade-estado para a população local.

1955-1963 . Autonomia interna, rumo à independência plena e visando uma futura união com a Federação Malaia, também uma ex-colônia britânica que obteve sua independência em 1957. Ocorre a partir de então a independência gradual do Império britânico, crescimento da importância política do PAP . Partido da Ação Popular, que irá dominar o cenário político de Cingapura até a atualidade. Aumento da tensão política interna com os comunistas ganhando força nos sindicatos.

O PAP ganha as eleições de 1959, ficando no poder até os dias de hoje. Lee Kuan Yew é eleito Primeiro Ministro também em 1959, ficará no cargo até 1990. Projeto de emancipação nacional contando com amplo apoio da sociedade, visando à incorporação e formação da Federação da Malásia, unindo a Federação Malaia e Cingapura. É formado um novo país, com o nome de Federação da Malásia, resultado da junção dos dois nomes.³⁰

1963-1965 . União formal com a Federação Malaia, formando a Federação da Malásia, ou Malásia em 1963. Aumento das tensões entre o poder central em Kuala Lumpur e a busca de um status especial por parte da elite política de Cingapura em relação aos outros membros da Federação. Conflitos políticos e pessoais entre Lee Kuan Yew, Primeiro Ministro de Cingapura e o líder da Malásia Tunku Abdul Rahman, aumenta a tensão política. A disputa entre os malaios majoritariamente muçulmanos e a comunidade chinesa na cidade-estado, e o receio de mais conflitos étnicos, acabaram resultando na independência de Cingapura em 1965.

Independência inesperada, imposta pela Malásia, devido a confrontos políticos entre o poder central e a busca por parte de

³⁰ O *s e o i* são oriundos de *Singapore*, incluídos no nome do novo país, *Federation of Malaysia* em inglês, ou Federação da Malásia em português.

Cingapura e dos seus dirigentes de um status especial dentre os estados federados. A questão étnica da maioria chinesa em Cingapura em relação à minoria malaia, também foi determinante para independência e a expulsão da Federação da Malásia.

1965-2010 . Independência e desenvolvimento econômico após um início da trajetória como nação independente repleto de problemas étnicos e econômicos. Quatro décadas depois se torna um dos *Tigres Asiáticos* graças à ação do Estado na economia e também forjando um novo modelo de sociedade, criando uma nação próspera e industrializada em quarenta anos.

Dificuldades nas primeiras décadas e a busca de um modelo de desenvolvimento. Predomínio político via o PAP, fundação e crescimento das FAC, baseadas no modelo israelense. Consolidação como economia industrializada voltada para a exportação. Melhoria significativa dos índices sociais no país em poucas décadas. Ampliação do poder e do papel das FAC como as Forças Armadas mais equipadas e preparadas do Sudeste Asiático.

Cingapura se consolida como nação desenvolvida a partir de meados da década de 1990, amplia a sua importância global apesar dos seus limites territoriais e populacionais. Ocorre a partir desse momento uma *globalização* ainda maior de Cingapura, consolidando sua posição como um dos centros financeiros globais e de alta tecnologia da atualidade.

Trajетória política depois da Independência, o predomínio do PAP

Depois da independência da Malásia em 1965, a grande questão interna era associar segurança e desenvolvimento para um país que dependia inclusive da importação de água da Malásia, de alimentos de outros países e não possuía nenhuma riqueza natural como petróleo ou minerais. A grande vantagem era a sua localização geográfica, no centro da ligação entre o Sudeste Asiático e o Leste da Ásia.

Outro fator importante, decorrente inclusive dessas fragilidades, foi o investimento pesado no capital humano, via a educação e melhoria das

condições de vida. Essas ações do Estado foram a solução para os seus problemas de origem geográfica, étnicos, históricos e políticos, visando aumentar a solidariedade social e a coesão da sociedade.³¹

Essas questões ainda são significativas na cidade-estado, pois sua população conta com diversas origens étnicas, composta por indianos, malaios, chineses, europeus, mas com o predomínio da população chinesa, que compõe mais de 75% do seu total. Esse sempre foi um fator de instabilidade política e étnica em relação aos malaios e em menor escala indianos e europeus. Pouco antes da independência e ainda na década de 1960, conflitos étnicos violentos associados à crise econômica e pobreza levavam a crer que o futuro de Cingapura estaria condenado ao fracasso.

Todavia, mostrou-se exatamente o contrário. Um fator fundamental foi à centralização do poder via o PAP - Partido da Ação Popular, no poder desde o fim do domínio britânico, que foi criado como um partido nacional e não um partido étnico. Sua manutenção no poder forjou a segurança para os investidores ocidentais, assim como a visão do *socialismo asiático*, criado em Cingapura por Lee Kuan Yew Primeiro Ministro de Cingapura entre 1959 e 1990 e os dirigentes do PAP. Partido de inspiração socialista, que ao longo dos anos mostrou ser pragmático e acabou caminhando para parcerias com o capital internacional, ao atrair investidores ocidentais para patrocinar o crescimento de Cingapura, sem descuidar da melhoria dos índices sociais do país.

Lee Kuan Yew e os ~~país~~ *países fundadores* da nação, em meados da década de 1960, desenvolveram esse modelo peculiar de crescimento econômico, inspirado em parte no estado de bem estar social britânico, mas com um controle social centralizado e uma forte atuação do setor público na vida do país. Esse ~~Modelo de Cingapura~~ *Modelo de Cingapura* levou ao Estado, em Cingapura, a controlar até os dias de hoje cerca 60% da economia nacional e ao mesmo tempo desenvolver parcerias com o capital privado

³¹ O conceito de solidariedade social utilizado é baseado em: DURKHEIM, Émile. Fato Social e Divisão do Trabalho/ Émile Durkheim: apresentação e comentários Ricardo Musse. São Paulo: Atica, 2007 [Ensaio Comentado], pp. 29-75.

local e internacional. Entre as décadas de 1970 e 1990, o país efetivamente deixa o *terceiro mundo* e entra para o *primeiro mundo*, tornando-se um centro financeiro e uma plataforma de exportações de produtos manufaturados, petroquímicos, construção naval, serviços, biotecnologia, etc.³²

Para muitos analistas, o predomínio do PAP seria decorrente do modelo autoritário ou de democracia autoritária de Cingapura. Os autores Koninck e Margolin classificam o país como democracia autoritária ou modelo autoritário. Outros como Leifer e Huxley destacam o predomínio e a centralização do poder via o PAP como fatores fundamentais para o desenvolvimento de Cingapura. De qualquer modo, o modelo político de Cingapura ainda que não seja totalmente democrático liberal para os padrões ocidentais, como no Reino Unido, França, Canadá, EUA. Também não é um modelo autoritário como o encontrado em países asiáticos como Coréia do Norte, Vietnã ou como foram Filipinas e a Indonésia.

Cingapura congrega aspectos do modelo britânico de parlamentarismo com as denominadas características asiáticas. Ou seja, centralização de poder, obediência a hierarquia, papel significativo do Estado na economia e na vida da sociedade, predomínio do coletivo em relação ao individual, busca da melhoria das condições de vida da coletividade.

O modelo de desenvolvimento econômico de Cingapura, contando com a participação significativa do Estado na economia, incentivaram a parceria entre a livre iniciativa de multinacionais e empresas locais, contando com o controle político centralizado do PAP. Essas mudanças

³² The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005. em especial a terceira parte do documentário: 3. . Lion City . Asian Tiger. , que trata da trajetória do país entre a independência em 1965 até o seu aniversário de 40 anos em 2005. Sobre a importância da indústria petroquímica em Cingapura e o crescimento do seu papel como centro importador de petróleo e produtor de produtos nessa área, sendo atualmente o décimo país importador de petróleo no mundo em quantidade, ver os dados da IEA . International, do ano de 2010: <http://www.iea.org/textbase/nppdf/free/2010/key_stats_2010.pdf> [acesso em 31 de julho de 2011], pp. 22-23.

serviram inclusive de inspiração para as reformas econômicas adotadas pela República Popular da China - RPC, depois da morte de Mao Tse Tung, iniciadas em 1979 e que levaram ao desenvolvimento econômico da RPC e a sua posição atual como potência econômica global.³³

Outro fator importante é a relação com as comunidades chinesas ao redor da Ásia, fruto da *diáspora* chinesa ocorrida séculos atrás, principalmente em Hong Kong, Taiwan, Malásia e Indonésia. Essas relações culturais e étnicas com populações de origem chinesa, foram e ainda são importantes para o aumento do sucesso econômico de Cingapura. Através da parceria econômica com essas comunidades de mesma origem cultural e étnica, que utilizam Cingapura como uma plataforma segura para o desenvolvimento econômico dessas populações e do capital controlado por elas historicamente. Deve ser destacado que boa parte do capital utilizado no crescimento da RPC nos últimos anos tem essa mesma origem na diáspora chinesa. Nesse caso Cingapura também pode ter sido um modelo para a RPC.³⁴

Fatores para o desenvolvimento de Cingapura

Segundo Castells certos fatores levaram ao desenvolvimento econômico e ao predomínio do PAP na política de Cingapura desde 1965, inserindo a cidade-estado na economia global:³⁵

1 . Ambiente favorável para negócios com apoio do governo de Cingapura via incentivos a produção e custos de trabalho favoráveis, em relação a outros países.

³³ LEE, Kuan Yew. Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp. 626-672.

³⁴ A diáspora chinesa aconteceu a partir da expansão chinesa depois do século XV no Sudeste Asiático. Em muitos países aonde essas comunidades de origem chinesa se estabeleceram foi muito comum se dedicarem as atividades comerciais, industriais e financeiras. Sobre a diáspora chinesa ver: TROLLIET, Pierre. La Diaspora Chinoise. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, pp. 71-124.

³⁵ Ver CASTELLS, Manuel. The Developmental City-State in a open World Economy: The Singapore Experience. BRIE Working Paper-31, February 1988. Berkeley: Berkeley Roundtable on the international Economy. University of California, 1988, pp. 8-40. Nesse trabalho o autor detalha o desenvolvimento político e econômico de Cingapura entre as décadas de 1960 e 1980. Os dados citados a seguir foram baseados nessa fonte de pesquisa.

2 . Boa infraestrutura na área industrial, de negócios, transportes e comunicação, integrando Cingapura a economia global.

3 . Controle da inflação e do orçamento do governo e uma política monetária favorável ao ambiente de negócios.

4 . Política fiscal estável e um ambiente institucional que favoreça o investimento externo, somado a estabilidade política desde 1965, leia-se o PAP no poder.

5 . Flexibilidade das regulamentações do governo e instituições econômicas, mais aptas a adaptações das mudanças na economia global. Devido a tamanho de Cingapura, sua relação interdependente com a economia no exterior, e o controle do governo em relação às instituições. Essas características facilitariam mudanças rápidas.

Por outro lado, Castells também destaca a diversificação da economia de Cingapura, buscando a industrialização, principalmente na área de eletrônicos e maquinário. Também ocorreu a ampliação de atividades econômicas mais tradicionais associadas a história de Cingapura, como a indústria naval, reparos de navios e desde a Guerra do Vietnã e o aumento significativo da indústria de refino de petróleo, sendo Cingapura um dos principais centros da indústria petrolífera no mundo. Cabe destaque também a partir da década 1970 ao aumento da importância do setor de serviços, principalmente nas áreas de finanças, negócios, transportes e comunicações.³⁶

Poderiam ser destacados também os fatores que segundo Castells mantiveram o PAP no poder desde a independência em 1965 e criaram condições para o investimento e crescimento, criando um ambiente com vantagens competitivas em relação a outros países. Estabilidade social e política contando com apoio do Ocidente e a manutenção de relações internacionais estáveis e apoio da Comunidade Britânica de Nações, a *Commonwealth* e forças armadas poderosas e bem treinadas, organizadas segundo o modelo israelense. Deve ser destacada a aproximação estratégica entre Cingapura e os EUA desde a Guerra do

³⁶ Idem, op. cit, pp. 13-28.

Vietnã, quando Cingapura foi uma base de suporte para as forças norte americanas no Sudeste Asiático.

Com relação ao PAP, Castells aponta cinco fatores que contribuíram para a estabilidade política e social de Cingapura, mesmo com suas características autoritárias e centralizadoras, ou provavelmente por causa delas:

1 . O prestígio do PAP pela sua luta anticolonialista e a busca da independência

2 - A existência de um serviço público eficiente que possibilitou a existência de um governo limpo e com poucas denúncias de corrupção, especialmente para padrões regionais do Sudeste Asiático, aproximando mais Cingapura das democracias ocidentais.

3 . A repressão e o isolamento de movimentos de extrema esquerda no próprio PAP e na política interna de Cingapura.

4 . O controle dos sindicatos pelo PAP, segundo os parâmetros políticos ditados pelo partido.

5 . Políticas sociais do governo melhorando as condições gerais da população de Cingapura, tais como limpeza da cidade, novas moradias, planejamento urbano, etc, associados com o crescimento econômico e a diminuição dos movimentos grevistas.³⁷

Desse modo, o PAP teria obtido a hegemonia do processo político de Cingapura, hegemonia que ainda tem forte apoio da população atualmente, pois a cada eleição o PAP mantém a marca histórica de obter pelo menos 60% do total de votos, garantindo não somente a sua continuidade no poder, como a permanência das políticas públicas.

Outros autores, como Diane K. Mauzy e R.S. Milne destacam que a permanência do PAP no poder deve-se também aos seguintes fatores, que mantiveram o partido no poder desde a sua independência:³⁸

³⁷ Idem op. cit, pp. 13-40.

³⁸ A trajetória do PAP em Cingapura e a construção do Estado Nacional e os dilemas do partido para o futuro de Cingapura, estão em: MAUZY, Diane K.; MILNE, R.S. Singapore

1 . Histórico do partido e a sua luta pela independência, apoio dos sindicatos e da classe média, como a formação no Reino Unido da sua elite dirigente. Líderes políticos que estudaram ou foram formados pela sociedade britânica, seu sistema educacional e regime democrático, constituindo uma mentalidade ou *ethos* britânico, ainda que muitas vezes considerado *vitoriano* em demasia. Esse foi o caso de Lee Kuan Yew e outras lideranças do PAP.

2 **É** Valores que facilitaram a permanência do PAP no poder, numa sociedade multicultural e multiétnica e com necessidade de crescimento econômico³⁹:

Pragmatismo . O PAP não se define necessariamente como um partido de esquerda ou direita, num modelo de análise política clara segundo os padrões ocidentais. Define-se como um partido de origem socialista e seus fundadores quando estavam no Reino Unido tiveram a influência de movimentos socialistas, mas socialista *para padrões* de Cingapura.

Entretanto essa indefinição ideológica é proposital, facilitando ao PAP as adaptações aos momentos históricos e as condições políticas internas e externas, que possibilitaram a sua permanência no poder. Aproximando do Ocidente quando necessário, destacando os valores asiáticos, conceito vago, quando isso trazia benefícios, principalmente em momentos de eleição e de crise.

Elitismo . O PAP é um partido de quadros que privilegia a meritocracia e portanto dirigido por um grupo coeso e seleto de dirigentes que determinam os rumos do partido e de Cingapura. Com uma organização vertical, devido a sua origem de esquerda e a luta contra os comunistas nas décadas de 1950 e 1960, pode ser definido como um partido *profissional*, com uma ordem de progressão vertical baseada no mérito e em relações pessoais, mas mantendo fundamentalmente seu caráter multirracial.

Politics Under the People's Action Party. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2002, pp. 38-142.

³⁹ Idem op. cit, pp. 38-142.

Meritocracia . O partido é baseado na meritocracia, assim como o serviço público de Cingapura. Apenas os melhores com alto desempenho acadêmico, social e profissional progredem dentro do PAP.

Multirracismo . Devido à condição multiétnica de Cingapura, o PAP nunca foi somente um %partido chinês+, apesar de ser majoritariamente chinês por razões óbvias, já que a comunidade chinesa, ela mesma com divisões internas devido a suas origens de varias regiões da China, sendo 3/4 da população em Cingapura, predomina no partido. Entretanto dentro do possível tenta-se manter a harmonia entre chineses, indianos, malaios e europeus dentre os membros do partido, sempre levando-se em consideração a meritocracia.

Valores asiáticos . Conceito relativamente vago mencionado e propalado por Lee Kuan Yew e os líderes do PAP desde meados da década de 1980, valorizando as %características asiáticas+ como a vida comunitária, apreço ao trabalho, respeito a hierarquia, o coletivo predomina em relação ao individual, harmonia, etc. Esses valores estariam sendo %ameaçados+ pelo individualismo ocidental, daí a política oficial de valorizar a herança asiática, principalmente a cultura chinesa nos últimos anos.

Ethos vitoriano . Conservadorismo nas relações pessoais e familiares e dedicação ao trabalho, a família e a nação. Num modelo ideal a busca de um passado colonial repaginado e pasteurizado, se adequando as necessidades do PAP na atualidade. Destacando as vantagens da herança colonial e cultural britânica, como a língua e a administração pública, visando a harmonia e a valorização do trabalho dentre a população de Cingapura.

Confucionismo . Difusão por campanhas do governo, e por formação educacional de valores derivados do confucionismo. Tais como apreço a hierarquia, predomínio do coletivo, vida familiar, ética do trabalho. Evidentemente que tudo isso sob a ótica do PAP e tendo como justificativa a reorganização social e moral depois da independência em 1965 e o conseqüente desenvolvimento de Cingapura nas últimas décadas.

Vida comunitária . Defesa da vida comunitária, já que depois da reorganização urbana de Cingapura, o Estado misturou propositadamente as populações, visando diminuir as tensões étnicas e criar uma *noção de nação*, que se iniciaria pela família, vizinhos e pelo bairro. Desenvolvimento da vida comunitária com associações, clubes, áreas de lazer, visando garantir a coesão social.

Socialização . Extensão dos benefícios sociais através da melhoria das condições de vida, com uma política habitacional coordenada pelo Estado. Melhoria das condições econômicas e sociais, ampliação e reforma da educação, busca do nivelamento das diferenças sociais.

Além disso, existiriam como os valores fundamentais em Cingapura, defendidos pelo PAP:

- 1- Nação antes da comunidade e sociedade antes do indivíduo.
- 2- Família como a unidade básica da sociedade.
- 3- Apoio da comunidade e respeito para o individual.
- 4- Consenso, não o conflito.
- 5- Harmonia racial e religiosa.

Deve ser destacada também, a eficiência do PAP na administração da economia de Cingapura, garantindo mais de quatro décadas de crescimento e desenvolvimento econômico. O papel atual de destaque de Cingapura na Ásia e sua importância global deve-se em todos os sentidos, para o melhor e para o pior, a manutenção do PAP no poder desde 1959.

O desenvolvimento econômico e a industrialização de Cingapura

Vários autores, como Castells, Huff, Margolin, Rodan, Koninck, destacam que o desenvolvimento econômico de Cingapura a partir do final da década de 1960 em diante foi baseado numa economia voltada para a exportação, visando não somente os mercados regionais do

Sudeste Asiático, mas fundamentalmente o mercado global e os países desenvolvidos.⁴⁰

O projeto inicial de uma economia de substituição de importações, associada ao desenvolvimento industrial da Federação da Malásia, com Cingapura atuando como porto de exportação e interconexão no Sudeste Asiático, foi substituído por outro de uma economia voltada para exportação devido à independência. É possível estabelecer certos pontos de semelhança com a trajetória econômica de Hong Kong, e em menor escala repetindo o padrão de Taiwan, Coréia do Sul e principalmente o Japão pós Segunda Guerra Mundial como modelos econômicos a serem seguidos.⁴¹

Fatores externos novamente foram importantes para os rumos da história de Cingapura, como desde a sua criação em 1819. A Guerra Fria e a Revolução Cultural na RPC contribuíram para o apoio do capital internacional ao desenvolvimento industrial de Cingapura desde a década de 1960, temendo a expansão comunista no Sudeste Asiático.⁴²

Um fator importante deve ser destacado, a infraestrutura que o Império Britânico construiu por mais de cem anos foi mantida e ampliada pelo novo governo do PAP, inclusive com apoio britânico. Cingapura aproveitou as suas melhores condições, portuárias e geográficas e buscou minimizar as suas fragilidades: populacionais, falta de recursos naturais, território pequeno.

⁴⁰ CASTELLS, Manuel. The Developmental City-State in a open World Economy: The Singapore Experience. BRIE Working Paper-31, February 1988. Berkeley: Berkeley Roundtable on the international Economy. University of California, 1988; HUFF, W.G. The Economic Growth of Singapore. Trade and development in the twentieth century. Cambridge/New York/Melbourne, 1997; MARGOLIN, Jean-Louis. Singapour 1959-1987. Genèse d'un nouveau pays industriel. Paris: L'Harmattan, 1989; RODAN, Garry. The Political Economy of Singapore's Industrialization: National State and International Capital. London: Macmillan Press, 1989; KONICK, Rodolphe De. Singapour. La cité-État ambitieuse. Paris: Édition Belin/La documentation Française, 2006.

⁴¹ CASTELLS, Manuel. The Developmental City-State in a open World Economy: The Singapore Experience. BRIE Working Paper-31, February 1988. Berkeley: Berkeley Roundtable on the international Economy. University of California, 1988, pp. 40-72.

⁴² The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005.

Também deve ser destacada a formação britânica da elite dirigente do PAP, formada no Reino Unido e ciente das necessidades da construção de um estado de bem estar social. Isso tudo associado a um serviço público, ou *Civil Service* em inglês, pautado pela meritocracia, racionalidade e eficiência, a herança da Companhia das Índias Orientais e da administração pública de origem britânica deveria ser mantida e melhorada.⁴³

Amaury Porto de Oliveira destaca a importância do planejamento, da ciência e tecnologia e da educação para o desenvolvimento industrial e crescimento econômico de Cingapura, com um modelo voltado para a exportação, propondo os seguintes pontos importantes:⁴⁴

1 . A permanência no PAP no poder e a liderança de Lee Kuan Yew. Com as influências do *Socialismo Fabiano* adquiridas na Inglaterra durante sua formação universitária, transformou Cingapura numa *cidade jardim* e promoveu uma ideologia industrializante via o PAP.

2 . Adoção a princípio de uma ideologia do modelo econômico de industrialização de substituição de importações, recomendado pelo Banco Mundial desde 1955, como uma política geral para as nações recém-independentes no Sudeste Asiático. Os dirigentes de Cingapura pensavam em industrializar a cidade para atender o mercado da Malásia. Com a expulsão de Cingapura da Federação da Malásia, esse projeto tornou-se inviável.

4 . Sendo um país pequeno, sem recursos, fundado como entreposto comercial pelos britânicos, o futuro de Cingapura parecia incerto. Seus trunfos eram sua posição geográfica, uma população

⁴³ MARGOLIN, Jean-Louis. *Singapour 1959-1987. Genèse d'un nouveau pays industriel*. Paris: L'Harmattan, 1989 e também: KONICK, Rodolphe De. *Singapour. La cité-État ambitieuse*. Paris: Édition Belin/La documentation Française, 2006.:

⁴⁴ OLIVEIRA, Amaury Banhos Porto de. *Ciência e Tecnologia na Preparação do Futuro. O Estado Recorre à P&D em Cingapura*+in: *Cartas de Cingapura. No 11, junho de 1990*. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais-IPRI/Fundação Alexandre Gusmão-FUNAG/CNPq, 1990, pp. VII-IX. Tendo sido embaixador do Brasil em Cingapura no final da década de 1980, o autor viu em loco o processo de transformação da cidade-estado. Devido as suas funções diplomáticas manteve também contato constante com a elite dirigente de Cingapura e os membros do PAP. Agradeço ao Embaixador Amaury Porto de Oliveira por ter fornecido esse trabalho e outros citados na bibliografia. As referencias a seguir são oriundas da obra citada.

laboriosa, razoavelmente educada e com certo domínio da língua inglesa. Na década de 1960 esses fatores colaboraram com a inserção de Cingapura no mercado internacional, que passou a exercer um papel importante na divisão internacional do trabalho a partir daquele momento histórico, adaptando a cidade-estado com o mundo da tecnologia. Essa tarefa coube aos dirigentes do PAP e seu projeto nacional de busca do desenvolvimento, visando agora uma economia voltada para a exportação.

5 . O enorme crescimento econômico de Cingapura a partir da década de 1960 é resultado de uma grande inversão de capitais, conduzida de modo eficiente. A %acumulação primitiva+ de capitais em Cingapura ocorreu com grande apoio das companhias e do capital multinacional. Mas deve ser destacado o papel da poupança interna na formação do capital doméstico, correspondendo a aproximadamente de 74% do capital doméstico bruto na década de 1980. O restante 26% vieram do exterior. Cingapura *nunca optou pelo endividamento externo* para fomentar seu desenvolvimento.

6 . Todo esse processo foi conduzido pelo Estado, *numa política clara de estado desenvolvimentista*. O planejamento estatal somado ao capital estrangeiro, sempre tiveram condições muito favoráveis de desenvolvimento e investimento em Cingapura. O Estado planeja a atração constante do capital estrangeiro para Cingapura, mas orienta o processo de industrialização conforme as suas prioridades.

7 . O elevado investimento estrangeiro e as rendas oriundas do seu crescimento são revertidos em Cingapura para ações sociais na educação e em fundos de poupança. Toda essa renda é gerada pelo setor público, que na década de 1980 já contava com mais de 400 empresas estatais, gerando novas fontes de poupança. Entre 1974 e 1985 o setor público contribuiu para aproximadamente 45% da poupança bruta no país.

8 . No período colonial a exportação de matérias primas exportadas através de Cingapura fizeram florescer vários capitalistas de origem chinesa. O capital acumulado por esses capitalistas chineses deu

origem ao fortalecimento do capital financeiro e o desenvolvimento do setor de serviços e construção civil. Entretanto o PAP manteve a %autonomia política+, tanto em relação a elite financeira de Cingapura, como em relação aos setores mais a esquerda nos sindicatos, controlados fortemente pelo governo.

9 . O PAP soube se adaptar as transformações globais da economia, sempre apostando nas vantagens de Cingapura. Num primeiro momento a construção naval e o porto geograficamente estratégico foram as peças mais destacadas do processo de industrialização de Cingapura. Com a Guerra do Vietnã Cingapura se torna um grande centro de refino de petróleo, ganhando mais recursos devido as crises do petróleo na década de 1970, tornando-se inclusive um dos grandes centros mundiais na construção de plataformas petrolíferas. Essa foi a trajetória até 1979, naquilo que o PAP e os seus lideres denominaram como a %Primeira Revolução Industrial+, que deveria ser superada a seguir.

10 . A %Segunda Revolução Industrial+ propunha que Cingapura buscasse um novo papel na divisão internacional do trabalho. Ou seja, desenvolver a indústria de Cingapura apoiada na Ciência e Tecnologia, visando a exportação de produtos com mais valor agregado. Para tanto o Estado aumentou os salários, investiu na educação e pesquisa e melhorou a infraestrutura do país. O PAP buscava flexibilizar ainda mais a capacidade de inserção de Cingapura como novo país industrializado na divisão internacional do trabalho.

11 . Autores como Garry Rodan e Manuel Castells destacaram a importância da %Segunda Revolução Industrial+ para o processo de crescimento da economia de Cingapura depois de 1979, como a sua inserção na economia global.

12 . As empresas multinacionais norte americanas e europeias aderiram com mais ênfase a esse processo, diferente das empresas multinacionais japonesas, que posteriormente reverteram o quadro de abandono de investimentos em Cingapura. Mesmo com o processo de melhoria da infraestrutura de Cingapura e o aumento de salários, o

ambiente ainda era favorável as multinacionais. Mas para o PAP o processo de modernização da economia ainda deixava a desejar.

13 . A crise econômica de 1985 levou a uma revisão crítica das metas a serem alcançadas pela %Segunda Revolução Industrial+ pela liderança do PAP. A meta agora seria entrar na %Terceira Revolução Industrial+, mas com um aumento do esforço próprio, não contando tanto com a colaboração do capital internacional.

14 . A meta agora era alcançar o nível de desenvolvimento tecnológico de outros países industrializados recentemente na região da Ásia-Pacífico. O Estado passou a coordenar investimentos em educação, Pesquisa e Desenvolvimento. Baseado num modelo exportador, a fragilidade de Cingapura frente as oscilações da economia internacional deveria ser combatida com maior produtividade, treinamento e melhoria geral dos níveis educacionais da população. Isso iniciou-se com a parceria entre: governo, indústrias e universidades em Cingapura.

15 . Passou o Estado a investir de modo pesado em Pesquisa e Desenvolvimento, visando manter Cingapura no estado arte nas seguintes áreas: tecnologia das informações, biotecnologia e biomecânica, robótica e inteligência artificial, microeletrônica, tecnologia do laser e eletro ótica, tecnologia das informações.

16 . O órgão do Estado responsável por todo esse processo é o Conselho de Ciência, que atua conjuntamente com a Universidade Nacional de Cingapura, o Instituto de Biologia Molecular e Celular, o Instituto da Ciência dos Sistemas, o Instituto de tecnologia da Informação e o Instituto Tecnológico Nanyang. Todas as instituições acadêmicas citadas mantêm parcerias com as indústrias de Cingapura, buscando aperfeiçoar o desenvolvimento de produtos e fomentar o desenvolvimento de tecnologias importantes para o desenvolvimento nacional.

17 . Foram lançados pelo Conselho de Ciência esquemas de promoção para Pesquisa e Desenvolvimento, com apoio financeiro, estímulo a inovações tecnológicas, e investimentos em inovações

tecnológicas através de companhias incipientes e treinamento de pessoal qualificado nessas áreas.

18 . A atividade de Pesquisa e Desenvolvimento é realizada no Parque da Ciência, construído próximo da Universidade e Institutos de pesquisa, contando com a participação de indústrias privadas norte americanas e japonesas nesse processo. Gastou em média 1% do Produto Nacional Bruto nessa área.

19 . Apesar das suas limitações territoriais e naturais Cingapura passou a ser um grande centro de serviços integrado a economia global já em meados da década de 1980.⁴⁵

Os fatores destacados por Amaury Porto de Oliveira sobre as transformações econômicas e tecnológicas de Cingapura na passagem da década de 1980 para a de 1990, explicam em parte o processo de aumento da importância das FAC em Cingapura.

Com o país mais rico e tecnologicamente mais avançado foi possível a partir de meados da década de 1990 e início do século XXI, investir mais em gastos militares, como ampliar a indústria bélica nacional ancorada num processo de desenvolvimento tecnológico e produção industrial em maior escala, como será visto mais a frente.

A importância das Forças Armadas para o desenvolvimento e a estabilidade política de Cingapura

O desenvolvimento econômico alcançado por Cingapura nas últimas décadas possibilitou gastos relativamente constantes, de até 5% do PIB, em forças armadas. Isso ocorreu de modo semelhante a Israel, país que inspirou a estrutura militar adotada por Cingapura. A cidade-estado buscou o fortalecimento das Forças Armadas desde a década de 1960, mesmo antes do crescimento econômico do país.

Segurança e defesa sempre foram prioridades do Estado em Cingapura, seguindo e adaptando modelos oriundos de Israel, Suíça e Suécia. Esses países possuem situações geopolíticas semelhantes

⁴⁵ Idem, op. cit.

àquelas encontradas por Cingapura; população pequena, territórios não muito extensos e vizinhos maiores e com grande concentração populacional. Esses modelos também serviram de inspiração para o país asiático organizar as suas forças armadas. Outro fator importante foi o de serem ao longo dos anos fornecedores de armamentos e também aliados estratégicos, ou seja, Cingapura buscou parcerias estratégicas com esses países.⁴⁶

A indústria de defesa em Cingapura seguiu o modelo da economia e das outras empresas no país, buscando dinamismo e presença no cenário internacional, grande participação do Estado e ao mesmo tempo incentivo a livre iniciativa com parcerias com grandes empresas multinacionais. Basicamente a economia de Cingapura foi estruturada com empresas estatais, empresas multinacionais e empresas locais. O governo de Cingapura ficou com o controle de áreas estratégicas, como transportes, infraestrutura e defesa.

No caso da indústria bélica, a participação do Estado e as parcerias com as potências militares ocidentais, foi bastante ampliada, com acordos com os EUA, França, Alemanha, Suécia e Israel, que substituíram aos poucos a importância do Reino Unido no fornecimento de equipamentos e doutrinas. Ocorreram também acordos estratégicos e parcerias na área de segurança na Ásia e Oceania com Taiwan, Austrália e Nova Zelândia.⁴⁷

A questão da manutenção da segurança, associada ao desenvolvimento econômico, sempre foi uma meta fundamental a ser seguida pelas FAC, como a colaboração dos países da ASEAN, visando manter a estabilidade regional, mas mantendo as FAC como as mais modernas e eficientes do Sudeste Asiático. O cenário da Guerra Fria também ajudou no desenvolvimento econômico de Cingapura com parcerias estratégicas e econômicas com países ocidentais, com ênfase para os EUA, Europa Ocidental e na Ásia com o Japão.

⁴⁶ HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp.172-228.

⁴⁷ Idem, op. cit, pp. 196-228.

Basicamente as FAC buscam a eficiência como paradigma, uma característica marcante em Cingapura, aonde a disciplina do trabalho associadas a valores asiáticos; como respeito à hierarquia e o predomínio da coletividade em relação a questões individuais, são à base do desenvolvimento do país.

Cingapura, pelas suas características históricas e geográficas, sempre se mostrou um laboratório para mudanças sociais e adaptações de modelos oriundos de outros países e culturas. Talvez por ser multicultural e multiétnica, Cingapura sempre conseguiu dar *a sua feição* a modelos externos, criando um modelo local de desenvolvimento econômico e social, o mesmo pode ser aplicado a sua indústria bélica e as FAC.

Cingapura e a geopolítica regional e global

Uma condição significativa possibilitou o desenvolvimento hipertrofiado das FAC. A geografia da ilha ou a relação geopolítica de Cingapura com a região do Sudeste Asiático.⁴⁸ A posição estratégica de Cingapura no Sudeste Asiático foi fundamental para o início da sua colonização pelos britânicos a partir de 1819, numa região dominada até aquele momento pelos holandeses, na região da atual Indonésia.

Em termos geopolíticos, a localização de Cingapura ao sul da península Malaia, possibilitou sempre um controle estratégico da navegação em direção ao leste da Ásia, diga-se China e Japão principalmente, e de mercadorias oriundas da Europa e da Índia. A passagem pelo estreito de Malaca, que desemboca em Cingapura, sempre foi um dos pontos de passagem mais estratégicos do mundo e visto pelas potências como um local de disputa marítima, desde o início da expansão marítima europeia no século XV.

No século XX a independência dos países do Sudeste Asiático depois da Segunda Guerra Mundial, aprofundou a disputa pela soberania dos estreitos da região, e das superpotências pela livre navegação em

⁴⁸ LEIFER, Michael. Singapore's Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 68-97.

uma região tão estratégica na Ásia. EUA, URSS, Japão e a RPC sempre questionaram e fizeram um verdadeiro jogo de xadrez geopolítico na região.

Cingapura mesmo contando com o apoio dos países do Ocidente e dos EUA durante a Guerra Fria, também era um porto estratégico para a manutenção e reparo dos navios da frota soviética. Desse modo pragmático fazia negócios com os dois lados opostos durante a Guerra Fria. Em Cingapura negócios e pragmatismo em benefício da cidade-estado sempre foram importantes e estão em primeiro lugar.⁴⁹

Após a Guerra Fria, Cingapura teve que se adaptar à geopolítica do Sudeste Asiático e da Ásia, baseada não mais numa ordem bipolar, mas sim numa ordem multipolar. Com o fortalecimento de várias potências regionais na Ásia, Cingapura terá que ampliar e rever suas relações diplomáticas, econômicas e militares ao longo das primeiras décadas do século XXI, com as seguintes nações:⁵⁰

República Popular da China - RPC

Como potência regional, cada vez mais amplia a sua influencia e poder em toda a Ásia, na realidade retomando um papel histórico de potencia regional ou centro regional de poder. É uma potência nuclear e membro do Conselho de Segurança da ONU e atualmente a segunda economia do mundo. Impõe mais economicamente seu poder e os seus interesses nacionais através da sua politica externa na Ásia, mas não ainda militarmente como os EUA, mesmo tendo aumentado significativamente nos últimos anos seus gastos militares.

⁴⁹ A disputa sobre a soberania dos estreitos do Sudeste Asiático desde o início da presença europeia na região foi estudada detalhadamente por: LEIFER, Michael. International Straits of The World. Malacca, Singapore, and Indonesia. Sijhoff & Noordhoff International Publishers: Alphen aan den Rijn, 1978, pp. 6-50 e pp. 149-178.

⁵⁰ A geopolítica da Ásia e do Sudeste Asiático e o papel de Cingapura é tratada detalhadamente em: PELLETIER, Philippe; ANQUETIL, Nicole; BOQUÉRAT, Gilles; GENTELLE, Pierre; WEISSBERG, Gabriel. Géopolitique de LqAsie. Paris: Nathan, 2009, pp. 143-252 e também sobre a relação de Cingapura com as potências no mundo ver: LEIFER, Michael. Singapore`s Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 98-130.

Nesse sentido em termos econômicos e políticos Cingapura, até pela sua população chinesa, é um ator importante para a RPC. Existe também a questão da relação histórica entre Cingapura e Taiwan, mas em termos econômicos não tem afetado a relação com a RPC. As parcerias econômicas entre os dois países tem aumentado, principalmente através de investimentos de Cingapura na própria RPC.

Índia

Assim como a China busca retomar o seu papel histórico de centro de poder na Ásia e ampliar sua atuação na região do Oceano Índico. Potência nuclear tem problemas com o Paquistão desde a sua independência, tendo inclusive entrado em guerra com esse país nas décadas de 1960 e 1970. Entretanto a Índia tem sido uma parceira histórica de Cingapura em termos estratégicos e econômicos, além da ligação com a população de origem indiana na cidade-estado.

Japão

Potência econômica regional e global, não possui o poder nuclear da RPC e da Índia e depende dos EUA para a sua defesa e conduta da política externa. As relações econômicas entre o Japão e Cingapura sempre foram importantes, apesar do passado violento durante a Segunda Guerra Mundial e da ocupação japonesa. Com a ascensão da RPC como potência regional nos últimos 30 anos, o Japão perdeu espaço na economia e na política da Ásia. Porém como aliado preferencial dos EUA, o Japão também é um ponto de apoio para Cingapura e a parceria econômica histórica com Cingapura continua.

Coréia do Sul

Parceiro econômico de Cingapura desponta como potencia econômica regional na Ásia do século XXI, com grande possibilidade de parceria tecnológica com Cingapura. Como aliado dos EUA também funciona como um ponto de apoio para Cingapura na área econômica e política na Ásia, como um possível parceiro estratégico no caso de uma crise política regional.

Indonésia

Vizinho com imensa população muçulmana aparece como parceiro econômico, mas em termos hipotéticos de conflito um possível adversário. Entretanto cada vez mais aumenta a parceria econômica entre os dois países, interligando cada vez mais as duas economias. A ligação econômica entre a Indonésia, Cingapura e a Malásia, no denominado %triângulo do crescimento+tem diminuído as tensões históricas.

Malásia

Potencialmente o principal rival em termos militares e geopolíticos, devido a sua importância no fornecimento de água para Cingapura. Entretanto nas últimas duas décadas, apesar da retórica nacionalista na Malásia, ampliou a cooperação com Cingapura, sendo seu principal parceiro econômico. A região que engloba o sul da península malaia, Cingapura e partes da Indonésia estão cada vez mais interconectadas economicamente, diluindo até certo ponto a rivalidade histórica entre essas nações e ampliando cada vez mais as parcerias econômicas.

Rússia

O potencial de parceria econômica aumentou depois da Guerra Fria é maior também em anos recentes, devido a participação da Rússia em organismos internacionais na região da Ásia . Pacífico. País fornecedor de alguns equipamentos militares para Cingapura nos últimos anos. Entretanto pela sua distância geográfica, tem em Cingapura um porto estratégico para a sua frota de navios mercantes na trajetória do Pacífico para o Índico. Devido aos seus imensos recursos naturais, pode vir a ser um parceiro importante na área econômica e tecnológica em Cingapura, através ao aumento das parcerias entre os dois países.

Política externa de Cingapura

A Política externa de Cingapura é analisada geralmente em duas direções:

1 . A manutenção da soberania e da segurança devido as vulnerabilidades da cidade-estado, no que poderia ser descrita como uma *política realista e pragmática*. Essa é a linha mais afinada ao realismo nas relações internacionais e seria a proposta por Huxley e Leifer principalmente.⁵¹

2 . A busca de novas inserções no cenário internacional, ampliando as parcerias com outras nações e incentivando o regionalismo no Sudeste Asiático, somado aos acordos bilaterais. Essa é a posição de Acharya, que ainda engloba elementos da posição citada anteriormente.

Desde a independência Cingapura exerceu sua política externa com grande habilidade. Buscando desse modo, garantir a soberania nacional, a sua viabilidade como nação independente e a participação efetiva em organismos internacionais, sem descartar as parcerias com os EUA e potencias ocidentais. Acharya destacando a visão mais convencional da política externa de Cingapura, como a proposta por Leifer, enfatiza três pontos principais:

1 . Cingapura tem a sua política externa ditada pelo fato de ser em Estado pequeno.

2 . O principal propósito de Cingapura em relação a sua política externa é garantir a sua sobrevivência como nação independente.

⁵¹ A Política externa de Cingapura e as suas vertentes é analisada detalhadamente por: ACHARYA, Amitav. Singapore's Foreign Policy. The Search for Regional Order. London: World Scientific Publishing/Institute of Policy Studies, 2008, pp. 13-120. Sobre a visão de Tim Huxley ver: HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 24-72 e a visão de Leifer ver: LEIFER, Michael. Singapore's Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 10-67.

3 . Devido a essa logica de sobrevivência, é necessário um entendimento e uma postura realista na politica externa e na segurança nacional.⁵²

Entretanto Acharya destaca que a política externa de Cingapura seria muito mais complexa e sofisticada, pois iria além dos três pontos fundamentais citados. Poderia ser destacada a participação de Cingapura em vários organismos internacionais, no Sudeste Asiático e na região da Àsia-Pacífico. Destaca também o apoio de Cingapura a uma economia mais globalizada.

Outro ponto importante seria a busca de soluções pacíficas e negociadas para conflitos internacionais, ainda que a segurança e a defesa sejam fatores fundamentais da politica de Estado em Cingapura no inicio do século XXI. Para isso aumentou sua parceria estratégica com os EUA, principalmente após o 11 de setembro de 2001, visando combater o terrorismo internacional.

Com o fim da Guerra Fria a politica externa *realista* de Cingapura foi se moldando a um mundo multipolar, ampliando parcerias com outros países, principalmente a Malásia e a Indonésia, como a participação em fóruns e organismos internacionais. Outra transformação importante foi a ampliação da ação global de Cingapura no início do século XXI, com novas parcerias econômicas, conquista de novos mercados e a afirmação da condição de uma cidade global de serviços.

⁵² ACHARYA, Amitav. Singapore`s Foreign Policy. The Search for Regional Order. London: World Scientific Publishing/Institute of Policy Studies, 2008, pp. 13-120, os dados a seguir são oriundos dessa obra.

Parte 1

A Formação das Forças Armadas de Cingapura e a consolidação do Estado Nacional.

Em busca de um modelo de Forças Armadas: a parceria com Israel

Nada mais assustador para a classe política e a população de uma nação do que começar um país a partir de uma situação inesperada de autonomia política, ainda mais quando a independência não era desejada e a construção do Estado Nacional ainda estava nos seus primórdios. Pior ainda, não ter tido forças armadas criadas ao longo do processo de libertação nacional, durante as lutas pela independência, que teriam possibilitado a defesa do território nacional. Como se não bastasse, ainda por cima num clima de crise econômica, hostilidade política das nações próximas, num cenário regional com vizinhos imensos mais poderosos e potencialmente ameaçadores e ainda com divisões políticas e étnicas internas. Realmente um quadro desanimador se desenhava para o futuro de Cingapura.⁵³

Essa era a situação em Cingapura em 9 de agosto de 1965, quando Primeiro Ministro de Cingapura, Lee Kuan Yew, muito consternado, foi a televisão nacional anunciar a independência de Cingapura da Federação da Malásia. O futuro não parecia promissor e a possibilidade de conflitos era grande na região naquele momento. A Malásia se livrava de Cingapura e deixava a cidade-estado sozinha para resolver seus problemas políticos e sociais, solucionando também o problema étnico; ou seja, a população chinesa e num certo sentido a

⁵³ As imagens do dia da independência e a fala consternada e surpresa do Primeiro Ministro Lee Kuan Yew, podem ser vistas na terceira parte do documentário: The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005. Sobre o conflito entre a Indonésia e a Malásia: LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York. Routledge, 1996, p. 89.

indiana, ambas presentes em Cingapura, que poderiam ameaçar a maioria étnica malaia da população na Federação da Malásia.

Havia ainda a ameaça comunista na Malásia e a hostilidade entre a Indonésia e a Malásia resultando no conflito denominado *Confrontação*, *Konfrontasi* em indonésio ou *Confrontation* em inglês. Opondo a Indonésia contra a Malásia e Cingapura, que contavam com o apoio militar do Reino Unido e da Comunidade Britânica de Nações.

Esse conflito era devido a postura agressiva da Indonésia, sob o comando naquele momento do presidente Sukarno, líder nacionalista e também do movimento dos países não alinhados, que era contra a constituição da Federação da Malásia e a presença britânica na região, visto pela Indonésia como uma forma de continuação do colonialismo europeu no Sudeste Asiático. Buscando criar um ambiente de insegurança na região, a Indonésia visava a intervenção de organismos internacionais e das maiores potências no período, EUA e possivelmente a URSS, para eliminar a possível volta do colonialismo europeu. Com incursões e ataques contra alvos na Malásia e em Cingapura a *Confrontação* durou de 1963 a 1966.⁵⁴

Por outro lado, a *Guerra Fria* e o conflito no Vietnã estavam num período de crescimento na Ásia em meados da década de 1960. A questão da segurança, tão importante para Cingapura e outros países na região, estava na ordem do dia. Esses acontecimentos reforçaram a percepção pela elite política local, ou seja, o PAP no poder desde 1959, da fragilidade da ilha no cenário geopolítico do Sudeste Asiático.

Ainda com a memória recente da violenta ocupação japonesa entre 1942 e 1945 na Segunda Guerra Mundial e a vulnerabilidade geográfica e geopolítica de Cingapura, a segurança nacional e constituição das Forças Armadas, foram duas prioridades fundamentais na formação do novo país.

⁵⁴ KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 141 e também: LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York. Routledge, 1996, p. 89.

Em 1966, outro fator iria completar o quadro de problemas enfrentado pela cidade-estado no cenário externo na Ásia. O início da Revolução Cultural na República Popular da China e o medo da expansão comunista no Sudeste Asiático. Com uma população majoritariamente de origem chinesa, o perigo da expansão do comunismo na ilha era uma realidade próxima e plausível, além do conflito do Vietnã e a presença militar americana na Ásia também nesse período.⁵⁵

O serviço nacional e o nascimento da indústria de defesa

Uma decisão fundamental feita pelo governo de Cingapura em 1967 mudou a história da cidade-estado e na estruturação das FAC, o estabelecimento em 1967 para a população masculina do serviço nacional obrigatório, com duração de dois anos.⁵⁶

Seguindo o modelo israelense, as FAC poderiam apenas ter alguma capacidade bélica se pudessem ter um contingente considerável e com a possibilidade de uma rápida mobilização.

Além de suprir as necessidades de meios humanos para as FAC, também serviria para moldar um caráter nacional, num país composto por chineses, malaios, indianos e europeus, o serviço nacional seria a base da unidade nacional, socializando a juventude e criando um conceito de nação. Também no final da década de 1960 foram dados os primeiros passos para a formação da indústria bélica local, baseada no modelo israelense e contando com apoio do Estado para isso, como mais uma política industrial a ser implementada.⁵⁷

A estabilidade política interna: o predomínio do PAP

O desenvolvimento econômico alcançado por Cingapura em poucas décadas foi possível em grande parte graças à estabilidade política interna do país entre 1965 e 2010, ou seja, o predomínio do PAP

⁵⁵ LEE, Kuan Yew. Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp. 342-378.

⁵⁶ KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp.373-374.

⁵⁷ HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 93-121 e 172-195.

como o partido no poder na cidade-estado. A continuidade e a busca da formação de quadros no partido e no serviço público fundados na meritocracia, também foram fatores importantes para a sua consolidação no poder.

Considerada por analistas ocidentais como um modelo autoritário, ou de uma democracia com limitações, em Cingapura o fato de o PAP permanecer tanto tempo no poder, mesmo com a oposição atuando, ainda que com limitações, deve-se mais ao seu caráter pragmático do que apenas a existência de um regime autoritário. Não houve em Cingapura nada semelhante aos regimes de outros países asiáticos, como a Coreia do Norte ou as Filipinas na era Marcos. Nesse ponto Cingapura se assemelha ao caso do Japão até a década de 1990, quando desde o pós Segunda Guerra Mundial prevaleceu na política japonesa o Partido Liberal Democrático - PLD.

O sistema eleitoral em Cingapura e o processo das eleições sempre foram considerados limpos, tanto que desde o início da década de 1980 a oposição vem obtendo algumas cadeiras no parlamento. Cingapura segue o modelo britânico de parlamentarismo com algumas adaptações, mas o PAP permanece no poder de forma relativamente confortável desde a independência em 1965, sempre obtendo pelo menos 60% dos votos em cada eleição.

Comparando com outros países da própria ASEAN, Cingapura apesar da sua centralização de poder num único partido, não teve desde a sua independência uma ditadura ou regime militar. É possível falar em predomínio partidário ou autoritarismo, mas ao mesmo tempo a oposição sempre teve algum espaço na vida política local, inclusive participando do parlamento. Deve ser destacado que o sucesso do PAP talvez esteja relacionado com a eficácia e racionalidade administrativa e um possível pragmatismo do eleitorado de Cingapura desde a independência.⁵⁸

⁵⁸ MAUZY, Diane K.; MILNE, R.S. Singapore Politics Under the People's Action Party. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2002, 38-142.

O PAP e a política de defesa de Cingapura

O predomínio da segurança como um dos pilares da política interna e externa de Cingapura foi devido à atuação política do PAP e do projeto de Estado que os dirigentes do partido pretendiam implantar depois da independência. Era necessário tornar viável a independência e a sustentabilidade de Cingapura como país independente.⁵⁹

O crescimento econômico era uma meta do PAP desde a sua fundação em 1954, associado com a criação de um estado de bem estar social em Cingapura, como destaca Margolin sobre o início da trajetória do partido em Cingapura nos tumultuados anos cinquenta, antes da independência, e também na década de 1960. Mas a independência, de certa forma inesperada, demonstrou a fragilidade estratégica de Cingapura e a falta de segurança do país. Como um país poderia ser independente sem possuir forças armadas equipadas e eficientes para defender a sua soberania nacional?⁶⁰

É num momento de instabilidade no campo internacional, durante a Guerra Fria, que ocorre a independência. A partir daí a defesa passou a ser um dos pilares fundamentais da política do PAP e dos seus líderes, pois desde a independência em 1965 o partido está no poder e buscou sempre garantir essa posição a cada eleição. A defesa vinha em primeiro lugar.

Porém havia ainda outro problema fundamental, quem iria ajudar a cidade-estado a estabelecer suas Forças Armadas? Esse tipo de instituição necessita pelo menos de uma geração para se consolidar e desenvolver um *ethos* e conhecimento prático para a sua efetividade. Ao mesmo tempo é necessário certo grau de industrialização para abastecer as forças armadas e minimizar a dependência de equipamentos militares oriundos de outros países.

⁵⁹ LEIFER, Michael. Singapore's Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 43-67.

⁶⁰ MARGOLIN, Jean-Louis. Singapour 1959-1987. Genèse d'un nouveau pays industriel. Paris: Éditions L'Harmattan, 1989, pp. 121-173.

Nesse sentido três questões fundamentais provavelmente foram pensadas pela elite política de Cingapura:

1 - Qual seria o custo das despesas militares para um país subdesenvolvido, independente há pouco tempo e em crise econômica e na fase inicial da sua industrialização?

2 - Quem garantiria a segurança se Cingapura no cenário regional do Sudeste Asiático e no contexto da Guerra Fria?

3 . Como Cingapura garantiria sozinha sua defesa, formação das Forças Armadas e soberania nacional, com um território pequeno e carente de recursos naturais e que fora invadido e dominado na Segunda Guerra Mundial pelas forças Armadas do Império do Japão com relativa facilidade?

Essas eram questões que decididamente influenciaram a elite dirigente da nova nação na busca da prioridade em relação a defesa nacional como uma política pública prioritária na constituição do estado nacional, e com o passar dos anos foi aumentando em importância.

As forças militares do Reino Unido iriam se retirar das suas bases ao leste do Suez depois de 1967, ficando com forças militares na Ásia basicamente em Hong Kong e em menor escala em Brunei. Paulatinamente o poder militar do império britânico ia aos poucos perdendo força na Ásia e no resto do mundo, aumentando a fragilidade de Cingapura no cenário estratégico e geopolítico do Sudeste Asiático. Ocorria nesse momento o predomínio militar dos EUA na Ásia, seguidos pela URSS e a RPC.⁶¹

Num primeiro momento, Cingapura buscou a ajuda na área militar com a Índia e o Egito, países em desenvolvimento, com importância significativa no cenário internacional naquele período e líderes do movimento anticolonial. Entretanto Cingapura não obteve a ajuda esperada dessas duas ex-colônias britânicas, como destaca em suas memórias o Primeiro Ministro Lee Kuan Yew. Cingapura estava sozinha

⁶¹ LEIFER, Michael. *Singapore's Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia)*. London/New York: Routledge, 2000, pp. 69-130.

frente a vizinhos mais poderosos, a Malásia e a Indonésia, numa situação estratégica e geopolítica de extrema fragilidade.⁶²

Sem contar com o apoio desses países, Cingapura procurou auxílio num país novo e de pequena extensão territorial como Cingapura, também formado por imigrantes e cercado por vizinhos hostis e majoritariamente muçulmanos. Porém já contava com larga experiência militar devido aos conflitos que tinha participado desde a sua independência. Esse país era Israel.⁶³

A aproximação estratégica de Cingapura com Israel contemplava interesses. Pelo lado de Cingapura com a constituição das suas Forças Armadas e a busca da autonomia na defesa nacional, por parte de Israel a possibilidade de apoio de mais um país do ~~terceiro~~ mundo+ a sua existência, ainda que no início o apoio militar tenha sido sigiloso e apenas recentemente tenha sido divulgado. Para Israel também seria um ponto de inflexão da sua política externa e da expansão da sua indústria bélica, adentrando em um novo mercado, no Sudeste Asiático. Seria de fato a *primeira missão militar israelense* em larga escala em outro país.

A *missão militar israelense* era semelhante às missões militares dos países europeus na América Latina no início do século XX. A relação entre Israel e Cingapura encontra pontos em comum com as missões militares da Alemanha, França e Reino Unido na América Latina, que deixaram marcas profundas nas Forças Armadas e polícias latino-americanas até os dias de hoje. Em muitos casos ainda rivalizando até os dias atuais com a influência militar dos Estados Unidos no pós Segunda Guerra Mundial. A missão israelense permaneceu em Cingapura até a década de 1970, e até a atualidade as relações estratégicas e militares entre Cingapura e Israel são bem sedimentadas.

⁶² Idem, op. cit, 69-130.

⁶³ LEE, Kuan Yew. A História de Cingapura. São Paulo: Editora Globo, 2008 e do mesmo autor: Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. São Paulo: Editora Globo, 2008, pp. 32-52. E o documentário: The Singapore History: 1. . . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005.

Cingapura manteve assim o predomínio do *modelo israelense de forças armadas* até a atualidade. Foi constituído um exército de cidadãos, baseado na conscrição universal como forma de forjar na nova nação o sentimento de nacionalidade. O documento oficial do Ministério da Defesa de Cingapura sobre o período inicial da trajetória das Forças Armadas demonstra isso. Citando a ausência da capacidade de defesa, contando com apenas mil soldados, dois navios e sem a existência de uma força aérea.⁶⁴

Outro fator importante foram alguns pontos de semelhança entre a história das duas novas nações e as perseguições sofridas pelos seus povos durante a Segunda Guerra Mundial pela Alemanha e o Japão respectivamente. Esse fator de reconhecimento de fragilidades, também geopolíticas e históricas, podem ter auxiliado na aproximação militar entre os dois países. A política de perseguição implacável dos inimigos do nazifascismo, ou seja, judeus na Europa e chineses na Ásia, encontrava pontos de semelhança nas duas novas nações.

Na memória coletiva dos dois povos, a noção de segurança como primeira preocupação do Estado e a ameaça oriunda de nações vizinhas, majoritariamente muçulmanas e densamente povoadas, influenciaram as duas sociedades. Essas condições semelhantes podem ter ampliado as relações diplomáticas e militares entre elas ao longo dos anos, formando uma aliança estratégica na prática.

Entretanto *algumas diferenças devem ser pontuadas* em relação a essas comparações, pois ainda que o modelo militar israelense tenha sido

⁶⁴ LIM, Elaine. 1965. Independence of Singapore: *This Month in History*. Singapore: Joint Manpower Department, Vol 1, Issue 8, August 1997, disponível no site oficial do Ministério da Defesa de Cingapura em: <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/about_us/history/birth_of_saf/v1n08_history/jcr_content/imindefPars/0002/file.res/Aug1997.pdf> [acesso em 27/6/2011], a seguir a citação de fragilidade de Cingapura sem Forças Armadas estruturadas para a defesa do país: "An urgent priority after independence was to build up Singapore's own defence capability. Singapore then had only two infantry battalions of 50 officers and some 1.000 men and two ships. There was no airforce. Singapore's armed forces had to be created virtually from scratch. With its small population and the need to channel resources to economic development, it was decided that Singapore's defence would be based on citizen armed forces." Em Israel o modelo de conscrição universal foi criado tendo como base o modelo do Exército Francês, o mesmo foi feito em Cingapura com o seu serviço nacional.

adotado em Cingapura, existem trajetórias históricas distintas entre as duas nações e os seus povos:

1 . O Massacre dos Judeus na Europa, que evidentemente foi muito maior do que aquele ocorrido contra a população chinesa em Cingapura e teve um impacto não apenas entre os judeus, mas como um dos grandes massacres do século XX, ficando na memória da população mundial desde a Segunda Guerra Mundial. No caso de Cingapura, o massacre em relação aos chineses pelas tropas japonesas entre 1942-1945, ficou mais destacado como um massacre regional ou asiático, equivalente ao que o Japão praticou na China durante a década de 1930 e na Segunda Guerra Mundial, mas não foi tão destacado no Ocidente.

Entretanto, na memória coletiva da população da cidade-estado de Cingapura o sentimento de fragilidade e abandono por parte dos britânicos e do Ocidente durante a Segunda Guerra Mundial, forçou a solução %temos apenas nós mesmos+ para garantir a sobrevivência do novo estado nacional. Esse fato serviu também para demonstrar que o mito de invencibilidade dos ocidentais tinha sido destruído pelo Império do Japão entre 1942 e 1945. Era necessário armar a população para a sua defesa e a própria sobrevivência do país.

2 . Cingapura não nasceu com uma guerra de independência como Israel, e não esteve em guerra constantemente com os vizinhos desde então. A sua separação da Malásia foi pacífica e inusitada como destaca Dallari, imposta pela Malásia, por formação derivada e fragmentação, auxiliando na fase inicial da formação do Estado Nacional.⁶⁵ Por outro lado, o confronto entre guerrilheiros comunistas e as tropas britânicas na Malásia, %A Emergência na Malásia+entre as décadas de 1950 e 1960, era de fato uma guerra na Malásia, com Cingapura no meio do furacão.

Isso levou a uma sensação de fragilidade devido ao conflito assimétrico no país, com a possibilidade de uma guerra de guerrilha

⁶⁵ DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado. São Paulo: Editora Saraiva, 2011, p. 64

clássica na década de 1960, como o aumento de ataques terroristas e atentados. Além do medo da influência da Revolução Cultural na RPC em relação à população chinesa em Cingapura.

3 . O modelo israelense implicava em uma preparação total da população de Cingapura para um conflito intenso e preferencialmente rápido. Baseado no exemplo clássico de *guerra relâmpago*, devido às fragilidades estratégicas e geopolíticas de Cingapura, uma ilha de 700 Km² sem *hinterland* e dependente do exterior para o fornecimento de alimentos e fundamentalmente água, oriunda da Malásia. Nesse sentido, as fragilidades com relação aos recursos naturais *aproximam os casos de Cingapura e Israel* e podem explicar a aproximação na área militar entre os dois países nas últimas quatro décadas.

4 . Porém devido a sua fragilidade geopolítica, semelhante a Israel, desde a década de 1960, Cingapura tem buscado parcerias regionais com seus dois maiores vizinhos, Malásia e Indonésia, inclusive no campo militar, buscando a aproximação em vez do confronto. Nesse sentido se distingue de Israel, na prática em estado de guerra com seus vizinhos desde 1948. Cingapura busca através da sua atuação na ASEAN aumentar as parcerias políticas e econômicas com os países do Sudeste Asiático, visando à criação de um ambiente de cooperação na região. Deve ser destacado o papel vital da diplomacia de Cingapura buscando sempre alianças regionais e também com potências ocidentais, ainda presentes em termos militares com acordos e exercícios periódicos, ou seja; EUA e Reino Unido, contando também com o apoio da Austrália e da Nova Zelândia.⁶⁶

5 . Cingapura ao contrário de Israel não aumentou o seu território de forma considerável graças a conflitos com os seus vizinhos. Enquanto Israel conquistou novos territórios nas guerras de 1948, 1956, 1967 e 1973, Cingapura apenas aumentou seu território com o processo da criação de aterros na sua ilha principal e nas ilhas próximas. Aumentando

⁶⁶ Ver a respeito, o site oficial do Ministério da Defesa de Cingapura: <<http://www.mindef.gov.sg/imindef/home.html>>, [acesso em 23/6/2012] aonde os constantes exercícios militares com as forças armadas da Indonésia, Malásia, Brunei, Tailândia e outros países da região são divulgados com frequência.

em cerca de 20% o tamanho do território nacional desde 1965, com sua utilização ao seu favor, criando áreas novas para o desenvolvimento econômico do país. Isso também livrou Cingapura do problema que Israel enfrenta com os territórios ocupados e a hostilidade da população residente nesses locais.

A aplicação do *modelo israelense* nas FAC traria vantagens para Cingapura nas décadas de 1960 e 1970, devido a um fator estratégico . o fornecimento de material bélico de segunda linha, porém modernizado, por parte de Israel. Uma solução relativamente barata para um Estado Nacional ainda em formação e na condição de subdesenvolvimento.⁶⁷

O mesmo modelo foi seguido em relação ao Reino Unido e aos EUA, com relação ao Exército, Força Aérea e a Marinha de Cingapura, essa última força recebeu menos atenção em seu processo de formação e crescimento, sendo modernizada e ampliada em menor escala. Fato revertido somente no início do século XXI quando a Marinha de Cingapura obteve capacidade de atuação oceânica. Também nesse sentido se assemelhou ao modelo israelense.

Desde o início, com base no modelo israelense, o Exército - a Força Terrestre era a base principal das Forças Armadas. Subordinadas as suas atividades estratégicas estavam às outras duas forças: Força Aérea e Marinha. De fato a Força Aérea e a Marinha irão ser realmente efetivas na segunda metade da década de 1970, ocorrendo primeiro a modernização da Força Aérea e depois da Marinha, com um histórico semelhante a trajetória das Forças de Defesa de Israel nos conflitos do Oriente Médio entre 1948 e 1982.⁶⁸

Ficou claro que a opção da origem dos armamentos seria o Ocidente e privilegiando o padrão da OTAN e de outros países que utilizam tecnologia militar nos moldes ocidentais, como Israel e a Suécia.

⁶⁷ Sobre a trajetória dos países subdesenvolvidos a partir da década de 1950: LACOSTE, Yves. Le País Sous-Développés. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, pp. 3-18 e pp. 59-126.

⁶⁸ HOGG, Ian V. Israeli War Machine. London/New York/Sydney/Toronto: Hamlyn, 1983, pp 26-111.

Cingapura seria um país com o modelo militar ocidental, basicamente uma mescla de influências do Reino Unido, Israel, EUA, Suécia e França, fontes principais dos armamentos e doutrinas militares das FAC.

Mais de cento e cinquenta anos de influência militar britânica não seriam descartados, pelo contrário, assim como em muitas outras áreas Cingapura iria mesclar e aproveitar influências externas para forjar o seu modelo em qualquer área, com características cingapurianas. O pragmatismo sempre foi uma característica de Cingapura desde a independência, com a adoção de modelos exitosos, mesmo que tivessem origem no exterior. Era necessário somente adaptar os modelos externos as condições de Cingapura.⁶⁹

Durante as décadas de 1960 e 1970, devido principalmente a falta de recursos, Cingapura adquiriu equipamento de segunda mão, mas modernizado segundo os padrões israelenses, americanos e europeus. A obsolescência de um equipamento militar é relativa, navios, aeronaves e blindados podem ser utilizados por quarenta ou até cinquenta anos, desde que sejam constantemente atualizados ao estado da arte. O recondicionamento de equipamentos militares é mais vantajoso em termos econômicos e tecnológicos e também é uma forma de desenvolver a indústria bélica local.⁷⁰

Cingapura seguiu o modelo de Israel também com relação a sua indústria bélica, modernizando equipamentos adquiridos de outros países. A partir da década de 1980, Cingapura passou a adquirir equipamentos de primeira linha, importando diretamente dos países fornecedores e sempre que possível montando sob licença equipamentos militares localmente. Buscando assim fomentar o desenvolvimento da indústria bélica local, padrão seguido até a atualidade. A partir do final da década

⁶⁹ O *padrão OTAN* é encontrado nas Forças Armadas ocidentais na Europa, EUA, América Latina e países aliados dos EUA.

⁷⁰ Em várias forças armadas do mundo equipamentos com três décadas de uso ou mais, são modernizados para ficarem pelo menos mais uma década na linha de frente das suas Forças Armadas. Exemplos disso ocorrem nos EUA, países da OTAN, Rússia, Índia, República Popular da China, Brasil, com aviões, tanques, navios e outros equipamentos militares.

de 1990, Cingapura passa a desenvolver mais seus próprios equipamentos militares, com projetos originais desenvolvidos localmente.

A Origem dos equipamentos militares de Cingapura de 1965 até a década de 1990

A origem dos equipamentos militares de Cingapura indica a relação militar da cidade-estado com as principais potências militares ocidentais, EUA, países da OTAN e Europa Ocidental, além de Israel e a sua opção pelo bloco Ocidental no contexto da Guerra Fria. É significativa a quantidade e a diversidade de equipamentos militares adquiridos para um país tão pequeno, demonstrando a importância da sua política de defesa.

É possível identificar também transações triangulares, como por exemplo, equipamentos de origem francesa e americana sendo fornecidos para Cingapura por outros países e não pelos produtores originais dos armamentos. Nas décadas de 1970 e 1980 o apoio material americano, britânico e francês, por vias indiretas ou diretas foi fundamental para a estruturação das FAC.

Os dados foram obtidos no site do SIPRI: <http://www.sipri.org/contents/armstrad/at_data.html> [acesso em 19 de fevereiro de 2012], tabela baseada em dados gerados pelo: SIPRI- *Arms Transfers Database - Stockholm International Peace Research Institute* [SPRI] da Suécia. A seguir a lista de países exportadores, a origem e os tipos dos armamentos importados entre 1965 e 1990. Estão indicados, sempre que possível, o ano da encomenda dos equipamentos e o ano final da entrega:

Canadá:

30 JT-15 Turbofan . Turbinas a jato, para os 30 jatos de treinamento S-211 de origem italiana, recebidas entre 1984 e 1987.

França:

8 AS-316B Alouette-3 - Helicópteros leves, recebidos entre 1968 e 1969.

20 T-33 T-Bird - Jatos de origem norte-americana para treinamento, recebidos entre 1979 e 1983.

7 AS-350/AS-550-Fennec - Helicópteros leves, recebidos em 1983.

6 TSM-2064 ASW - Sonares para as 6 Corvetas com mísseis da Classe Victory oriundas da República Federal da Alemanha, recebidos entre 1990 e 1991.

14 AS-532 Cougar/AS-332 - Helicópteros de transporte e salvamento/SAR, recebidos entre 1989-1993.

200 MILAN-2 - Mísseis antitanque, recebidos entre 1989-1992.

22 AMX-10P - Blindados de combate e apoio, recebidos entre 1990 e 1993.

22 AMX-10/PAC-90 - Blindados de apoio, recebidos entre 1990 e 1994.

Montados em Cingapura, sob licença da França:

22 AS-532 Cougar/AS-332 - Helicópteros médios de transporte, recebidos entre 1984-1988.

20 AS-350/AS-550 Fennec - Helicópteros leves, sendo 10 AS-550A2 . Helicópteros armados com canhões de 20mm e 10 AS-550C2 . Helicópteros armados com mísseis antitanques TOW, recebidos entre 1990 e 1992.

Republica Federal da Alemanha:

Montados em Cingapura, sob licença da República Federal da Alemanha:

6 TNC-45 - Lanchas de Combate, recebidas entre 1970-1976, 4 produzidas em Cingapura denominadas classe Sea Wolf.

6 MGB-62/Type-62 - Corvetas recebidas entre 1986-1991, 5 produzidas em Cingapura denominadas classe Victory.

Índia:

150 AMX-13/Model 51 - Tanques leves de origem francesa, recebidos entre 1972 e 1975.

24 Centurion-3 - Tanques pesados de origem britânica recebidos em 1975.

Israel:

40 AMX-13/Model-51 - Tanques leves de origem francesa, recebidos entre 1968 e 1969.

90 Gabriel-1 - Mísseis antinavio para as lanchas de combate TNC-45 Sea Wolf, recebidos entre em 1970-1976.

12 M-58 160mm . Morteiros, recebidos entre 1970 e 1972.

50 M65 120mm . Morteiros, recebidos entre 1970 e 1972.

45 M-68/M71 155mm - Peças de artilharia, recebidas entre 1971 e 1972.

38 M-68/M71 155mm - Peças de artilharia, recebidas entre 1976 e 1977.

6 EL/M-2221 STGR - Radares de controle de tiro para as Corvetas da classe Victory para a utilização dos Mísseis antiaéreos Barak, recebidos entre 1986 e 1991

60 Scout UAV . Aeronaves não tripuladas de vigilância aérea, recebidas entre 1988 e 1991.

Itália:

16 SF-260MS - Aviões de treinamento, recebidos entre 1969 e 1971.

12 SF-260WS - Aviões de treinamento com armamento, recebidos entre 1979 e 1982.

100 A-244/S 324mm - Torpedos antissubmarino para as Corvetas da classe Victory, recebidos entre 1986 e 1991.

6 Super Rapid 76mm - Canhões navais, para as Corvetas da Classe Victory, recebidos entre 1986 e 1991.

Montados em Cingapura, sob licença da Itália:

30 S-211 . Jatos de treinamento e combate, recebidos entre 1984 e 1987.

Jordânia:

2 C-130B Hercules . Aviões de transporte pesado de origem norte-americana, recebidos entre 1976 e 1977.

Kuwait:

4 Bell-205/UH-1D . Helicópteros de transporte de origem norte-americana, recebidos em 1984

Holanda:

3 WM-20 . Radares de controle de combate, para as lanchas de combate classe Sovereignty, recebidos entre 1968 e 1971.

1 Endeavour . Lancha de patrulha, recebida em 1970.

6 WM-20 . Radares de controle de combate para as lanchas de ataque TNC-45 da classe Sea Wolf, recebidos entre 1972 e 1976.

Nova Zelândia:

2 T-4 Airtourer . Aviões de treinamento, recebidos entre 1969 e 1972.

Omã:

5 BAC-167 Strikemaster . Jatos de treinamento e combate de origem britânica, recebidos em 1977.

Ilem do Sul:

5 Jet Provost . Aviões de treinamento de origem britânica, recebidos entre 1974 e 1975.

4 BAC-167 Strikemaster . Aviões de treinamento de origem britânica, recebidos em 1975.

Suécia:

6 SAK-70 Mk 157mm . Canhões Navais para as 6 lanchas de ataque da classe Sea Wolf, recebidos entre 1972 e 1976.

4 Giraffe-40 . Radares de busca aérea, recebidos em 1978.

6 Sea Giraffe-150 . Radares de busca aérea para as 6 corvetas da classe Victory, recebidos entre 1987 e 1991.

Montados em Cingapura, sob a licença da Suécia:

500 RBS-70 - Mísseis antiaéreos portáteis, recebidos entre 1978 e 1981.

Suíça:

8 Super-Fledermaus - Radares de controle de tiro para uso nos canhões antiaéreos L/70 40mm, recebidos entre 1973 e 1974.

34 GDF-35mm . Canhões antiaéreos, recebidos entre 1978 e 1980

17 Super-Fledermaus . Radares de controle de combate, para uso nos canhões antiaéreos GDF-002 35mm, recebidos entre 1979 e 1980.

150 AMX-13/model 51 . Tanques leves de origem francesa, recebidos entre 1979 e 1980.

Reino Unido:

15 Ferret . Blindados de reconhecimento, recebidos em 1965.

1 LCT-8 . Navio de desembarque, recebido em 1965.

16 BAC-167 Strikemaster . Aviões de treinamento e combate, recebidos entre 1969 e 1970.

88 Bloodhound-2 . Mísseis antiaéreos, recebidos em 1969.

47 Hunter . Caças bombardeiros para missões de combate, reconhecimento e treinamento, modernizados para o padrão Hunter FGA-74, FR-74A, T-75A, F-74B, recebidos entre 1969 e 1973.

6 Skyvan . Aviões de transporte, patrulha marítima e salvamento, recebidos entre 1972 e 1976.

3 Cymbeline . Radares, recebidos entre 1975 e 1976.

6 Blindfire . Radares de controle de combate para uso com 12 sistemas de mísseis antiaéreos Rapier, recebidos entre 1981 e 1983.

12 Rapier . Sistemas de mísseis antiaéreos, recebidos entre 1981 e 1983.

250 Rapier-1 . Mísseis antiaéreos, recebidos entre 1981 e 1983.

Montados em Cingapura sob licença do Reino Unido:

1 Ford . Barco de patrulha, fabricado em Cingapura em 1956, classe Panglima, recebido em 1967.

4 Ayer . Lanchas de desembarque, recebidas entre 1968 e 1969.

6 Vosper Type-A/B . Lanchas de patrulha, sendo 4 produzidas em Cingapura, classes Independence e Sovereignty, recebidos em 1968.

País desconhecido

5 Bell-205/UH-1H . Helicópteros de origem norte-americana, recebidos entre 1982 e 1984.

EUA:

8 Cessna-172/T-41 . Aviões de treinamento, recebidos em 1968.

1 Cessna-411 . Avião leve de transporte, recebido em 1970.

30 Commando V-100 APC . Blindados de transporte, recebidos em 1969.

250 Commando V-200 APC . Blindados armados com canhões de 20mm e 90mm, morteiros e versão ARV, recebidos entre 1970 e 1971.

12 M-60 AVLB . Tanques de apoio, recebidos em 1970.

8 M-728 AEV . Tanques de apoio, recebidos entre 1970 e 1972.

1 LST-1 . Navio de desembarque, classe Endurance, recebido em 1971.

47 A-4B Skyhawk . Caças bombardeiros, modernizados para a versão A-4S e TA-4S antes da entrega, sendo que 32 foram modernizados em Cingapura com componentes americanos, recebidos no início da década de 1970.

300 M-113 . Blindados para transporte de tropas, recebidos entre 1973-1974.

1 NA/TPS-43 . Radar de busca aérea, recebido em 1975.

40 Commando V-150 . Blindados de transporte e combate, recebidos entre 1975-1976.

2 Adjutant . Navios caça minas, classe Jupiter, recebidos em 1975.

400 AIM-9J/P Sidewinder . mísseis ar . ar para uso nos caças F-5E Tiger 2, recebidos entre 1976 e 1980.

21 F-5E Tiger 2 . Caças bombardeiros de combate, incluindo 3 modelos F-5F, recebidos entre 1976 e 1979.

5 LST-1 . Navios de desembarque da classe Endurance, recebidos em 1976.

16 M-114A1 155mm . Canhões, recebidos entre 1976 e 1977.

17 Bell-205/UH-1H . Helicópteros, recebidos entre 1977 e 1978.

3 Bell-212/UH-1N . Helicópteros para transporte, busca e salvamento/SAR, recebidos entre 1977 e 1978.

6 C-130B/H Hercules . Aviões de transporte, recebidos entre 1978 e 1980.

500 M-113A1 . Tanques blindados para transporte de tropas, recebidos entre 1978 e 1980.

20 Bell-204/UH-1B . Helicópteros, recebidos em 1980.

6 F5E Tiger 2 . Caças bombardeiros de combate, recebidos entre 1980 e 1981.

6 I-HAWK . Sistemas de mísseis antiaéreos, recebidos entre 1982 e 1983.

500 MIM-23B HAWK . Mísseis antiaéreos, recebidos entre 1981 e 1983.

3 F5E Tiger 2/F 5F . Caças bombardeiros de combate, recebidos entre 1981 e 1983.

200 AIM-9J/P . Sidewinder mísseis ar . ar, recebidos entre 1982-1983.

8 A-4B Skyhawk . Caças bombardeiros modernizados para a versão TA-4S1, recebidos na década de 1980.

4 E-2C Hawkeye - Aviões de vigilância aérea, recebidos entre 1983 e 1988.

6 F5E Tiger-2 . Caças bombardeiros de combate, recebidos entre 1984 e 1985.

350 V-53 . Motores a diesel para a modernização dos tanques leves de origem francesa AMX-13 para o padrão AMX-13SM-1, recebidos na década de 1980.

48 AGM-65 Maverick . Mísseis ar . solo para os caças bombardeiros F-16, recebidos entre 1985-1988.

64 AIM-9J/P Sidewinder . Mísseis ar . ar para os caças F-16, recebidos entre 1985 e 1988.

8 F-16A/B . Caças bombardeiros, recebidos entre 1985 e 1988.

4 AR-320 . Radares de busca aérea, recebidos entre 1986 e 1988.

1 KC-130 Hercules . Avião de transporte e reabastecimento aéreo, recebido em 1988.

150 RGM-84 Harpoon . Mísseis antinavio para as corvetas da classe Victory e as lanchas de ataque TNC-45 Sea Wolf, recebidos entre 1986 e 1994.

1 C-130 H Hercules . Avião de transporte recebido em 1987.

8 F-5E Tiger 2/F-5F . Caças bombardeiros, incluídos 3 F-5F, recebidos entre 1987 e 1989.

200 M-113A2 . Tanques blindados para transporte de tropas, recebidos entre 1988 e 1989.

24 A-4B Skyhawk . Caças bombardeiros, modernizados em Cingapura para o modelo A-4S1 com componentes americanos, recebidos entre 1989 e 1990.

3 AN/TPQ-36 Firefinder . Radares, recebidos entre 1989 e 1990.

3 AN/TPQ-37 Firefinder . Radares, recebidos entre 1989 e 1990.

200 BGM-71 TOW . Mísseis antitanque, da versão BGM-71C ITOW para os helicópteros AS-550C2, recebidos entre 1990 e 1996

80 F-404 . Turbinas a jato da versão F-404-GE-100, para a modernização realizada em Cingapura de 80 caças bombardeiros A-4S para a versão A-4SU e TA-4SU, recebidas entre 1990 e 1994.

A formação das FAC

A missão israelense teve na década de 1960 uma função fundamental e pedagógica, forjar um espírito militar cingapuriano baseado em características originárias israelenses e com adaptações as condições sociais de Cingapura. O modelo mais democrático do Exército de Israel, de fato um exército de cidadãos não contendo uma casta de oficiais, prevaleceu em termos em Cingapura.

A influência do Exército Britânico com larga experiência colonial e uma sociedade fortemente influenciada pelo confucionismo como Cingapura, se acomodava melhor numa estrutura militar mais estratificada, tendo em vista a formação de um exército de cidadãos, mas em um país com forte tradição colonial britânica, também na área militar.⁷¹

Os primeiros equipamentos das FAC depois da independência foram fuzis americanos *M 16* para organizar a defesa do país. No início da década de 1970 Cingapura se tornou um grande produtor do *M16* sob licença dos EUA, fornecendo para países do Sudeste Asiático como Tailândia e Filipinas, e aproximando-se estrategicamente do Ocidente como um centro fornecedor de armamentos para região, em plena Guerra Fria. Cingapura irá se tornar também a partir daí um grande exportador de armas leves⁷²

Depois vieram os tanques *AMX 13* franceses, modernizados em Israel, assim como armamento de uso pessoal, fuzis, pistolas, uniformes, etc. No início da década de 1970, caças a jato *Hunter*, reconicionados, vieram do Reino Unido para Cingapura, lanchas de ataque e navios de

⁷¹ Sobre a influência britânica na formação inicial das FAC ver: EONG, CPT Lawrence. *Rethinking the British Legacy . British Withdrawal and Origins of the Singapore Armed Forces, 1966-1971.* + Pointer. *Journal of The Singapore Armed Forces.* Vol 36. No 2, 2011, pp. 22-31, disponível em: <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/publications/pointer/journals/2011/v37n2/jcr_content/imindefPars/download/file.res/Binder%20V37N2%202011LR.pdf> [acesso em 14/4/2012]

⁷² KOH, Tommy [et. ali]. *Singapore: The Encyclopedia.* Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 458 e também: ROTTMAN, Gordon L. *The M 16.* Oxford, Osprey Publishing, 2011, pp. 34-36

transporte, oriundos da República Federal da Alemanha e dos Estados Unidos.

Da França também vieram helicópteros de pequeno porte. Mesmo com dificuldades financeiras, desde o início da formação do Estado Nacional, Cingapura demonstrava para os seus vizinhos a disposição de constituir Forças Armadas equipadas e preparadas para qualquer eventualidade. Sempre contando com o apoio da Europa Ocidental, EUA e principalmente de Israel.

A defesa nacional passou a ser provavelmente a prioridade número um em Cingapura em termos de política pública. Todavia para existirem forças armadas poderosas seria necessário ter também uma economia em expansão. Na década de 1980 já registrando um crescimento econômico considerável, os gastos com defesa aumentaram assim como o reequipamento das FAC, iniciando um processo de maturidade que iria se consolidar no princípio da década de 1990.

O Exército buscou modernizar e ampliar a organização da sua força blindada, efetivamente realizando a mecanização da força terrestre. Foram modernizados os tanques AMX13 franceses e M113 americanos, visando também dar mais dinamismo a indústria bélica local. Através da reforma e modernização desses equipamentos, foi gerada e ampliada a capacidade e o conhecimento nessa área, como na geração de empregos localmente, que possibilitou avanços no desenvolvimento de blindados fabricados em Cingapura no início do século XXI.

A Força Aérea e o modelo israelense de poder aéreo

A prioridade foi dada para a Força Aérea como força de dissuasão através do poder aéreo. Para isso foram adquiridas aeronaves de ataque a jato. A Força Aérea era a prioridade na modernização das FAC, seguindo a doutrina militar israelense de domínio do espaço aéreo em qualquer conflito.

Foram comprados nos EUA caças bombardeiros *A-4 Skyhawk* reconicionados, o mesmo modelo utilizado com sucesso pelos EUA no conflito do Vietnã. Dos EUA também vieram helicópteros *U-H Huey* que

também foram utilizados no Vietnã. Cingapura contava a princípio com uma Força Aérea para apoiar o Exército em guerras assimétricas, de caráter revolucionário e com atuação de guerrilhas, como tinha sido na *Emergência da Malásia* e na *Confrontação* entre as décadas de 1950 e 1960.

Ainda com relação à Força Aérea, ocorreu o início da era supersônica a partir de 1979, com a aquisição de dois esquadrões de caças supersônicos *F-5 Tiger 2* americanos nas missões de interceptação e combate aéreo. Para um país que em poucos minutos um avião supersônico pode cruzar todo seu espaço aéreo, essa nova aquisição foi fundamental para aumentar o poder dissuasório de Cingapura, principalmente em relação à Malásia e a Indonésia.⁷³

Esse salto qualitativo reforçava o predomínio estratégico da Força Aérea dentro da estrutura das FAC, como ampliava a aliança com os EUA, que no campo aeronáutico iam aos poucos predominando como o maior fornecedor de equipamentos para Cingapura.⁷⁴

A Marinha e a sua condição de Guarda Costeira

A missão israelense em termos navais tinha pouco a oferecer a Cingapura, mas mesmo assim o modelo e a estrutura foram semelhantes. A constituição de forças navais mais ágeis e capazes de defender a soberania nacional, mas sem a capacidade oceânica, contando com equipamentos navais com poder ofensivo, como as lanchas rápidas de combate. Modelos europeus de organização de forças navais podem ter inspirado a organização baseada em lanchas de ataque e pequenos navios de patrulha, como no caso da República Federal da Alemanha e da Suécia.

A Marinha comprou navios de desembarque LST da Segunda Guerra Mundial de origem americana, mas que modernizados permitiam a

⁷³ LORCH, Carlos; STEINEMANN, Peter. %Sangue Novo em Defesa da Ilha. A Modernização dos F-5E/F de Cingapura+ *Revista Força Aérea*. Ano 3 /nº 11 jun/jul 1998. Rio de Janeiro: Action Editora, 1998, pp. 108-115.

⁷⁴ DOWNING, Mike; BOND, Steve. %Strategic Singapore+ *Air Forces Monthly*.nº 36/March-1991. Stamford: Key Publishing Ltd, 1991, pp. 48-56.

Marinha de Cingapura a navegação em alto mar, além dos limites do estreito de Málaca e do estreito de Cingapura. De fato o poder ofensivo da Marinha de Cingapura ocorre somente a partir de 1975 com a chegada de lanchas de ataque provenientes da RFA, ou seja, dez anos após a independência. Ainda assim a Marinha atuava, de fato, como Guarda Costeira, combatendo a pirataria e defendendo as instalações portuárias.

Na década de 1980 parece ter ocorrido efetivamente uma transformação nas FAC. Com o crescimento econômico de Cingapura como um *Tigre Asiático*, os gastos com defesa aumentaram, possibilitando a aquisição de equipamentos militares mais sofisticados e não apenas reconicionados. Um país mais rico necessitava de forças armadas mais poderosas. Foram adquiridos equipamentos novos, como ocorreu também um maior desenvolvimento da indústria bélica nacional através da ação do Estado. Novamente Israel era o modelo.

Cingapura e a Guerra Fria

Outro fator importante para o desenvolvimento das FAC foi o papel de Cingapura como porto estratégico ao longo de toda a Guerra Fria, principalmente depois da *Emergência na Malásia* e o receio por parte do Reino Unido do crescimento de forças comunistas no Sudeste Asiático. Entre 1965 e 1991 foi o período em que a Guerra Fria levou Cingapura a ampliar suas alianças estratégicas com o Ocidente, países da Ásia e da Oceania, além do apoio constante de Israel.

Após a criação da ASEAN em 1967, instituição que buscava uma reaproximação regional de antigos beligerantes, Indonésia versus Malásia e Cingapura durante a *Confrontação* entre 1963 e 1966, era necessário um período de adaptação das forças armadas da Malásia e de Cingapura para a retirada gradual das forças militares britânicas da região.

Em 1971 Cingapura, Malásia, Reino Unido, Nova Zelândia e Austrália efetuaram um acordo de defesa denominado *Five Power Defence Arrangements*. FPDA (Cinco Acordos de Força de Defesa), que previa auxílio mútuo no caso de conflitos, mas na prática significava a defesa da Malásia e de Cingapura de agressões externas. Um dos

enfoques principais era a defesa aérea da região, que seria garantida pela *RAF*. Real Força Aérea e pela *RAAF*. Real Força Aérea Australiana.⁷⁵

No cenário da Guerra Fria, um possível conflito ocorreria com a URSS e a República Popular da China em termos hipotéticos. Ou a possibilidade mais provável, através da ação de forças guerrilheiras apoiadas por esses países e atuando na região. Isso ocorreu durante a *Emergência* da Malásia, quando os britânicos combateram forças comunistas entre as décadas de 1950 e 1960.

Em 2011 o acordo completou quarenta anos e foi realizado um grande exercício militar envolvendo as cinco nações, contando com 4 mil militares, 67 aeronaves, 2 submarinos e 18 navios, numa clara demonstração da sua continuidade após a Guerra Fria e da sua eficácia após quarenta anos. Também foi um recado para possíveis agressores da Malásia e de Cingapura, que o apoio da Comunidade Britânica de Nações em questões militares ainda existe.⁷⁶

Ao mesmo tempo a quantidade de equipamentos militares americanos adquiridos pela FAC aumentou consideravelmente, não por acaso depois da queda do regime pró-ocidental no Vietnã do Sul em 1975. A derrota americana no Vietnã e o aumento da influência soviética e chinesa no Sudeste Asiático pareciam confirmar os temores da elite dirigente de Cingapura da expansão comunista na região.

Em meados da década de 1970, além do crescimento econômico, Cingapura consolidou a sua condição de base de apoio logístico e estratégico da Marinha dos EUA no Sudeste Asiático e no Índico, sendo escala de apoio para as bases norte americanas, no Japão e na Coreia do Sul.

⁷⁵ O apoio militar a Malásia e Cingapura desde a década de 1950 e a sua continuidade a partir de 1971 com o FPDA é abordado em: WAH, Chin Kin. The defence of Malaysia and Singapore. The transformation of a security system 1957-1971. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009, pp. 125-194. O acordo levou em consideração também o conflito entre a Indonésia contra a Malásia e Cingapura na década de 1960.

⁷⁶ Sobre os quarenta anos do FDPA, ver o site do MINDEF de Cingapura: %Singapore Hosts FPDA 40th Anniversary Celebrations+ <http://www.mindef.gov.sg/imindef/news_and_events/nr/2011/nov/01nov11_nr.html> [acesso em 21/2/2012]. O texto original do FPDA pode ser encontrado em: <<http://www.austlii.edu.au/au/other/dfat/treaties/1971/21.html>> [acesso em 21/02/2012]

A maior aproximação com o Ocidente decorria também do aumento da ameaça naval soviética na Ásia ao longo das décadas de 1970 e 1980. A Marinha da URSS buscava crescer no cenário global, aumentando o poder das suas frotas na Europa, Mediterrâneo, Ártico e principalmente no Pacífico, para fazer frente a Marinha Norte Americana, a Marinha do Japão e também a Marinha da RPC.

A expansão da Marinha URSS, com destaque para a sua frota de submarinos nucleares e convencionais, era uma ameaça a livre navegação nos estreitos de Malaca e de Cingapura. A questão do domínio dos estreitos e do combate a pirataria, presente desde a chegada dos navegadores europeus no século XVI, continuava sendo um ponto de fragilidade estratégica para Cingapura.

Obtendo a sua riqueza do comércio marítimo e tendo fronteiras marítimas com a Malásia e a Indonésia, Cingapura possuía um Exército bem equipado, uma Força Aérea sofisticada, mas uma Marinha ainda muito pequena. Desde o final da década de 1970 os altos oficiais da Marinha de Cingapura pressionavam o governo por mais gastos na força. Apenas a superioridade aérea e uma boa força de blindados não iriam auxiliar muito no caso de um bloqueio naval por algum país vizinho ou uma potência militar fora do cenário regional.

Como destaca Leifer, provavelmente o cenário regional de possíveis conflitos durante a Guerra Fria no Sudeste Asiático, ameaçaria mais a livre navegação da frota mercante de Cingapura. Isso era mais plausível do que a intervenção de uma potência naval hostil. Apenas a Marinha da URSS poderia cumprir esse papel, mais especificamente a partir da década de 1970. Nesse caso a Marinha dos EUA, a Marinha Real Britânica e as Marinhas da Comunidade Britânica de Nações, não permitiriam o fechamento dos estreitos de Malaca e de Cingapura. A Cidade-Estado contava com essa carta estratégica na manga, ou seja, o

possível apoio das marinhas ocidentais caso ocorresse um bloqueio naval soviético.⁷⁷

Os pontos estratégicos nos Oceanos e a posição de Cingapura

Os Oceanos do mundo possuem pontos estratégicos por onde passam os produtos manufaturados e derivados de petróleo, que sempre estiveram sob o foco de potências militares desde o fim da Primeira Guerra Mundial, e com o uso generalizado do petróleo em substituição ao carvão como combustível para as marinhas em todo o mundo. Em termos estratégicos e militares, o controle ou mesmo a vigilância desses pontos ganhou força na Guerra Fria com a disputa naval global entre EUA e a URSS.⁷⁸

Depois do fim da Guerra Fria e no início do século XXI, os EUA ainda são a grande superpotência naval do mundo e a única com alcance global. Os EUA devem permanecer nesse patamar por mais algumas décadas, mas são seguidos pela Rússia, RPC, Índia, Reino Unido, França, Itália, Espanha e Japão, que buscam expandir seu poder naval, pelo menos em nível regional.

Dentre os pontos estratégicos nos Oceanos do mundo podem ser destacados os seguintes, com destaque para a posição geográfica de Cingapura:

1 . A rota marítima dos países fornecedores de petróleo no Oriente Médio para a Europa, EUA e Ásia e a passagem pelo estreito de Ormuz no Golfo Pérsico.

2 . A passagem do Mar do Norte e as rotas marítimas entre o Reino Unido, Escandinávia, Groelândia, Islândia e também o Canal da Mancha.

⁷⁷ LEIFER, Michael. International Straits of The World. Malacca, Singapore, and Indonesia. Sijhoff & Noordhoff International Publishers: Alphen aan den Rijn, 1978, pp. 105-148.

⁷⁸ Os pontos estratégicos do mundo são abordados detalhadamente em: KENNEDY, Colonel Willian V.; CLINE, Ray S.; BAKER, David; FRIEDMAN, Colonel Richard S.; MILLER, Liteutenant-Colonel David. The Intelligence War. Penetrating the secret world of today`s advanced technology conflict. London: Salamander Books, 1983, pp 166-191.

3 . O Mar Báltico e as rotas marítimas que passam pela Finlândia, Suécia, Dinamarca e Noruega.

4 . O Caribe com os acessos aos EUA via o Canal do Panamá, e a passagem próxima de Cuba, Porto Rico e também o acesso ao golfo do México.

5 . O Mediterrâneo e o estreito de Bósforo, o Mar Egeu, o Canal da Sicília e o estreito de Gibraltar, além do importantíssimo Canal de Suez, todos controlados por aliados dos EUA.

6 . O Pacífico e o acesso ao Japão, RPC e a Rússia e a navegação pelo Mar do Japão para alcançar o Pacífico.

7 . O estreito de Malaca entre a península malaia e a ilha indonésia de Sumatra, com Cingapura no meio, grande rota da importação do petróleo e do comércio para o Japão, RPC e Coreia do Sul.

8 . A passagem no sul da África, com o Cabo da Boa Esperança, entre o Oceano Atlântico e o Oceano Índico.

9 . O sul da América do Sul e a passagem do Atlântico para o Pacífico, com o Estreito de Magalhães, o Cabo Horn e a Passagem de Drake, entre a América do Sul e a Antártica.

Todos esses pontos estratégicos tem a presença da Marinha de Guerra dos EUA, ou controle exercido por países que são seus aliados, como os membros da OTAN, o Japão e países da América do Sul. Foi exatamente por não ter ainda uma presença formal no estreito de Malaca que os EUA estreitaram a sua aliança militar com Cingapura a partir de da década de 1990, visando controlar a passagem de petróleo e mercadorias para o leste Asiático, basicamente a RPC e o Japão.

Isso explica também o crescimento da Marinha de Cingapura a partir do início do século XXI, obtendo capacidade oceânica e estreitando seu relacionamento com a Marinha de Guerra dos EUA, a *US Navy*. Cingapura também serve de base de apoio para os navios norte americanos no Oceano Índico.

A afirmação de Cingapura no cenário internacional

Na década de 1980, Cingapura já tinha alcançado índices sociais de um país mais rico e caminhando a passos largos rumo ao desenvolvimento. Já era considerado um dos quatro *Tigres Asiáticos*, em conjunto com Taiwan, Coréia do Sul e Hong Kong. Nesse mesmo período o papel internacional de Cingapura começa a ganhar mais importância, principalmente no cenário do Sudeste Asiático.

Por outro lado, o desenvolvimento econômico e tecnológico, como a melhoria dos índices sociais, levou a um salto qualitativo na estrutura do Estado em Cingapura, principalmente na administração pública, com destaque para as Forças Armadas. Como é adotado um modelo semelhante ao israelense, muitos oficiais se aposentam cedo e vão para a reserva, com cerca de cinquenta anos. Frequentemente são recrutados para o serviço público ou para a atuação em empresas públicas de Cingapura, ou mesmo a carreira política, como o atual Primeiro Ministro de Cingapura Lee Hsien Loong, general das FAC e filho de Lee Kuan Yew.⁷⁹

A manutenção de militares da reserva, em postos estratégicos das empresas públicas cingapurianas atendem duas questões fundamentais:⁸⁰

1 . A manutenção no país de mão de obra qualificada, treinada, disciplinada e com grande conhecimento do funcionamento da estrutura do Estado. Economia na formação de quadros especializados, aproveitando a massa crítica já formada ao longo dos anos.

⁷⁹ Sobre a Carreira Militar e a trajetória política do atual Primeiro Ministro de Cingapura ver o site oficial do Governo de Cingapura sobre o Gabinete: <http://www.cabinet.gov.sg/content/cabinet/appointments/mr_lee_hsien_loong/biodata.html> e também no sobre informações adicionais da carreira do Primeiro Ministro: <http://www.cabinet.gov.sg/content/cabinet/appointments/mr_lee_hsien_loong.html> [acesso em 15/05/2012]

⁸⁰ MAUZY, Diane K.; MILNE, R.S. Singapore Politics Under the People's Action Party. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2002, pp. 38-65 e também: HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 229-247.

2 . Planejamento estratégico em nível nacional, somando a segurança e o desenvolvimento econômico como fatores fundamentais, visando diminuir as fragilidades estruturais de Cingapura em relação a geopolítica, recursos naturais, espaço físico e densidade demográfica no cenário do Sudeste Asiático.

Passando para a condição de país desenvolvido em meados da década de 1990, Cingapura já apresentava mais poder no cenário militar e estratégico do Sudeste Asiático. Com a Força Aérea à frente do desenvolvimento tecnológico com apoio de Israel e do Ocidente, seguida pelo Exército que passava para a segunda geração de oficiais e de armamentos.

Por fim a Marinha iniciava um processo mais lento de modernização, sendo a última força na década de 1990 a iniciar sua modernização. Provavelmente isso ocorreu devido à necessidade de mais investimentos, pelo alto custo tecnológico para o desenvolvimento e fabricação das unidades navais mais complexas e com capacidade oceânica como; corvetas, fragatas, navios de transporte.

A Indústria de Defesa de Cingapura

Desde a independência e a vinda da *missão israelense* ficou claro que sem a constituição de uma indústria de defesa nacional bem estruturada, a colaboração para a formação de forças armadas seguindo o padrão de *Israel* não alcançaria sucesso.

Novamente o apoio israelense foi fundamental, pois no final da década de 1960 foram dados os primeiros passos para a formação de uma indústria estatal dedicada a área de defesa. Posteriormente, várias indústrias dessa área foram reorganizadas em 1997, dando origem ao conglomerado na área de defesa, construção naval e aeronáutica, denominado *Singapore Technologies Engineering Ltd (ST Engineering)*, que produz equipamentos terrestres, navais, eletrônicos e aeronáuticos. Atualmente conta com a presença através de filiais em mais de 23 países em 41 cidades, inclusive no Brasil, realizando negócios com mais de 100 países e possui mais de 22 mil empregados ao redor do mundo. Por sua

vez ligada a empresa pública *Temasek Holdings*, que administra vários investimentos estratégicos do governo de Cingapura.⁸¹

A consolidação da indústria de defesa em Cingapura seguiu os moldes de outras empresas estratégicas do país, como na área de navegação e transporte aéreo, com o Estado como indutor principal do desenvolvimento no *modelo asiático de capitalismo*. Ou denominado *Capitalismo de Estado* como destaca a reportagem especial da revista *The Economist* do início de 2012 com o artigo: *The Visible Hand. Special Report. State Capitalism*, aonde Cingapura e Lee Kuan Yew aparecem como *modelos* seguidos por Brasil, Rússia, e RPC. Esse modelo originário de Cingapura, seria a solução para a crise econômica do capitalismo de 2008. Iria contra a onda liberal de reformas econômicas que ganhou força a partir da década de 1980, que estão atualmente perdendo força em todo o mundo, depois da crise global iniciada em 2008 nos EUA.⁸²

Esse *Capitalismo de Estado* em Cingapura além de continuar dominando aproximadamente 60% da economia nacional, é ainda mais forte na área de defesa, com a *ST Engineering*. De fato muitos países em desenvolvimento criaram as suas indústrias bélicas no modelo de substituição de importações, numa área aonde a dependência externa é extremamente delicada, pois trata-se da defesa nacional. Israel e países da América Latina como Argentina, Brasil e Chile partiram para esse modelo.

⁸¹ Sobre a história e atuação da *ST Engineering*, ver no seu site oficial a sua ação global, disponível em: <http://www.stengg.com/about-us/global-presence> [acesso em 16/5/2012] e sua organização: <http://www.stengg.com/about-us/corporate-overview> [acesso em 16/5/2012], ver também: KOH, Tommy [et. ali]. *Singapore: The Encyclopedia*. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp. 516-517 e 557.

⁸² O artigo sobre a volta do *Capitalismo de Estado* no início do século XXI, em países como Brasil, Rússia, República Popular da China. O papel inovador de Cingapura na atuação do Estado na economia e a *variação* do modelo atual de *Capitalismo de Estado* por Lee Kuaw Yew e os líderes do PAP em Cingapura décadas atrás, está na revista *The Economist: The Visible Hand. Special Report. State Capitalism* *The Economist, January 21ST-27TH, Volume 402. Number 8768, 2012*. London: *The Economist* 2012., pp. 3-18.

Novamente o caso de Israel serviu como inspiração, pois o *complexo industrial militar* israelense se consolidou em pouco mais de uma geração, já que na década de 1970, Israel já era um país que exportava armamentos em grande quantidade. Os modelos das indústrias bélicas da Suécia, Suíça e Finlândia, também podem ter servido de inspiração para Cingapura.

Até meados da década de 1980 a indústria bélica de Cingapura buscava consolidar os pontos fortes da sua indústria de base como apoio ao seu desenvolvimento militar, ou seja, a construção naval e a reforma de aeronaves. Novamente a história de Cingapura teve um papel importante nessa questão, a infraestrutura naval e aeronáutica construída desenvolvida e deixada pelos britânicos foi uma das bases principais para o desenvolvimento da indústria bélica local.

Os estaleiros da *Royal Navy* e os aeroportos da *Royal Air Force* e as instalações do *British Army*, foram à base para a construção de lanchas de ataque de projeto alemão, reformas de navios de transporte, e modernização de caças *A-4 Skyhawk* e *F-5 Tiger 2* de origem americana e aviões de transporte *C-130 Hércules*, como a modernização dos blindados *AMX-13* e *M-113*.⁸³

O processo de desenvolvimento da indústria bélica em Cingapura seguiu um parâmetro racional e econômico, de modernizar o material bélico existente, economizando recursos e gerando conhecimento técnico nas áreas de engenharia e produção em nível nacional. Isso foi realizado com parcerias de instituições de ensino e pesquisa como universidades, forjando uma mão de obra qualificada e capital humano para a formação de quadros, que permitissem a consolidação da indústria de defesa em Cingapura.

Apenas posteriormente na década de 1990 é que projetos mais ambiciosos, visando o desenvolvimento de equipamentos nacionais+

⁸³ *Royal Navy*, a Marinha Real do Reino Unido, *British Army* o Exército do Reino Unido, *Royal Air Force*, Real Força Aérea do Reino Unido. Sobre a modernização das FAC: HUXLEY, Tim. *Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series)*. St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 172-195.

adaptados às condições geográficas, climáticas, populacionais e geopolíticas de Cingapura, seriam desenvolvidos. O Exército foi o primeiro a realizar esse processo, seguido pela Força Aérea, Polícia e Defesa Civil, e posteriormente pela Marinha e a Guarda Costeira. As forças navais de Cingapura conseguiriam alcançar o patamar das forças terrestres e navais apenas na primeira década do século XXI em termos operacionais e tecnológicos.

Parte II

Geopolítica, segurança regional e o desenvolvimento desde a década de 1990.

A ampliação do poder das FAC e da indústria bélica local

A década de 1990 foi o momento em que Cingapura consolidou a passagem de um país em desenvolvimento para a condição de um país desenvolvido. No denominado *“Milagre Asiático”*, o *Tigre do Sudeste Asiático* surpreendeu os países vizinhos, com a sua estabilidade política e desenvolvimento industrial e econômico, como também níveis menores de corrupção. Esse desenvolvimento econômico e social veio acompanhado de um forte crescimento da área militar, tanto no orçamento de defesa como no desenvolvimento da indústria bélica local. Novamente o modelo a ser seguido era Israel.

Com o país mais rico, foi possível aumentar ainda mais os gastos em defesa e segurança buscando a prática da estratégia militar do *camarão envenenado*, ou seja: Cingapura poderia ser atacada pelos vizinhos maiores e mais poderosos, como Malásia ou a Indonésia, ou uma outra grande potência militar e ser praticamente *“engolida”* pelos adversários.⁸⁴

Entretanto, o preparo e a estrutura das FAC e a universalização do serviço militar levariam a um grau tão alto de desgaste militar por parte do invasor, diferente do que ocorrera durante a campanha da Malásia na Segunda Guerra Mundial quando o Japão conquistou Cingapura, que seria melhor não invadir a ilha. Tentar ocupar e submeter Cingapura

⁸⁴ HUXLEY, Tim. *Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series)*. St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 1-72.

acabaria sendo um erro estratégico, pois o valor da ilha é decorrente da sua localização e a liberdade econômica como entreposto comercial.⁸⁵

Essa estratégia de dissuasão, derivada em parte do modelo israelense, mostrou-se eficiente, pois desde a independência o país nunca enfrentou um conflito externo ou foi atacado.

O fim da Guerra Fria

O fim da Guerra Fria trouxe para Cingapura novos temores com relação a sua segurança. Agora o confronto não era mais Leste . Oeste, mas sim entre a superpotência, os EUA, e os países asiáticos em crescimento; RPC, Índia, países da ASEAN e até mesmo o Japão. A vulnerabilidade de Cingapura parecia ter aumentado ou mesmo a percepção de insegurança da cidade-estado no cenário geopolítico asiático, não mais submetido ao mundo bipolar dividido entre EUA e URSS.

A diminuição da presença militar da Rússia na Ásia depois do fim da URSS, principalmente na área naval, não desfez os temores de Cingapura com relação as ameaças marítimas, sua segurança e capacidade de livre comércio e navegação. De fato, o crescimento da Marinha da Guerra da Republica Popular da China nas últimas duas décadas, buscando a plenitude da sua capacidade oceânica, parece gerar mais tensão em Cingapura do que a antiga ameaça da Marinha Soviética durante a Guerra Fria.

Por outro, lado o crescimento econômico e o desenvolvimento de Cingapura, colocaram a cidade-estado em destaque global com relação a questões de segurança econômica, conflitos, geopolítica, etc. Além disso, devem ser destacadas novas ameaças a segurança, como o terrorismo, pirataria, tráfico de drogas.

Na realidade esse destaque para o sucesso, aprofundou uma percepção já existente na elite do país, via a atuação do PAP, de que as fragilidades geográficas, naturais e populacionais de Cingapura apenas

⁸⁵ LEIFER, Michael. Singapore`s Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 43-67

estavam agora em evidência no mundo todo, cenário já previsto desde a independência em 1965. Ou seja, eram necessárias Forças Armadas poderosas para minimizar as fraquezas estruturais e evidentes de Cingapura.

Geopolítica e segurança, o dilema de Cingapura

Os Estudos de Geopolítica, com autores clássicos como Makinder, Mahan, sempre destacaram a interconexão da geografia e da política, tendo com base de estudo os grandes estados nacionais, tais como: EUA, Rússia, Alemanha, Reino Unido, França, China, etc, agentes fundamentais da política internacional nos últimos dois séculos. Entretanto os pequenos estados foram deixados de lado nesses estudos, possivelmente pela sua *fraqueza* geopolítica em termos de território, população, recursos naturais, forças armadas e a influência menos significativa no cenário internacional.⁸⁶

Mas o caso da existência de Israel depois de 1948 e das suas vitórias militares no Oriente Médio, parece questionar o modelo da análise geopolítica centrada fundamentalmente nos grandes estados. Muitas vezes países com muitos recursos, como população, território e riquezas naturais, tendem a enfrentar tantos ou mais problemas que os Estados de pequena dimensão. Não necessariamente os pequenos países estariam *fadados à extinção*. Principados europeus e no Golfo Persico, pequenas repúblicas na América Latina e pequenos países na Ásia, provam o contrário, principalmente depois do fim da Guerra Fria e o surgimento de novas nações no cenário internacional.

Evidente que um país de pequenas dimensões tem suas fragilidades mais expostas; como falta de território, recursos naturais, população escassa, etc. Cingapura é um bom exemplo dessas fragilidades e vulnerabilidades. O que muitas vezes é questionado é o

⁸⁶ Sobre as escolas de geopolítica ver: VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Editora Contexto, 2012, pp. 15-52 e também: COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. Discursos sobre o Território e o Poder. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, pp. 55-158.

grau de viabilidade econômica, política, institucional, desses pequenos países.

Michael Leifer sempre destacou em seus estudos sobre o Sudeste Asiático que Cingapura seria *prisioneira da sua geografia* com relação a sua segurança, política interna e externa. A dependência da Malásia para o fornecimento de água e de alimentos, ainda é o grande gargalo estratégico da cidade-estado em termos estratégicos e geopolíticos.⁸⁷

Existe a previsão de que até o ano de 2020, Cingapura obtenha a autossuficiência no fornecimento de água, com usinas de dessalinização e a produção de água recondicionada, denominada *NEWater*, destinada principalmente a fins industriais e a tecnologia de ponta na área da informática e de biotecnologia.

Com esse processo diminuiria a dependência estratégica com a relação a Malásia para o fornecimento de água. Também é Cingapura um centro de excelência na área de reciclagem e tratamento do lixo em ilhas e aterros próximos à ilha central de Cingapura, ampliando o conceito de cidade ecologicamente viável no século XXI e no uso adequado de recursos naturais escassos.⁸⁸

O exemplo de Cingapura com relação ao uso estratégico da água é mais um ponto em comum com o caso de Israel, que desde 1967 na Guerra dos Seis Dias com a conquista de novos territórios, passou a controlar novas fontes de água. No caso de Cingapura a condição de país tropical facilita o uso, captação e reaproveitamento de recursos hídricos, devido à constância da precipitação das chuvas no país em várias estações do ano. Mas nos dois países o fornecimento de água depende

⁸⁷ LEIFER, Michael. Singapore`s Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000, pp. 10-42

⁸⁸ TAN, Yong Soon; LEE, Tung Jean; TAN, Karen. Clean, Green and Blue. Singapore`s Journey Towards Environmental and Water Sustainability. Singapore: ISEAS-Institute of Southeast Asia Studies/ Ministry of the Environment and Water Resources-Singapore, 2009, pp. 50-200 e também: LEE, Poh Onn. Water Management issues in Singapore.+ Paper presented at Water In Mainland Southeast Asia, 29 november . 2 December 2005, Siem Reap, Cambodia.Organised by International Institute for Asian Studies [IIAS], Netherlands, and Center for Khmer Studies [CKS], Cambodia : <<http://www.khmerstudies.org/download-files/events/Water/Lee%20Nov%202005.pdf>> [acesso em 25/9/2011]

de territórios situados além do território nacional, aumentando a fragilidade estratégica nesse caso.⁸⁹

A cidade como modelo de eficiência

A necessidade de forças armadas poderosas para garantir a soberania, independência e o desenvolvimento econômico de Cingapura poderia ocorrer somente com a transformação radical da cidade-estado. Ou seja, tornando-se literalmente em uma ilha de eficiência+, ampliando e desenvolvendo as suas características de entreposto portuário e comercial de sucesso desde o século XIX.

A centralização de poder do PAP ao longo das últimas décadas facilitou a tarefa, como a composição étnica da população da cidade-estado, contando com apoio da maioria Chinesa. Também ocorreu o apoio desde a independência das minorias indiana e malaia. Essa última sempre vista com certa ressalva, já que no caso hipotético de um conflito com a Malásia poderia ficar dividida entre Cingapura e a Malásia.

Buscando apoio da ONU para projetos de desenvolvimento da nova nação, um plano ambicioso e radical de mudança do território foi proposto, visando garantir no futuro coesão social, eficiência urbana e crescimento econômico. Em termos sociais Cingapura foi literalmente um laboratório de mudanças radicais desde a sua independência. Tornou-se um estudo de caso bem peculiar de processo de modernização determinado a partir do Estado de cima para baixo, com o apoio da ONU e de empresas multinacionais, que sempre investiram na cidade-estado.

Segundo o arquiteto e urbanista Rem Koolhaas, que estudou detalhadamente as mudanças urbanas na cidade-estado, o planejamento de mudanças radicais no território, baseadas em projetos da ONU e da elite intelectual de Cingapura, resultaram num modelo de renovação total do tecido urbano. Possibilitaram bases para o modelo de cidade global, composta por edifícios, avenidas, transporte de massa, condições

⁸⁹ KOH, Tommy [et. ali]. *Singapore: The Encyclopedia*. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp. 133-134 e p. 584.

necessárias e adequadas a globalização, que se consolidaria depois da década de 1980.⁹⁰

Cingapura desde a independência foi transformada e reorganizada segundo as necessidades da economia global e também como um modelo a ser seguido pela Ásia em processo rápido de urbanização e industrialização desde a década de 1950. O desenvolvimento feito rapidamente seria como uma *terapia de choque* de desenvolvimento urbano e industrial, adequando Cingapura as necessidades da produção industrial da globalização.

Um dado importante foi o papel do Estado no monopólio da transformação do território, construindo habitações populares, via o órgão *Housing Development Board* . HDB . [Conselho de Habitação e Desenvolvimento], apostando na verticalização urbana com a construção de edifícios, devido às dimensões exíguas do território de Cingapura, que foram financiadas pelo poder público. Atualmente correspondem a mais de 85% das moradias totais da cidade-estado.

Toda essa organização urbana visava também a mobilidade e a ampliação da oferta das moradias para uma população em expansão. Se para alguns autores a disciplina e a eficiência criariam uma nova mentalidade no povo de Cingapura, apto a atividades laboriosas, isso possivelmente teria facilitado a aceitação do serviço militar universal de modelo israelense. Como a constituição de uma mão de obra eficiente e disciplinada. Para muitos seria uma versão moderna de Esparta, ou como destaca com sua visão irônica e crítica *uma mini Esparta+segundo Rem Koolhaas*.⁹¹

A busca de uma cidade limpa, rica, eficiente, ecológica e principalmente flexível a adaptações oriundas da globalização e do Ocidente, também seriam importantes para o processo de consolidação

⁹⁰ A visão crítica de Rem Koolhaas sobre a transformação urbana de Cingapura e sua reconstrução territorial, moral e física está na sua obra: KOOLHAAS, Rem. *Sendas oníricas de Singapur. Retrato de uma metrópoles potemkin o treinta años de tabla rasa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010, pp. 15-82.

⁹¹ Idem op. cit, pp. 20-82.

das FAC e as suas missões no Sudeste Asiático e em outras regiões do globo, em missões humanitárias ou de apoio aos EUA e a OTAN.

Uma cidade moderna, planejada e com alta mobilidade urbana, com um bom sistema de comunicações com uma rede de metrô e transporte de massa, e um dos melhores aeroportos internacionais do mundo, além de um porto altamente eficiente, também são fundamentais no caso da mobilização em massa dos reservistas de Cingapura em um conflito.⁹²

Um dado importante é a facilidade de acesso a Cingapura por via aérea e marítima, e o papel desempenhado pela companhia aérea nacional, *Singapore Airlines - SIA*, que mantendo o nível de excelência há anos liga a cidade-estado a América do Norte, América do Sul, Europa, Oriente Médio, Oceania e Ásia. A frota marítima através da companhia, *Neptune Orient Lines - NOL*, também desempenha um papel estratégico para o desenvolvimento econômico de Cingapura. No caso de um conflito essas empresas teriam um papel estratégico de apoio as FAC.⁹³

Defesa total É *Total Defence*

Modelo de mobilização de toda a sociedade de Cingapura no caso de um conflito, baseado no modelo sueco de mobilização nacional e também com influencia israelense. A sua organização foi pensada na mobilização de toda a sociedade, no caso de uma *Guerra Total*, aonde não há a distinção entre civis, militares e outros setores da sociedade, como a área de negócios. No caso de um conflito ou ataque a Cingapura, ocorreriam 5 grandes ações na área de defesa:⁹⁴

⁹² Cingapura é considerada uma cidade global e base de uma rede metropolitana de sucesso e eficiente, internacionalmente reconhecida. É analisada detalhadamente por Jordi Julià Sort na sua obra, aonde compara as redes metropolitanas das seguintes metrópoles: Londres, Nova York, Paris, Berlim, Tóquio, Los Angeles, Madri, Barcelona, Milão, Cidade do México e Cingapura em: SORT, Jordi Julià. Redes Metropolitanas/Metropolitan Networks. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, pp. 150-155 e 176-190.

⁹³ KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 379 e p. 479

⁹⁴ Ver o artigo de Tim Huxley sobre a política de *Total Defence*. *TD* em: HUXLEY, Tim. Singapore's strategic outlook and defence policy. in: LIOW, Joseph Chinyong;

- 1 . Defesa Militar
- 2 . Defesa Civil
- 3 . Defesa Psicológica
- 4 . Defesa Social
- 5 . Defesa Econômica

O foco principal é a Defesa Militar, que de fato capacita Cingapura para dissuasão e a capacidade de derrotar militarmente possíveis agressores, sendo os outros pontos de apoio tendo em vista uma campanha militar e a participação popular. A criação do modelo de *Defesa Total* também levou em consideração a participação de Cingapura na Segunda Guerra Mundial, como as condições da Campanha da Malásia e a invasão e dominação de Cingapura pelo Império do Japão entre 1942 e 1945.

Entretanto ocorreu uma mudança importante, passando do modelo da estratégia defensiva somente, para uma diferente, *ofensiva* caso a segurança de Cingapura fosse ameaçada. Seria o caso então de uma ação preventiva, partindo Cingapura para o ataque, como foi o caso da estratégia adotada por Israel durante a Guerra dos Seis Dias em 1967.

Forças armadas *globais* da *Cidade Global*. Ampliando a colaboração com os EUA e a OTAN

O início do século XXI trouxe para Cingapura mais desafios e uma aproximação ainda maior com os EUA no campo militar. A ascensão da RPC e da Índia como potências econômicas e militares, asiáticas e globais. O ressurgimento da Rússia como potência militar na Ásia, além da ameaça global do terrorismo depois do 11 de setembro de 2001, levaram a uma situação de aliança, *de fato*, com os EUA, principalmente com relação ao combate contra o terrorismo.

Os EUA, que cada vez mais vem deslocando sua capacidade militar e estratégica do Atlântico para o Pacífico, antevendo no século XXI

a expansão militar da RPC e da Índia, buscam o apoio estratégico de Cingapura. O Pacífico em termos geopolíticos tem potencial para se tornar o *Oceano Global* de fato, ou seja, a região aonde serão definidas questões importantes da geopolítica mundial do século XXI.⁹⁵

Na primeira década do século XXI ocorreu um verdadeiro aumento do poder real das FAC no cenário do Sudeste Asiático, com o plano de Defesa Total de Cingapura e a modernização das FAC para a constituição de forças armadas adequadas à era da informação. Num mundo multipolar, mais ainda na Ásia, defesa e segurança estão cada vez mais na ordem do dia e os gastos militares estão em expansão praticamente em todos os países asiáticos.

Ao longo dos últimos dez anos foram seguintes os planos de modernização no Exército, Marinha e Força Aérea de Cingapura, visando atender as demandas do mundo multipolar do século XXI:

Exército . modernização da força de blindados com a troca gradual de modelos mais antigos como os tanques *AMX 13* de origem francesa da década de 1960 por outros mais modernos, fabricados localmente, como o modelo *Primus*. Ampliação da modernização dos blindados *M 113* norte americanos. De fato a atualização desses blindados conseguiu sedimentar a indústria bélica local nessa área.⁹⁶

Compra de tanques de batalha de última geração de origem alemã, do modelo *Leopard 2*, adaptados para as necessidades de Cingapura, equipados para o combate em campo ou em áreas urbanas. Esses tanques elevaram a capacidade de ação da força blindada de Cingapura tornando-a a mais poderosa do Sudeste Asiático, além de minimizarem a dependência dos EUA com relação à área de blindados e a arma de

⁹⁵ Ver os documentários: Novas diretrizes do Pentágono para 2012 se voltam para a Ásia. Programa Sem Fronteiras/Globonews, 2012 e também: O ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, fala sobre o papel da China. Programa Milênio/Globonews, 2012, ambos do primeiro semestre de 2012 do Canal *Globonews*.

⁹⁶KOH, Tommy [et. alij]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 64 e 424 e também: HUXLEY, Tim. %Singapore`s strategic outlook and defence policy.+ in: LIOW, Joseph Chinyong; EMMERS, Ralf.[edited]. Order and Security in Southeast Asia. Essays in memory of Michael Leifer. London/New York, Routledge, 2006, pp. 141-160.

cavalaria. Modernização dos blindados *V 200* de origem americana pela indústria bélica de Cingapura.

Modernização dos equipamentos de infantaria, com novos uniformes e padrões de camuflagem. Adoção de novos armamentos como o fuzil *SAR 21* desenvolvido em Cingapura adaptado as condições ambientes locais e a características da população e novos equipamentos de comunicação e controle. Ocorreu também uma ampla informatização dos meios militares do Exército, visando o estabelecimento de um Exército de última geração, integrado a tecnologia de informações e a revolução científica e tecnológica na área militar desde a Guerra do Golfo em 1991, com o aperfeiçoamento da área de comando e controle com mais agilidade.⁹⁷

Desenvolvimento de novos modelos de blindados, produzidos localmente e adaptados para as condições climáticas e geográficas de Cingapura, como os modelos da família *Bionix*, utilizados como plataformas para carros de combate, artilharia, engenharia, etc.

Marinha . Efetivação da condição oceânica da Marinha de Cingapura, não sendo somente mais uma Marinha de águas lamacentas, denominação de marinhas sem capacidade oceânica, na prática com funções de Guarda Costeira. Desenvolvimento pela indústria naval de Cingapura de novos modelos de navios de guerra. Capacitada pela sua larga experiência adquirida nas últimas décadas na construção naval, recuperação e transformação de navios nos estaleiros de Cingapura. Atualmente é um dos polos globais da indústria naval.

Foram incorporados desde o início do século XXI, 4 navios de desembarque desenvolvidos localmente da classe *Endurance* para transporte de tropas e equipamentos de grande porte e apoio a missões humanitárias.

Com o auxílio da França, foram construídas em Cingapura 6 fragatas com tecnologia furtiva, da classe *Formidable* equipadas com

⁹⁷KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 458.

mísseis e armamentos no estado da arte e aptas a guerra antissubmarino e missões de escolta de frotas mercantes, fundamentais para Cingapura.

Modernização das corvetas lançadoras de mísseis de origem alemã da classe *Victory*, adquiridas no início da década de 1990, e a incorporação de novos navios patrulha. Aquisição na Suécia desde o final da década de 1990 de 4 submarinos de pequeno porte modernizados e adaptados para as águas pouco profundas do estreitos de Malaca e Cingapura e também a vinda de mais 2, mais modernos, formando uma força de submarinos bem equipada. Ampliação da Aviação Naval com a compra de helicópteros de combate naval *H . 60 Seahawk* de última geração.

Superação do hiato tecnológico em relação ao Exército e a Força Aérea, com a elevação da Marinha a condição oceânica e um dos pilares da política externa de Cingapura na região da ASEAN. Atuação apoiando missões da ONU e a política militar naval dos EUA, como na região do Golfo Pérsico e na Guerra ao Terror e na costa da Somália, combatendo a pirataria.

Força Aérea - A força mais modernizada no período, seguindo o modelo israelense e americano de predomínio do poder aéreo, como força de dissuasão em qualquer cenário militar na atualidade.

Foram adquiridos caças de combate *F-16* e *F15*, norte americanos de ultima geração, para substituir caças *A-4 Skyhawk* mais antigos. Modernização dos caças de combate *F-5 Tiger 2* com tecnologia local. Ocorreu também a vinda de uma quantidade significativa de helicópteros de médio porte *Super-Puma* franceses e de grande porte *Chinnock* norte americanos, respectivamente ampliando as possibilidades de deslocamento rápido das FAC, transporte de tropas, missões de apoio, etc.

Esses helicópteros passaram a ser utilizados pelos novos navios de desembarque da classe *Endurance* fabricados em Cingapura, para missões de salvamento, apoio logístico, controle de área e apoio a missões da ONU. Ocorreu também a compra de helicópteros de ataque

Apache nos EUA, interligando a ampliação da capacidade de combate terrestre das FAC.

Ampliação da aviação de transporte com a vinda de quatro aviões de transporte e reabastecimento aéreo *KC 135* modernizados dos EUA. Essas aeronaves possibilitam o deslocamento global da força aérea de Cingapura, podendo atingir qualquer ponto do planeta.

Deslocamento para o além-mar de bases de treinamento nos EUA, França e Austrália, devido a falta de espaço aéreo e terrestre para treinamento militar em Cingapura. Foram estabelecidos acordos de treinamento e parcerias com a Austrália, França, EUA, Nova Zelândia e Tailândia, além do uso já tradicional de Taiwan para fins de treinamento.

Polícia

Ampliação e modernização do modelo de policiamento comunitário. Foi substituído o modelo britânico de policiamento reativo. Foi adotado em grande medida uma cópia do modelo japonês. Entretanto as missões mais complexas, como as novas atribuições ampliando o combate ao terrorismo, manutenção da ordem pública numa sociedade multiétnica e outras atividades policiais específicas, ficaram para o regimento *Gurkha*, composto por nepaleses e reconhecidos como uma polícia de elite e tropa de choque para missões de defesa do Estado em Cingapura.⁹⁸

Ampliação da Polícia Costeira, visando o combate a pirataria, contrabando e terrorismo nos portos de Cingapura, pontos nevrálgicos da economia cingapuriana e alvos preferencias no caso de atividades ilícitas ou de conflitos assimétricos.

Defesa Civil

Reestruturação dos serviços de salvamento, resgate e combate a incêndios em uma mesma instituição, na prática reestruturando o Corpo

⁹⁸ HUXLEY, Tim. *Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series)*. St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 264-267; KOH, Tommy [et. ali]. *Singapore: The Encyclopedia*. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, pp. 224; 485; 496-497 e também: SKOLNICK, Jerome H; BAYLEY, David H. *Policiamento Comunitário*. EDUSP/NEV-Núcleo de Estudos da Violência-USP/Ford Foundation. São Paulo, 2006, pp. 15-39 e 52-53.

de Bombeiros de Cingapura e equiparando aos melhores Corpos de Bombeiros Metropolitanos do mundo como Londres, Paris, Nova York e outros. Provavelmente os Corpos de Bombeiros com equivalência ao de Cingapura na Ásia sejam os de Tóquio, Hong Kong e Seul, com relação ao preparo, equipamentos e capacidade de atuação em desastres e missões humanitárias. Os equipamentos na sua maioria são oriundos da Europa.

A Polícia e a Defesa Civil também fazem parte do programa *Defesa Total* que abrange toda a sociedade em Cingapura e não somente as FAC, com atividades militares, econômicas, sociais e de defesa civil para defender a cidade-estado. Modelo semelhante ao estabelecido por países como a Suécia, Suíça e Finlândia, empregando toda a população e instituições do Estado como forças de reserva das Forças Armadas.

A estrutura das FAC no início do século XXI

No início do século XXI as FAC teriam basicamente a seguinte estrutura com relação a efetivos e organização. Os dados são aproximados:⁹⁹

Total de 20.000 membros regulares, incluídas 4000 mulheres; 40.000 conscritos realizando o serviço nacional; 300.000 reservistas.

Exército . 310.000 membros no total, sendo 15.000 regulares, oficiais e suboficiais, 35.000 no serviço nacional e aproximadamente 260.000 reservistas.

Força Aérea . 13.500 membros no total, sendo 3000 regulares, oficiais e suboficiais, 3000 no serviço nacional e 7500 reservistas.

Marinha . 9600 membros no total, sendo 3600 regulares, oficiais e suboficiais incluindo 250 mulheres, 1000 no serviço nacional e 5000 reservistas.

Defesa Civil - Corpo de Bombeiros . 82.000 membros no total, sendo 1600 regulares, 3200 no serviço nacional, 3200 reservistas, 23.000

⁹⁹ Dados obtidos em: HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 258-267.

reservistas oriundos das FAC, depois de passarem o ciclo de treinamento na reserva por 13 anos e 54.000 voluntários.

Polícia . 3500 membros regulares, 21.000 no serviço nacional, e pelo menos 750 membros do Contingente *Gurkha* para proteção dos membros do governo, guarda de prisões, e polícia de choque ~~é~~ étnicamente neutra. A Polícia Costeira está incluída nesse contingente e foi bastante ampliada na última década

Com relação aos equipamentos, na primeira década do século XXI as FAC dispunham aproximadamente da seguinte estrutura:

Exército . 2024 veículos blindados e tanques; 187 peças de artilharia e canhões em blindados.

Marinha . 27 navios de combate entre lanchas rápidas de ataque, navios varredores, corvetas, fragatas e navios de desembarque; 4 submarinos operacionais.

Força Aérea . 125 aeronaves de combate composta por caças bombardeiros; 53 helicópteros de transporte; 22 aviões de transporte; patrulha marítima e reabastecimento aéreo; 25 aeronaves de treinamento e 30 helicópteros de treinamento e ataque além de mísseis antiaéreos.¹⁰⁰

A origem dos equipamentos das FAC entre 1990 e 2010

Nesse período é possível perceber o predomínio considerável dos EUA, seguido pela França, Suécia e Israel. Os outros países fornecedores tradicionais foram perdendo força, ocorrendo uma consolidação do modelo norte americano, principalmente na Força Aérea. A Marinha buscou desenvolver parcerias com a França, Alemanha e a Suécia. O Exército passou a desenvolver modelos locais de blindados com apoio norte americano e também se aproximou da República Federal da Alemanha.

É possível verificar que a complexidade dos armamentos aumentou e possivelmente o seu custo de aquisição e manutenção. Desde a década

¹⁰⁰ KOH, Tommy [et. ali]. *Singapore: The Encyclopedia*. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006, p. 480, os dados são aproximados.

de 1990 a maioria dos equipamentos adquiridos era composta basicamente por armamentos de primeira linha e no estado da arte, comprados no exterior ou produzidos localmente. Passaram a ser incorporados armamentos que permitem também a projeção de poder das FAC no Sudeste Asiático.

Boa parte dos equipamentos recebidos até o início da década de 1980 atualmente não estão mais em uso, estando em atividade os equipamentos adquiridos posteriormente. Entretanto como Cingapura mantém uma política dúbia com relação à capacidade das FAC e poucas informações sobre os equipamentos militares em uso ou na reserva, seguindo o modelo de Israel, não é possível afirmar se todos os equipamentos estão sendo utilizados. A partir do final da década de 1990 aumentou consideravelmente o número de encomendas militares, a complexidade dos equipamentos e a quantidade, fatos destacados para um país pequeno.

Interessante notar a cooperação entre os países ocidentais, como motores alemães em fragatas de origem francesa, mísseis israelenses para caças bombardeiros de origem norte-americana, etc. Não foi possível estabelecer com precisão quais os equipamentos estão efetivamente baseados em Cingapura ou em países aliados via acordo, principalmente da Força Aérea, que mantém aeronaves e equipes de pilotos em treinamento nos EUA, França e Austrália.

Os dados foram obtidos no site do SIPRI: <http://www.sipri.org/contents/armstrad/at_data.html> [acesso em 19 de fevereiro de 2012], tabela baseada em dados gerados pelo: SIPRI- *Arms Transfers Database - Stockholm International Peace Research Institute [SIPRI]* da Suécia. A seguir a lista de países exportadores e a origem dos armamentos importados entre 1991 e 2010, estão indicados, sempre que possível, o ano da encomenda dos equipamentos e o ano final da entrega:

Canadá:

18 PW-100 Turbotrop - Turbohélices, para 4 aeronaves F -50 de transporte e 5F-50 Enforcer MP de patrulha marítima, recebidos entre 1993-1995.

19 PT-6A-68B . Turbohélices, para os aviões de treinamento PC-21 de origem Suíça, recebidos entre 2006 e 2008.

França:

37 LG-1 105mm . Canhões, recebidos entre 1992-1993.

4 TSM-2022/MCM Sonar . Sonares para os 4 navios caçaminas de origem sueca da classe Landsort, recebidos na década de 1990.

500 Mistral . Misseis antiaéreos portáteis com lançadores MANPADS e SIMBAD navais, recebidos entre 1994-1995.

6 TSM-2362 Gudgeon . Sonares antissubmarino para os navios de patrulha da classe Fearless produzidos em Cingapura, recebidos entre 1993-1997.

671 MILAN . Misseis antitanque, recebidos entre 1996 e 2001.

2 Master . Radar de busca aérea, recebidos entre 1997 e 2000.

300 ASTER-15 SAAM . Misseis antiaéreos para as fragatas da classe La Fayette . Formidables de projeto francês e construídas em Cingapura, recebidos depois do ano 2000.

5 EC-120 Colibri . Helicópteros leves de treinamento, recebidos entre 2005 e 2006.

Montados em Cingapura, sob licença da França:

6 La Fayette/Frigate 2000 . Fragatas com características furtivas, sendo que 5 produzidas nos arsenais de Cingapura, classe Formidable, recebidas entre 2007 e 2009.

Republica Federal da Alemanha:

24 MTU-595 . Motores a diesel para as 12 lanchas de combate da classe Fearless, recebidos entre 1993 e 1998.

24 MTU 8000-M90 . Motores a diesel para as 6 fragatas da classe La Fayette/Formidable de projeto francês e produzidas em Cingapura, recebidos entre 2000 e 2009.

8 BR-710 Turbinas a jato para os 4 aviões G-550 de alarme aéreo antecipado e vigilância oriundos dos EUA e com equipamentos oriundos de Israel, recebidos depois do ano 2000.

110 Leopard-2A4 . Tanques pesados, modernizados antes da entrega, podem chegar até a um total de 182, possivelmente alguns utilizados como fonte de peças de reposição, recebidos entre 2007 e 2010.

Israel:

150 Barak-1 . Mísseis antiaéreos para as corvetas da classe Victory oriundas da República Federal da Alemanha, recebidos entre 1992 e 1997.

6 EL/M-2221 STGR . Radares de controle de combate para as 6 corvetas MGB-62 da classe Victory oriundas da República Federal da Alemanha, utilizados com os mísseis Barak-1 de origem israelense, recebidos entre 1992 e 1996.

12 EL/M2228X . Radares de busca aérea para as lanchas de combate da classe Fearless produzidas em Cingapura, recebidos entre 1993 e 1998.

4 ELM-2238 STAR . Radares de busca aérea para os 4 navios de desembarque da classe Endurance desenvolvidos e produzidos em Cingapura, recebidos entre 1996 e 2001.

600 Python-4 . Mísseis ar . ar para os caça bombardeiros F-5S e F-16, de origem americana, recebidos entre 1997 e 2004.

40 Searcher . Veículos aéreos não tripulados para vigilância aérea, recebidos entre 1998 e 1999.

5 Hermes-450 . Veículos aéreos não tripulados para vigilância aérea, recebidos entre 2005 e 2007.

10 Litening . Equipamentos aeronáuticos, recebidos entre 2006 e 2007.

50 OWS-25 . Torres de combate para veículos blindados M-113 de origem norte americana, modernizados em Cingapura, recebidos entre 2005 e 2007.

4 EL/W-2085 . Sistemas de alarme aéreo antecipado e vigilância para as 4 aeronaves G-550 oriundas dos EUA e equipadas com equipamento israelense, recebidos entre 2007 e 2010.

Montados em Cingapura, sob licença de Israel:

1000 Spike-MR/LR . Mísseis antitanque recebidos entre 2001 e 2006.

Itália:

50 A-244 324mm . Torpedos antissubmarino para os aviões de patrulha Fokker-50 de origem holandesa, recebidos entre 1991 e 1995.

40 Grifo . Radares aéreos para os 40 caças bombardeiros F-5E-Tiger 2 modernizados em Cingapura para o padrão F-5S/T, modernização semelhante a ocorrida nos caças F-5E-Tiger 2 da Força Aérea Brasileira nos últimos anos, recebidos entre 1992 e 1998.

100 A-244 324mm . Torpedos antissubmarino para as lanchas de combate da classe Fearless produzidas em Cingapura, recebidos entre 1993 e 1998.

6 Super Rapid 76mm . Canhões navais para as 6 fragatas da classe La Fayette/Formidable oriundas da França e montadas em Cingapura, recebidos entre 2000 e 2009.

50 Black Shark . Torpedos antissubmarino e antinavio para os submarinos de origem sueca da classe Västergotland, recebidos entre 2007 e 2010.

12 M-346 . Aviões a jato de treinamento, baseados na França e que serão entregues a partir de 2012.

Holanda:

4 Fokker-50 . Aviões de transporte utilitários, recebidos entre 1991 e 1994.

5 Fokker-50 . Aviões antissubmarino e de patrulha, o equipamento de patrulha foi montado em Cingapura, recebidos entre 1991 e 1995.

4 WM-20 . Radares de controle de combate, para os 4 navios caça minas da classe Landsort oriundos da Suécia, recebidos entre 1991 e 1995.

Rússia:

350 Igla/AS-18 Grouse . Misseis antiaéreos portáteis, entregues com 30 lançadores, podem chegar a 440 e possivelmente serem montados em Cingapura, recebidos entre 1998 e 1999.

África do Sul:

1 Round Table . Navio de desembarque, obtido já usado, classe Perseverance, recebido em 1992.

Suécia:

1 Sjöomen . Submarino, pertencia a Suécia, modernizado antes da entrega, ficou baseado na Suécia até 2004 para treinamento da Marinha de Cingapura, denominado classe Challenger em Cingapura, recebido em 1997.

3 Sjöomen . Submarinos que pertenciam a Suécia, modernizados antes da entrega, um entregue para fornecer peças de reposição, recebidos entre 1997 e 2001.

30 Type-43 . Torpedos antissubmarino, para os submarinos da classe Sjöormen/Challenger, recebidos entre 2000 e 2001.

80 Type-613 533mm . Torpedos antinavio para os submarinos da classe Sjöomen/Challenger, recebidos entre 1997 e 2001.

2 Giraffe AMB . Radares de busca aérea, recebidos entre 1999 e 2001.

3 ARTHUR . Radares para artilharia, recebidos entre 1999 e 2003.

2 Västergotland . Submarinos, modernizados antes da entrega com motores AIP, denominados classe Archer em Cingapura, recebidos entre 2010 e 2011.

Montados em Cingapura, sob licença da Suécia:

4 Landsort . Navios caça minas, sendo que 3 foram montados em Cingapura, denominados classe Bedok em Cingapura, recebidos entre 1991 e 1995.

Suíça:

12 Skyguard . Radares de controle de combate, para utilização com os 24 canhões antiaéreos modelo GDF-002 35mm, recebidos entre 1991 e 1992.

19 PC-21 . Aviões de treinamento, vieram via EUA e ficam baseados na Austrália, recebidos entre 2006 e 2008.

Reino Unido:

36 CET . Veículos militares de engenharia, recebidos em dois lotes entre 1993 e 1998.

12 Rapier-1 . Sistemas de mísseis antiaéreos, modernizados para o padrão Rapier 2000, recebidos entre 1998 e 1999.

250 Rapier-2 . Sistemas de mísseis antiaéreos, provavelmente incluindo mísseis do modelo Rapier-1, pertencentes a Cingapura, modernizados para o modelo Rapier-2, recebidos entre 1994 e 1999.

8 RK-270 . Motores a diesel para os 4 navios de desembarque da classe Endurance produzidos em Cingapura, recebidos entre 1994 e 2001.

EUA:

20 RGM-84 Harpoon . Mísseis antinavio para utilização nos aviões de patrulha marítima Fokker-50 ASW/MP, recebidos entre 1991 e 1995.

9 F-16A . Caças bombardeiros para treinamento baseados nos EUA, recebidos entre 1992 e 1993.

1 NA/TPS-77 . Radar de busca aérea, recebido em 1997.

50 AIM-7M Sparrow . Mísseis ar . ar, para os caças bombardeiros F16C, recebidos entre 1994 e 1999.

36 AIM-9L/M - Mísseis ar . ar, para os caças bombardeiros F-16C, recebidos em 1998.

6 CH-47D Chinook . Helicópteros pesados, para transporte de tropas, busca e salvamento/SAR, recebidos entre 1994 e 1999.

18 F-16C Block-50/52 . Caças bombardeiros, incluídos 10 F-16D, recebidos entre 1994 e 1998.

2 S-211 . Avião a jato de treinamento, pertenciam ao Haiti, mas nunca foram utilizados, revendidos aos EUA e depois vendidos para Cingapura, recebidos entre 1994 e 1995.

1000 6V-53 . Motores a diesel da versão 6V-53T para a modernização dos blindados M-113 de transporte de tropas realizada em Cingapura, recebidos entre 1995 e 2000.

500 6V-92 . Motores a diesel para os blindados do modelo Bionix desenvolvidos e produzidos em Cingapura, recebidos entre 1995 e 2004.

5 AN/AAQ-13 . LANTIRN . Sistemas aeronáuticos, da versão Sharpshooter, recebidos entre 1996 e 1999.

5 AN/AAQ . 14 LANTIRN . Radares aeronáuticos, recebidos entre 1996 e 1999.

12 F-16C Block-50/52 . Caças bombardeiros para treinamento baseados nos EUA, recebidos entre 1996 e 1997.

24 RGM-84 Harpoon . Mísseis antinavio para utilização nos aviões Fokker-50 ASW/MP, recebidos entre 1996 e 1998.

12 F-16C Block-50/52 . Caças bombardeiros, incluídos 2 F-16DJ, recebidos entre 1997 e 2000.

4 KC-135 . Avião de transporte e reabastecimento aéreo, modernizados para o padrão KC-135R antes da entrega, recebidos entre 1997 e 2000.

6 CH-47D Chinook . Helicópteros pesados da versão CH-47SD, recebidos entre 1998 e 2001.

8 AH-64D Apache . Helicópteros de combate, ficaram estacionados nos EUA até 2006 e posteriormente foram para Cingapura, recebidos entre 1999 e 2002.

20 AIM-7M Sparrow . Mísseis ar . ar, recebidos entre 2000 e 2001.

60 AIM-9L/M Sidewinder . Mísseis ar . ar, recebidos entre 2000 e 2001.

8 NA/APG-78 Longbow . Radares para aeronaves, para a utilização nos 8 helicópteros de combate AH-64D Apache, recebidos entre 2000 e 2002.

6 EDO-980 . Sonares antissubmarino para as 6 fragatas da classe Lafayette/Formidable de modelo francês e produzidas em Cingapura.

20 F-16C Block-50/52 . Caças bombardeiros, da versão F-16D Block-52+, recebidos entre 2000 e 2004.

2 S-70/UH-60L Blackhawk . Helicópteros recebidos entre 2000 e 2002.

192 AGM-114K HELLFIRE . Mísseis antitanque, para os helicópteros de combate AH-64D Apache, recebidos entre 2001 e 2005.

12 AH-64D Apache . Helicópteros de combate, ficaram baseados nos EUA até 2006, recebidos entre 2001 e 2005.

100 AIM-120 . Mísseis ar . ar, para utilização nos caças bombardeiros F-16 e provavelmente nos F-15S, ficaram nos EUA até 2003 e depois foram enviados para Cingapura, depois que a RPC e o Vietnã introduziram os mísseis AA-12 de origem russa, recebidos entre 2001 e 2003.

18 NA/AAQ-14 LANTIRN . Radares para aeronaves, para os caças bombardeiros F16, recebidos entre 2001 e 2005.

12 NA/APG-78 Longbow . Radares para aeronaves, para os 12 helicópteros de combate AH-64D, recebidos entre 2001 e 2005.

54-M109 Chassis . Chassis de tanques para o blindado Primus com canhão em torre de 155mm desenvolvido em Cingapura, também para modelos com posto de comando e apoio, recebidos entre 2001 e 2004.

50 AIM-120 AMRAAM . Mísseis ar . ar, modelo AIM-120C-5, recebidos entre 2004 e 2006.

12 F-15E Strike Eagle . Caças bombardeiros da versão F-15SG, recebidos entre 2005 e 2010.

6 S-70B/SH-60B Seahawk . Helicópteros antissubmarino, da versão SH-70N recebidos entre 2005 e 2010, para utilização com os navios da Marinha de Cingapura.

24 AAQ-33 Sniper . Sistemas aeronáuticos para os caças F-15SG, recebidos entre 2006 e 2010.

60 AGM-154 JSOW . Mísseis ar . terra, modelos AGM-154A e AGM-154C, para os caças bombardeiros F-15SG, recebidos entre 2006 e 2010.

100 AIM-120C AMRAAM . Mísseis ar . ar, modelo AIM-120C-5, recebidos entre 2006 e 2010.

50 JDAM . Bombas guiadas, recebidas entre 2006 e 2009.

200 AIM-9X Sidewinder . Mísseis ar . ar, modelo AIM-120C-5, para os caças F-15SG, recebidos entre 2007 e 2010.

12 F-15E Strike Eagle . Caças bombardeiros da versão F-15SG, devem ser entregues entre 2010 e 2012.

4 G-550 AEW . Aviões de vigilância aérea, encomendados e entregues via Israel, com sistemas oriundos de Israel, recebidos entre 2007 e 2010.

84 Paveway . Bombas guiadas, incluídas 28 GBU-10 e 56 GBU-12, recebidas entre 2007 e 2010.

30 AAQ-33 Sniper . Sistemas aeronáuticos, para os caças bombardeiros F-16, recebidos entre 2008 e 2010.

1 Gulfstream-5 . Avião de transporte, para treinamento por um período de 20 anos com uma companhia civil dos pilotos da Força Aérea da República de Cingapura, será recebido em 2012

18 HIMARS 227mm - Lança foguetes autopropulsado, recebidos entre 2008 e 2010.

192 M-30 GMLRS . Foguetes guiados para os lança foguetes HIMARS 227mm, recebidos entre 2008 e 2010.

135 C-9 . Motores a diesel para os blindados AV-81 Terrex produzidos em Cingapura, cujo numero é de 70 unidades, recebidos entre 2009 e 2010.

15 MassPro . Veículos blindados, recebidos em 2009

24 f-124 . Turbinas a jato para os 12 aviões de treinamento M-346 de origem italiana que serão entregues entre 2010 e 2012.

As exportações de armamentos por parte de Cingapura.

Com o desenvolvimento da sua indústria bélica, através do conglomerado *ST Engineering*, Cingapura passou a ser também um exportador de armamentos. A partir da década de 1970, Cingapura passa a fornecer armamentos para nações asiáticas e africanas, depois para a Europa, Reino Unido, Suécia e mais recentemente o Brasil. Notar que mesmo para países próximos considerados potenciais adversários como Malásia e Indonésia, Cingapura também exportou armas.

Os dados foram obtidos no site do SIPRI: http://www.sipri.org/contents/armstrad/at_data.html [acesso em 19 de fevereiro de 2012], tabela baseada em dados gerados pelo: *SIPRI- Arms Transfers Database - Stockholm International Peace Research Institute* [SIPRI] da Suécia. A seguir a lista de países importadores desde a década de 1970:

Bangladesh:

2 PB-46 . Lancha de patrulha, para a vigilância da Zona Econômica sob controle do Ministério da agricultura de Bangladesh, recebidas entre 1983 e 1984.

Bélgica:

2 A-310 . Aviões de transporte da Airbus, do modelo A310-222, equipamento usado, recebidos entre 1997 e 1998.

Brasil:

4 Grajaú . Lanchas de patrulha, montadas no Brasil, recebidas entre 1987 e 1997, mais duas unidade recebidas entre 1999 e 2000.

Brunei:

3 Waspada - Lancha rápida de combate, recebidas entre 1978 e 1979.

Chade:

6 AS-350/AS-550 Fennec . Helicópteros leves de origem francesa, repassados para o Chade entre 2008 e 2010.

Índia:

14 Tara Bai . Lanchas de patrulha, para a Guarda Costeira da Índia, sendo que 9 foram produzidas na própria Índia, recebidas em dois lotes, entre 1986 e 1995.

Indonésia:

5 FH-88 155mm . Canhões, provavelmente pertenciam a Cingapura, recebidos entre 1996 e 1997.

19 SF-260 . Aviões de treinamento, pertenciam a Cingapura, incluídos da versão armada SF-260WS, recebidos entre 2001 e 2002.

Kuwait:

3 LC-32m . Navios de desembarque, classe Al Jahra no Kuwait, recebidos entre 1987 e 1979.

2 Al Tahaddy . Navios de desembarque para a Guarda Costeira do Kuwait, recebidos entre 1993 e 1994.

Malásia:

1 Duyong . Navio de apoio a missões de mergulho e recuperação de torpedos, recebido em 1971.

7 AS-316B Alouette-3 . Helicópteros leves de origem francesa, pertenciam a Cingapura, recebidos em 1978.

Nigéria:

2 FBP-38 . Lanchas de patrulha, recebidas entre 2007 e 2009.

Omã:

3 Saba Al Bahr . Navios de desembarque, recebidos entre 1981 e 1983.

Papua Nova Guiné:

3 Standard 120mm . Morteiros, recebidos entre 1995 e 1996.

3 Vosper Type-A/B . Lanchas de patrulha de origem britânica, pertenciam a Cingapura, classe Aitape na Papua Nova Guiné, recebidas entre 1996 e 1997.

Filipinas:

2 Bataan . Lanchas de patrulha, recebidas entre 1973 e 1975.

7 Bell-205/UH-1H - Helicópteros de origem americana, pertenciam a Cingapura, modernizados antes da entrega, recebidos entre 2003 e 2005.

Sri Lanka:

3 Abheetha . Navios de carga, recebidos entre 1984.

3 Mahawele . Navios de apoio, recebidos em 1984.

2 LC-33M . Lanchas de desembarque, classe Kandula no Sri Lanka, recebidas entre 1985 e 1987.

2 Hansaya . Lanchas de transporte, recebidas entre 1986 e 1987.

9 Standard 120mm . Morteiros, pertenciam a Cingapura, recebidos em 2000.

Produzidos no Sri Lanka, sob licença de Cingapura:

2 LC-33m . Lanchas de desembarque, classe Kandula no Sri Lanka, recebidos entre 1991 e 1992.

Suécia:

1 Smit Manilla . Navio de carga, modernizado antes da entrega, utilizado como navio depósito, classe Ut na Suécia, recebido em 1989.

Taiwan:

20 RBS-70 . Mísseis antiaéreos portáteis de origem sueca, transferidos via Unicorn International em Cingapura sem autorização, possivelmente não legalizados, recebidos entre 1982 e 1984.

Produzidos em Taiwan, sob licença de Cingapura:

8 Ning Hai . Lanchas de patrulha, recebidas entre 1985 e 1990.

Tailândia:

1 Chula - Navio tanque recebido em 1981.

7 F-16A . Caças bombardeiros de origem norte americana, em troca de áreas para treinamento militar para Cingapura na Tailândia, incluídos 4 F-16B, recebidos em 2004.

1 Endurance . Navio de desembarque desenvolvido em Cingapura, similar aos 4 navios da classe Endurance em uso pela Marinha de Cingapura, será entregue em 2012.

Emirados Árabes Unidos:

3 Barracuda . Navios de apoio, recebidos em dois lotes entre 1983 e 1989.

1 Al Feyi . Lancha de desembarque, recebida em 1987.

48 SRAMS 120mm - Morteiros para utilização nos veículos Agrab de origem sul-africana, recebidos entre 2009 e 2010.

Reino Unido:

100 Bronco . Veículos blindados, modelo Wartog no Reino Unido para uso como ambulância e missões de apoio, recebidos entre 2010 e 2011.

Os aliados estratégicos de Cingapura no início do século XXI

Cingapura através da sua diplomacia seletiva e estratégica com acordos de cooperação militar, basicamente com potencias militares e econômicas no Ocidente, Ásia e Oceania, desenvolveu parcerias também com aliados regionais na área de segurança. Esses acordos poderiam ser classificados por proximidade geopolítica e também apoio político e militar, aumentando as interligações e compromissos geopolíticos de Cingapura com os seguintes países:

Índia e Tailândia:

Parceiros próximos geograficamente e aliados estratégicos. A Tailândia é um parceiro constante fornecendo alimentos, mais ainda no caso de um conflito com um inimigo externo, seria uma fonte confiável para o fornecimento de arroz principalmente. As forças armadas dos dois países, tem relações bem próximas desde a década de 1970. Nos últimos anos a Tailândia vem inclusive comprando mais equipamentos militares oriundos de Cingapura e permitindo o treinamento das FAC no seu território.

A Índia desde a década de 1960 foi um fornecedor de equipamentos militares de segunda linha para Cingapura, tornando-se uma retaguarda estratégica em relação à Malásia e à Indonésia. Esses armamentos, foram a base para a formação das FAC no difícil período logo após a independência, diminuindo a possibilidade de um conflito com a Malásia, pelo poder de dissuasão que tiveram a partir de 1968. Deve se levar em conta o papel da comunidade indiana em Cingapura e as suas ligações culturais com a Índia e a ampliação das relações econômicas e diplomáticas.

Austrália e Nova Zelândia:

Aliados históricos do FPDA e membros da Comunidade Britânica de Nações, sempre foram a retaguarda estratégica de Cingapura quando a FAC estava ainda em desenvolvimento nas décadas de 1960 e 1970. Deve ser destacado sempre o papel desses dois países como aliados históricos na defesa de Cingapura desde a Segunda Guerra Mundial,

como a ampliação da parceria militar deles com Cingapura, principalmente como bases de treinamento além-mar nos últimos anos.

Taiwan:

Parceria estratégica desde a Guerra Fria, inclusive com a utilização de Taiwan como território para treinamento das FAC. Contrapeso para as possíveis pressões da República Popular da China . RPC em relação a Cingapura na área de defesa e política externa. Ocorre de fato um endosso da política americana em relação a Taiwan e um distanciamento em relação a RPC em termos militares.

Reino Unido:

Aliado tradicional em termos estratégicos e fornecedor de equipamentos militares, ainda que em menor escala do que outros países Europeus como França, Alemanha e Suécia. O principal pilar de apoio do FPDA. Um aliado de peso tanto em termos históricos e culturais em relação ao crescimento do poder da RPC e da Índia no início do século XXI na Ásia. Na atualidade o Reino Unido funciona como uma força reserva no caso de um conflito, podendo atuar em defesa de Cingapura no Sudeste Asiático.

EUA e Israel:

São os dois maiores aliados e fornecedores de equipamentos e tecnologia militar para Cingapura, além de atuarem como a retaguarda estratégica no caso de um conflito em larga escala no Sudeste Asiático, principalmente as forças navais dos EUA na Ásia. Os EUA também servem como base de treinamento da Força Aérea de Cingapura.

Cingapura atualmente é o *porto seguro* das forças navais americanas no Sudeste Asiático e serve de apoio aos EUA depois da sua saída das suas bases militares nas Filipinas no início da década de 1990. A relação com Israel parece cada vez mais sólida e ampla. Apenas é possível identificar essa parceria através da origem dos equipamentos militares e da organização e doutrina das FAC. Outros acordos estratégicos e militares com Israel não são conhecidos publicamente.

França, República Federal da Alemanha e Suécia:

Esses países não realizam exercícios militares bilaterais como os países da Comunidade Britânica de Nações, mas são fornecedores estratégicos de equipamentos militares para Cingapura desde a década de 1970, visando inclusive à opção de mais fornecedores além do eixo, EUA . Reino Unido . Israel.

A aproximação com esses países Europeus também é importante na medida em que, além de laços militares, amplia também parcerias econômicas e tecnológicas e aumenta a interdependência entre Cingapura e esses países, uma preocupação estratégica da elite dirigente da cidade-estado.

A Força Aérea de Cingapura mantém na França desde 1988 uma unidade de aviões da caça para treinamento de pilotos, com aeronaves *A4-SU Super Skyhawk* de origem norte-americana, mas modernizados em Cingapura, devido a falta de espaço aéreo para treinamento.

Rússia

Após o fim da Guerra Fria o relacionamento entre Cingapura e a Rússia foi ampliado, principalmente no campo militar e na área de mísseis antiaéreos e possivelmente mísseis estratégicos convencionais do modelo SS-21. Esses últimos seriam as %balas de prata+de Cingapura no caso de um conflito regional, mas sua existência nunca foi confirmada por Cingapura. A sua posse é mencionada como uma possibilidade por Tim Huxley, mas pode ser também mais uma tática de desinformação das FAC. O sistema de defesa aérea do país é baseado nos mísseis Igla de origem russa.¹⁰¹

Brunei:

O pequeno sultanato no Sudeste Asiático além de ser um parceiro militar e econômico de Cingapura desde a sua independência, pode num momento de crise ser uma fonte importante no abastecimento de petróleo

¹⁰¹ HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000, pp. 253-254, citando o seguinte artigo: %Singapore in talks to buy Russian missiles+JDW, 4 September, 1999, p.3.

e gás natural para Cingapura. Também serve como base de treinamento das FAC devido a sua proximidade geográfica no Sudeste Asiático.

A relação militar de Cingapura com a Índia e a RPC no início do século XXI

Essas duas potências asiáticas desde a fundação de Cingapura em 1819 foram determinantes para a trajetória da cidade-estado, não apenas pela a origem da maioria da população, mas pelos vínculos econômicos, geopolíticos e estratégicos, que serão ainda mais importantes no início do século XXI.

Cingapura está geograficamente no meio do caminho entre a Índia e a China, e essa posição geográfica e geopolítica pode trazer vantagens, mesmo diante das fragilidades estratégicas de Cingapura citadas anteriormente.

Possivelmente Cingapura não deverá nos próximos anos e décadas se aproximar militarmente desses dois países, com destaque para a RPC. A aliança militar com o Ocidente parece consolidada e a troca de toda uma doutrina estabelecida como a utilização de duas gerações de equipamentos militares ocidentais poderia ser mais um problema do que uma solução para Cingapura. O custo político e estratégico seria muito alto, além de atrelar definitivamente Cingapura a essas duas potências regionais na Ásia, diminuindo a sua capacidade de ação na região. Para Cingapura sempre foi mais seguro depender militarmente da Europa, EUA e Israel, mesmo que isso signifique outra dependência.

Nas décadas de 1960 e 1970 a Índia forneceu equipamento militar de segunda linha para Cingapura, para garantir a sua soberania nacional e provavelmente manter um política de boa vizinhança com os cingapurianos de origem indiana. Também possivelmente para marcar uma posição política no Sudeste Asiático, inclusive com relação a RPC e por que não se aproximar da população de origem chinesa em Cingapura.

Cingapura consolida o desenvolvimento tecnológico e militar das FAC.

Com o desenvolvimento econômico, Cingapura passou a ser um centro de excelência na área de defesa, depois de ter investido no desenvolvimento de tecnologias militares de adaptação de equipamentos. Agora comprava necessariamente equipamento militar de primeira linha.

A partir do final da década de 1980, Cingapura passou a modernizar todo o equipamento militar das FAC e tornou-se um centro de manutenção e reforma de aeronaves militares e navios de guerra no Sudeste Asiático.

As relações militares ainda são predominantemente com os países ocidentais, com a Índia e a RPC ainda distantes desse campo em relação a Cingapura. A ligação de Cingapura com a Europa, os EUA e Israel no campo militar nos últimos quarenta anos parece bem sedimentada. Não há indícios que em termos estratégicos ocorra uma mudança radical nesse sentido, mudando toda uma doutrina e linha logística e tecnológica estabelecida há tantos anos. Ocorre de fato uma ampliação da aliança estratégica com o Ocidente.

A revolução nos assuntos militares, o desenvolvimento militar de alta tecnologia depois da Guerra do Golfo em 1991, levou as FAC a organizar e incorporar uma nova geração dos equipamentos e padrões militares, seguindo o modelo norte americano e o israelense. A derrota do Kuwait frente ao Iraque demonstrou a fragilidade estratégica de um país pequeno frente a um vizinho maior e mais poderoso, uma lição valiosa para Cingapura e seus estrategistas, principalmente com relação ao papel dos EUA nesse conflito e sua atuação como aliado preferencial do Kuwait.

Essas transformações possibilitaram a partir do início do século XXI a uma modernização sem precedentes nas FAC como os dados do SIPRI demonstram.

Com uma força real de pouco mais de 70 mil militares na ativa, as FAC no caso de mobilização podem dispor em um dia de mais de 300 mil reservistas, dentro do modelo Defesa Total adotado em Cingapura.

Conseguindo assim contrabalançar o peso demográfico de qualquer possível adversário no Sudeste Asiático, Cingapura apostou desde a constituição das FAC nos armamentos de alta tecnologia, para minimizar suas fragilidades demográficas, ainda mais depois da década de 1990 e o fim da Guerra Fria e o aumento da instabilidade política na Ásia.¹⁰²

Tanto melhor para os países ocidentais. Quanto mais rica ficou Cingapura, maior foi a sensação de fragilidade, ampliada e divulgada pelos líderes do PAP, como forma de garantir uma política de coesão nacional. Portanto EUA, França, Suécia, República Federal da Alemanha, Israel, Reino Unido, irão vender cada vez mais armamentos para Cingapura manter o seu status de "ilha de prosperidade" na Ásia, devido ao aumento dos gastos militares por outros países na região.

A atuação regional e global. Missões humanitárias e participação em conflitos

Desde a década de 1970 as FAC vêm atuando no Sudeste Asiático em missões humanitárias, geralmente após grandes desastres naturais como terremotos, inundações e tsunamis. Essas missões além de servirem para a atuação de fato das FAC, servem também como uma política de boa vizinhança na região e um instrumento da ação diplomática da cidade-estado, ampliando a sua participação nas relações internacionais da Ásia.

Com o crescimento das FAC a partir do início do século XXI novas atividades foram realizadas e não apenas no cenário regional do Sudeste Asiático. Missões de apoio e resgate na Indonésia, Filipinas, EUA e outras nações comprovaram o preparo das FAC, agora já consolidadas e com o desenvolvimento de uma doutrina própria. No caso dos desastres naturais, como o tsunami na Indonésia em 2004, demonstraram a participação de Cingapura como ator importante no cenário internacional.

¹⁰² HUXLEY, Tim. "Singapore's strategic outlook and defence policy." in: LIOW, Joseph Chinyong; EMMERS, Ralf. [edited]. *Order and Security in Southeast Asia. Essays in memory of Michael Leifer*. London/New York, Routledge, 2006, pp. 141-160.

Também deve ser destacada a participação das FAC no conflito do Iraque entre 2003 e 2008, apoiando os EUA e as forças da OTAN.¹⁰³

No caso dos conflitos desde o início da *Guerra ao Terror* promovida pelos EUA depois do 11 de Setembro de 2001, Cingapura apoiou as forças da OTAN no Iraque, como no combate à pirataria na costa leste da África. Missões complexas e caras para um país pequeno e com um efetivo reduzido de militares profissionais.

Todos esses atos de política externa servem basicamente para assegurar alguns benefícios para Cingapura:

1 É Colaboração com o Ocidente, EUA e OTAN, em várias regiões do mundo, correspondendo ao apoio que Cingapura teve desde a independência desses países, como deixando clara sua posição na Ásia, ou seja, um aliado preferencial dos EUA e da OTAN.

2 É Apoio a missões de paz da ONU, garantindo ao mesmo tempo a participação de Cingapura nos organismos internacionais num mundo multipolar e mais complexo do que aquele do período da Guerra Fria. Com maior capacidade econômica, militar e tecnológica, Cingapura pode atuar além das suas fronteiras, dimensionando em maior escala a sua política externa.

3 É As participações militares no exterior são um bom modo de treinar as FAC e ao mesmo tempo colocar em contato com situações reais de atuação em conflitos e desastres naturais, pensando sempre na sua atuação em Cingapura e no Sudeste Asiático no caso de um conflito.

4- Por fim a cooperação com outras forças armadas mais modernas e poderosas que as FAC. Basicamente através dos EUA e da OTAN, colocam o Estado de Cingapura e as FAC em contato com a

¹⁰³ LIEW, Derek. "Operation Flying Eagle+ This Month in History". Singapore: Joint Manpower Department, Vol 9, Issue 12, December, 2005 <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/about_us/history/maturing_saf/v09n12_history/_jcr_content/imindefPars/0003/file.res/TMIHDec2005.pdf> [acesso em 17/5/2012] e também sobre a missão militar no Iraque: *Partnering To Rebuild. Operation Blue Orchid. The Singapore Armed Forces Experience in Iraq*. Singapore: MINDEF, 2010 <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/resources/e-books/ebklist/_jcr_content/imindefPars/0024/file.res/PartneringToRebuild_OBO.pdf> [acesso em 17/5/2012]

tecnologia de ponta e os procedimentos militares mais atualizados em uso, que podem depois serem transferidos e adaptados para as FAC.

As possibilidades de cooperação estratégica entre Cingapura e o Brasil na área de defesa e tecnologia no início do século XXI

Na área militar a cooperação entre Brasil e Cingapura aumentou consideravelmente desde a década de 1990, principalmente com relação a Marinha do Brasil - MB e a Força Aérea Brasileira - FAB.

A MB adquiriu na década de 1990 navios de patrulha para a Zona de Exploração Econômica . ZEE, na costa do Brasil. Os navios da classe *Grajaú* são utilizados *de fato* como unidades navais de Guarda Costeira pela Marinha do Brasil. Modelo eficiente e relativamente barato garante a presença mínima do Brasil na sua ZEE em missões de manutenção da soberania, contra a pirataria, busca e salvamento, etc.¹⁰⁴

A modernização dos caças bombardeiros *F 5 Tiger 2* da Força Aérea Brasileira realizada nos últimos anos, seguiu um padrão muito semelhante aquele realizado com os mesmos modelos de aeronaves pela Força Aérea da República de Cingapura, contando com equipamentos de modernização e armamentos de origem italiana e israelense. Possivelmente a atualização realizada serviu para elevar o nível tecnológico da indústria aeronáutica em Cingapura e no Brasil.¹⁰⁵

Uma possibilidade interessante seria a realização de acordos entre Cingapura e o Brasil na área de Defesa, com o desenvolvimento de projetos, ou mesmo a modernização de equipamentos existentes. Isso poderia ser realizado levando-se em consideração a experiência de ambos os países. Parcerias poderiam ser realizadas na indústria

¹⁰⁴ DAGNINO, Roberto. A Indústria de Defesa no Governo Lula. São Paulo: Expressão Popular/FAPESP, 2010, pp. 81-85.

¹⁰⁵ A modernização dos caças F 5 Tiger 2 em Cingapura e no Brasil e adoção do modelo israelense de modernização está em: LORCH, Carlos; STEINEMANN, Peter. Sangue Novo em Defesa da Ilha. A Modernização dos F-5E/F de Cingapura: Revista Força Aérea. Ano 3 /nº 11 jun/jul 1998. Rio de Janeiro: Action Editora, 1998, pp. 108-115 e na obra detalhada sobre a trajetória do caça na Força Aérea Brasileira, mas também contando a sua trajetória e modernização em outras forças aéreas no mundo, inclusive Cingapura: CASELLA, Leandro; CUNHA, Rudnei Dias da. Northrop F 5 no Brasil. Porto Alegre: Edição dos Autores, 2011, pp. 6-29 e 138-175.

aeronáutica e naval e em menor escala na área terrestre com blindados, tanques e veículos especializados.

As parcerias em áreas militares são mais eficientes e baratas, pois projetos militares demandam muito tempo e são caros, poucos países tem a capacidade tecnológica, industrial e econômica de desenvolverem projetos sem parcerias. Apenas EUA, Rússia, França, Reino Unido e a RPC tem essa capacidade, e mesmo assim optam por parcerias quando necessário. Coincidentemente esses cinco países são membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e os maiores produtores de armas do mundo. Cingapura mantém boas relações militares com eles, com destaque para os EUA.

Esses acordos na área da defesa poderiam trazer benefícios e desenvolvimento tecnológico para o Brasil e Cingapura em médio prazo, como a conquista de novos mercados consumidores nos países em desenvolvimento.

Considerações Finais

A história do desenvolvimento de Cingapura, a partir da sua independência em 1965, é relacionada com as condições geográficas e geopolíticas da cidade-estado, como a percepção da sua fragilidade devido ao seu tamanho reduzido, falta de água e outros recursos naturais e uma população pequena para padrões asiáticos. População essa etnicamente minoritária no cenário regional do Sudeste Asiático, com chineses e indianos em relação a malaios e indonésios.

Tais limitações levaram ao desenvolvimento de forças armadas hipertrofiadas para um país pequeno, resultando no notável desenvolvimento das FAC ao longo de quatro décadas contando com apoio da Europa Ocidental, Israel e dos EUA. Talvez apenas os vários Emirados no Golfo Pérsico, de tamanho semelhante a Cingapura, tenham a mesma característica em termos geopolíticos, estratégicos e apoio militar do Ocidente devido as suas reservas estratégicas de petróleo e gás.

Entretanto possuem uma instabilidade política muito maior e sem a presença de instituições democráticas de modelo ocidental, como em Cingapura, apesar das peculiaridades do seu modelo político e o predomínio do PAP na política local desde a independência.

O apoio inicial de Israel, na formação das FAC e também o fornecimento de equipamentos bélicos, tecnologia e doutrina militar, resultaram, *de fato*, em uma *aliança estratégica e militar* com Cingapura. Também o apoio dos EUA foi importante a partir do início da década de 1970. Cingapura tornou-se literalmente *um porto seguro* para as forças militares dos EUA no Pacífico e na Ásia. Nesse caso também ocorreu uma aliança estratégica desde o conflito do Vietnã e a ameaça comunista soviética e chinesa no Sudeste Asiático.

Se num primeiro momento os EUA delegava a missão de formar e equipar as FAC a Israel e aos países da Europa Ocidental, a partir de meados da década de 1980 passaram a atuar mais diretamente nessa função. Tanto que aumentou em importância e valores a venda de

equipamentos militares norte americanos depois do fim da Guerra Fria. Chegando a níveis significativos no fornecimento de equipamentos na primeira década do século XXI, passando os EUA a ser o principal fornecedor militar de Cingapura.

Cingapura parte então para uma aliança preferencial, em termos militares e estratégicos, com os EUA no Sudeste Asiático, semelhante a que os EUA mantêm com Israel e países asiáticos, como a Coreia do Sul, Taiwan e Japão. Cingapura passou depois que os EUA saíram das bases militares nas Filipinas no início da década de 1990, a ser o grande aliado norte americano na região, além de ser uma grande base militar de apoio para as forças armadas dos EUA, com destaque para as suas forças navais no Oceano Índico e no Oceano Pacífico.

Essas alianças com diversos países em vários continentes são compromissos estratégicos dos EUA de duas mãos, ou seja, fornecem armamentos, doutrinas e logística, o que além de uma forma de dominação e dependência também geram empregos nos EUA e mantem seu *complexo industrial militar* ativo. Num momento de ameaça aos seus interesses, os EUA esperam reciprocidade dos aliados, inclusive com a possibilidade da utilização de bases militares, portos, aeroportos, no caso de conflitos nos quais os EUA estejam participando. Pode ser destacado o apoio de Cingapura a Guerra ao Terror desde 2001, e suas participações em operações de apoio no Iraque, Afeganistão e missões antipirataria no Chifre da África e na costa da Somália, sempre atuando ao lado dos EUA.

Uma possibilidade interessante tanto para o Brasil e Cingapura seria a cooperação entre as suas forças armadas, ministérios da defesa e as indústrias bélicas de ambos os países. A compra de navios patrulha pela Marinha do Brasil, baseados num modelo desenvolvido em Cingapura demonstra a viabilidade dessa parceria.

Acordos futuros facilitariam o desenvolvimento de projetos militares e a redução de custos, pois cada vez mais os equipamentos militares se tornam caros e sofisticados. Outra possibilidade seriam as parcerias tecnológicas e a ampliação de mercados consumidores de equipamentos

militares na Ásia, América Latina e África, através do desenvolvimento ou modernização de equipamentos militares das forças armadas situadas nessas regiões, com apoio das indústrias bélicas do Brasil e de Cingapura atuando em parceria.

Bibliografia e Fontes:

Documentários

Novas diretrizes do Pentágono para 2012 se voltam para a Ásia. Programa Sem Fronteiras/Globonews, 2012.

O ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, fala sobre o papel da China. Programa Milênio/Globonews, 2012.

Pearl Harbor. Editora Abril. São Paulo: Abril, 2008. [Coleção Battlefield: as maiores batalhas da Segunda Guerra; v. 7]

Singapore. A Success Story. Tomland International, 1993.

The Singapore History: 1. . Raffles` Little Child; 2. . The accidental nation; 3. . Lion City . Asian Tiger. Discovery Channel, 2005.

Sites:

<http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php> [Acesso em 19/2/2012]

<http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/GDP_PP.pdf> [acesso em 11/8/2011]

<<http://siteresources.worldbank.org/DATASTATISTICS/Resources/POP.pdf>> [acesso em 11/8/2011]

<<http://siteresources.worldbank.org/INTLED/Resources/339650-1194284482831/4356163-1211318886634/SingaporeProfile.pdf>> [acesso em 4/9/2011]

<<http://www.austlii.edu.au/au/other/dfat/treaties/1971/21.html>> [acesso em 21/02/2012]

<http://www.cabinet.gov.sg/content/cabinet/appointments/mr_lee_hsien_loong.html> [acesso em 15/05/2012]

<http://www.cabinet.gov.sg/content/cabinet/appointments/mr_lee_hsien_loong/biodata.html> [acesso em 15/05/2012]

<<http://www.contactsingapore.org.sg/industries/oil/>> [acesso em 2/8/2011]

<http://www.edb.gov.sg/edb/sg/en_uk/index/industry_sectors/Chemicals/industry_background.html> [acesso em 4/8/2011]

<http://www.edb.gov.sg/edb/sg/en_uk/index/industry_sectors/Chemicals/industry_background.html> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/industries.Par.51100.File.tmp/Aerospace%20Factsheet.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/industries.Par.71025.File.tmp/Chemicals%20Factsheet%20.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/industries.Par.73362.File.tmp/Marine%20&%20Offshore%20Engineering%20Factsheet.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/industries.Par.75943.File.tmp/Translational%20&%20Clinical%20Research%20Factsheet.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/industries.Par.99517.File.tmp/Jurong%20Island%20Factsheet.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<<http://www.edb.gov.sg/etc/medialib/downloads/pdf.Par.27598.File.tmp/Biomedical%20Sciences%20Brochure%202011.pdf>> [acesso em 4/8/2011]

<http://www.flightglobal.com/airspace/media/reports_pdf/world-air-forces-2010-78877.aspx> [acesso em 13/3/2012]

<<http://www.globalsecurity.org/military/facility/diego-garcia.htm>> [acesso em 27/11/2011]

<<http://www.mindef.gov.sg/imindef/publications/cyberpioneer/news.html>> [acesso em 14/05/2012]

<<http://www.mindef.gov.sg/imindef/publications/pointer/index.html>> [acesso em 14/05/2012]

<http://www.mindef.gov.sg/safti/pointer/back/journals/1998/Vol24_4/8.htm> [acesso em 27/11/2011]

<http://www.singaporebudget.gov.sg/budget_2012/about_budget.html> [acesso em 22/01/2012]

<<http://www.stengg.com/about-us/corporate-overview>> [acesso em 27/05/2012]

<<http://www.stengg.com/about-us/corporate-overview>> [acesso em 9/6/2012]

<<http://www.mindef.gov.sg/imindef/home.html>> [acesso em 14/05/2012]

<<http://www.youtube.com/user/cyberpioneertv>> [acesso em 14/05/2012]

<http://www.scdf.gov.sg/scdf_internet/en.html> [acesso em 15/05/2012]

<<http://milexdata.sipri.org/result.php4>> [acesso em 9/10/2011]

<<http://www.uq.edu.au/isaasiapacific/content/mohdmohdrusli7-2.pdf>> [acesso em 3/01/2012]

<www.janes.com> [acesso em 10/05/2012]

<<http://www.gov.sg/>> [acesso em 14/05/2012]

<<http://www.scdf.gov.sg/>> [acesso em 15/05/2012]

<<http://www.singaporeairshow.com.sg/>> [acesso em 15/05/2012]

<<http://www.spf.gov.sg/>> [acesso em 15/05/2012]

<<http://www.stengg.com/about-us/global-presence>> [acesso em 16/5/2012]

Artigos:

%The Visible Hand. Special Report. State Capitalism+ The Economist, January 21ST-27TH, Volume 402. Number 8768, 2012. London: The Economist 2012., pp. 3-18.

%Geographic Distribution of the Singapore Resident Population+ Statistics Singapore Newsletter. September 2010. Singapore: Singapore Department of Statistics, 2010.

%Mr Lee Kuan Yew speaks with SAF Officers and Defence officials at dinner dialogue+

<http://www.mindef.gov.sg/imindef/news_and_events/nr/2012/may/18may_12_nr.html> [acesso em 23/05/2012]

Singapore Hosts FPDA 40th Anniversary Celebrations: http://www.mindef.gov.sg/imindef/news_and_events/nr/2011/nov/01nov11_nr.html [acesso em 21/2/2012]

ATKINS, Peter. Singapore or Bust: Air Forces Monthly. nº 80/November-1994. Stamford: Key Publishing Ltd, 1994., pp. 46-50.

BOND, Steve. Classic Profile. The Hunter: Air Forces Monthly. nº 34/January-1991. Stamford: Key Publishing Ltd, 1991., pp. 31-44.

Partnering To Rebuild. Operation Blue Orchid. The Singapore Armed Forces Experience in Iraq: Singapore: MINDEF, 2010 http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/resources/e-books/ebklist/jcr_content/imindefPars/0024/file.res/PartneringToRebuild_OBO.pdf [acesso em 17/5/2012]

BRAYBOOK, Roy. SE Asian Military Market: Air International. Vol 54/nº2/February 1998. Stamford: Key Publishing Ltd, 1998, pp. 86-90.

DOWNING, Mike; BOND, Steve. Strategic Singapore: Air Forces Monthly. nº 36/March-1991. Stamford: Key Publishing Ltd, 1991, pp. 48-56.

EBATA, Kensuke. Chill winds in the North-West Pacific: Capitan John Moore [editor]. Janes Naval Review. Fourth year of issue. London: Janes Publishing, 1985, pp. 23-34.

FRANCILLON, René J. Still Standing in the Ring. The Douglas Skyhawk in Foreign Service: Air International. Vol 58/nº2/February 2000. Stamford: Key Publishing Ltd, 2000, pp. 78-85.

HAQUE, M. Shamusul. Governance and Bureaucracy in Singapore: Contemporary Reforms and Implications: International Political Science Review [2004], Vol 25, No. 2. London: Sage Publications, 2004, pp. 227-240:

<http://unpan1.un.org/intrdoc/groups/public/documents/APCITY/UNPAN025143.pdf> [acesso em 8/6/2012]

HEWSON, Robert. ASEAN Air Power: Air Forces Monthly. nº 144/March-2000. Stamford: Key Publishing Ltd, 2000, pp. 36-49.

HUXLEY, Tim. %Singapore`s strategic outlook and defence policy.+ in: LIOU, Joseph Chinyong; EMMERS, Ralf.[edited]. Order and Security in Southeast Asia. Essays in memory of Michael Leifer. London/New York, Routledge, 2006, pp. 141-160.

JACOBS, G. K. %North Asia: progress on all quarters+ Capitan John Moore [editor]. Janes Naval Review. Third year of issue. London: Janes Publishing, 1983, pp. 58-70.

KRUGMAN, Paul. %The Myth of Asia`s Miracle+ Foreign Affairs. Volume 73. No 6. November/December 1994, pp. 62-78.

LEE, Poh Onn. %Water Management issues in Singapore.+ Paper presented at Water In Mainland Southeast Asia, 29 november . 2 December 2005, Siem Reap, Cambodia.Organised by International Institute for Asian Studies [IIAS], Netherlands, and Center for Khmer Studies [CKS], Cambodia: <<http://www.khmerstudies.org/download-files/events/Water/Lee%20Nov%202005.pdf>> [acesso em 25/9/2011]

LEONG, CPT Lawrence. %Rethinking the British Legacy . British Withdrawal and Origins of the Singapore Armed Forces, 1966-1971.+ Pointer. Journal of The Singapore Armed Forces. Vol 36. No 2, 2011, pp.22-31;

<http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/publications/pointer/journals/2011/v37n2/jcr_content/imindefPars/download/file.res/Binder%20V37N2%202011LR.pdf> [acesso em 14/4/2012]

LIEW, Derek. %Operation Flying Eagle+ This Month in History. Singapore: Joint Manpower Department, Vol 9, Issue 12, December, 2005 <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/about_us/history/maturing_saf/v09n12_history/jcr_content/imindefPars/0003/file.res/TMIHDec2005.pdf> [acesso em 17/5/2012]

LIM, Elaine. %1965 . Independence of Singapore+ This Month in History. Singapore: Joint Manpower Department, Vol 1, Issue 8, August 1997: <http://www.mindef.gov.sg/content/imindef/about_us/history/birth_of_saf/v1n08_history/jcr_content/imindefPars/0002/file.res/Aug1997.pdf> [acesso em 27/6/2011]

LORCH, Carlos; STEINEMANN, Peter. %Sangue Novo em Defesa da Ilha. A Modernização dos F-5E/F de Cingapura+; Revista Força Aérea. Ano 3 /nº 11 jun/jul 1998. Rio de Janeiro: Action Editora, 1998, pp. 108-115.

MENDONÇA, Marcos; STEINEMANN, Peter. %Skyhawk! O Novo Jato da Marinha! Perfil do McDonnell-Douglas A-4+; Revista Força Aérea. Ano 3/nº 11 jun/jul 1998. Rio de Janeiro: Action Editora, 1998, pp. 46-52.

OLIVEIRA, Amaury Banhos Porto de. %Ciência e Tecnologia na Preparação do Futuro. O Estado Recorre à P&D em Cingapura+in: Cartas de Cingapura. No 11, junho de 1990. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais-IPRI/Fundação Alexandre Gusmão-FUNAG/CNPq, 1990, pp. VII-IX.

RODAN, Gerry. %Industrialization and the Singapore state in the context of the New International Division of Labor.+ in: HIGGOTT, Richard; ROBISON, Richard. Southeast Asia. Essays in the Political Economy of Structural Change. London/Boston/Melbourne/Henley: Routledge & Kegan Paul, 1985, pp. 172-194.

SASSEN, Saskia. %Hong Kong . Shanghai: su evolucion em um mundo global.+ in: 2G Revista Internacional de Arquitectura Nº 10.1999/II. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999, pp. 106-111.

Livros:

ACHARYA, Amitav. Singapore`s Foreign Policy. The Search for Regional Order. London: World Scientific Publishing/Institute of Policy Studies, 2008.

ARON, Raymond. Paz e Guerra entre as Nações. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BISHOP, Cris. The Encyclopedia of World Sea Power. London: Temple Press/Aerospace, 1988.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert; MAGNIER, Jean-Pierre. Atlas do Mundo Global. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

BOXER, Charles R. The Portuguese Seaborne Empire. London: Hutchinson of London, 1969.

CASELLA, Leandro; CUNHA, Rudnei Dias da. Northrop F 5 no Brasil. Porto Alegre: Edição dos Autores, 2011

CASTELLS, Manuel. The Developmental City-State in a open World Economy: The Singapore Experience. BRIE Working Paper-31, February 1988. Berkeley: Berkeley Roundtable on the international Economy. University of California, 1988.

CAZADERO, Manuel. Las Revoluciones Industriales. Mexico DF: Fondo de Cultura, 1995.

CHALIAND, Gérard; RAGEAU, Jean-Pierre; PETIT, Catherine. Atlas Stratégique. Géopolitique des rapports de forces dans le Monde: Paris: Fayard, 1983.

Coleção 70º aniversário da Segunda Guerra Mundial, v 13. São Paulo: Abril Coleções, 2009.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. Discursos sobre o Território e o Poder. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

CUNLIFFE, Barry; BARTLETT, Robert; MORRILL, John; BRIGGS, Asa; BOURKE, Joanna. The Penguin Illustrated History of Britain and Ireland. From Earliest Times to The Present Day. London: Penguin Books, 2004.

DAGNINO, Roberto. A Indústria de Defesa no Governo Lula. São Paulo: Expressão Popular/FAPESP, 2010.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado. São Paulo: Saraiva, 2011.

DURKHEIM, Émile. Fato Social e Divisão do Trabalho / Émile Durkheim: apresentação e comentários Ricardo Musse. São Paulo: Atica, 2007[Ensaio Comentado].

ENDRES, Günter; HEWSON, Robert . The Vital Guide to Major Airlines of the World. Shrewsbury: Airline Publishing, 1996

EVANS, Graham; NEWNHAM, Jeffrey. The Penguin Dictionary of International Relations. London: Penguin Books, 1998.

FARRELL, Brian P.; LIM, Choo Hoon; SINGH, Gurbachan; WONG, Chee Wai. Malayan Campaign 1942-1945. Lessons for ONE SAF. [Pointer Monograph No 6]. Singapore: MINDEF/Government of the Republic of Singapore, 2008.

FAULKNER, Keith. Janes Warship Recognition Guide. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996.

FIORI, José Luis [organizador]. O poder americano. Petrópolis: 2007.

FOSS, Christopher F. Janes Tank Recognition Guide. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996.

GLAESER, Edward L. Os Centros Urbanos. A maior invenção da humanidade. Como as cidades nos tornaram mais ricos, inteligentes, saudáveis e felizes. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2011.

HEIDHUES, Mary Somers. Southeast Asia. A Concise History. London: Thames & Hudson, 2001.

HELD, David; MC GREW, Anthony [org]. The Global Transformations Reader. An Introduction to Globalization Debate. Cambridge: Polity Press, 2000.

HIGGOTT, Richard; ROBISON, Richard. Southeast Asia. Essays in the Political Economy of Structural Change. London/Boston/Melbourne/Henley: Routledge & Kegan Paul, 1985.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. Globalização em Questão. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HOBSBAWN, Eric. A era dos extremos. O Breve século XX. [1914-1992]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. A era dos impérios. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

HOGG, Ian V. Israeli War Machine. London/New York/Sydney/Toronto: Hamlyn, 1983.

HUFF, W.G. The Economic Growth of Singapore. Trade and development in the twentieth century. Cambridge/New York/Melbourne, 1997.

HUXLEY, Tim. Defending the Lion City. The Armed Forces of Singapore. (The Armed Forces of Asia series). St. Leonards: Allen/Unwin, 2000.

IANNI, Octavio. A Era do Globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. A Sociedade Global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KENNEDY, Colonel Willian V.; CLINE, Ray S.; BAKER, David; FRIEDMAN, Colonel Richard S.; MILLER, Liteutenant-Colonel David. The Intelligence War. Penetrating the secret world of today`s advanced technology conflict. London: Salamander Books, 1983.

KENNEDY, Paul. Preparando para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1993.

_____. Ascensão e queda das grandes potências. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

_____. Strategy and Diplomacy. 1870-1945. London: Fontana Press, 1983.

KOH, Tommy [et. ali]. Singapore: The Encyclopedia. Singapore: Editions Didier Millet/National Heritage Board, 2006.

KONICK, Rodolphe De. Singapour. La cité-État ambitieuse. Paris: Édition Belin/La documentation Française, 2006.

KONICK, Rodolphe De; DROLET, Julie; GIRARD, Marc. Singapore: An Atlas of Perpetual Territorial Transformation. Singapore: NUS . National University of Singapore, 2010.

KOOLHAAS, Rem. Sendas oníricas de Singapur. Retrato de uma metrópoles potemkin o treinta años de tabla rasa. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

LACOSTE, Yves. Le Pais Sous-Développés. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

LEE, Kuan Yew. A História de Cingapura. São Paulo: Editora Globo, 2008.

_____. Do terceiro ao primeiro mundo: a história de Cingapura entre 1965 e 2000. Memórias de Lee Kuan Yew. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LEIFER, Michael. Dictionary of the Modern Politics of South . East Asia. London/New York. Routledge, 1996.

_____. International Straits of The World. Malacca, Singapore, and Indonesia. Sijhoff & Noordhoff International Publishers: Alphen aan den Rijn, 1978.

_____. Singapore`s Foreign Policy. Coping with Vulnerability. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2000.

LIOW, Joseph Chinyong; EMMERS, Ralf.[edited]. Order and Security in Southeast Asia. Essays in memory of Michael Leifer. London/New York, Routledge, 2006.

LOZARDO, Ernesto. Globalização. A certeza imprevisível das nações. Edição do autor, 2007.

MARGOLIN, Jean-Louis. Singapour 1959-1987. Genèse d'un nouveau pays industriel. Paris: L'Harmattan, 1989.

MAUZY, Diane K.; MILNE, R.S. Singapore Politics Under the People`s Action Party. (Politics in Asia). London/New York: Routledge, 2002.

MIRANDA, Jorge. Manual de Direito Constitucional. Tomo I. Preliminares. O Estado e os Sistemas Constitucionais. Coimbra: Coimbra Editora, 2009.

PELLETIER, Philippe; ANQUETIL, Nicole; BOQUÉRAT, Gilles; GENTELLE, Pierre; WEISSBERG, Gabriel. Géopolitique de LqAsie. Paris: Nathan, 2009.

PRESTON, Antony. History of the Royal Navy. London/New York/Sydney/Toronto: Hamlyn/Bison, 1983.

RODAN, Garry. [edited by Garry Rodan]. Singapore Changes Guard. Social, Political and Economic Directions in the 1990s. New York/Melbourne: Longman Cheshire/St. Martin's Press, 1993.

RODAN, Garry. The Political Economy of Singapore's Industrialization: National State and International Capital. London: Macmillan Press, 1989.

ROTTMAN, Gordon L. The M 16. Oxford: Osprey Publishing, 2011.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SKOLNICK, Jerome H; BAYLEY, David H. Policimento Comunitário. EDUSP/NEV-Núcleo de Estudos da Violência-USP/Ford Foundation. São Paulo, 2006.

SORT, Jordi Julià. Redes Metropolitanas/Metropolitan Networks. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

SWINSON, Arthur. A Queda de Cingapura. História Ilustrada da Segunda Guerra Mundial, v. 10, Campanhas. Rio de Janeiro: Editora Rennes, 1976.

TAN, Yong Soon; LEE, Tung Jean; TAN, Karen. Clean, Green and Blue. Singapore's Journey Towards Environmental and Water Sustainability. Singapore: ISEAS - Institute of Southeast Asia Studies/ Ministry of the Environment and Water Resources-Singapore, 2009.

THOMPSON, Robert; KEEGAN, John. [et. ali.]. A Guerra no Mundo. Guerras e Guerrilhas desde 1945. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1983.

TROLLIET, Pierre. La Diaspora Chinoise. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

TZU, Sun. A Arte da Guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva de Bolso, 2011.

VESENTINI, José William. Novas Geopolíticas. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

WAH, Chin Kin. The defence of Malaysia and Singapore. The transformation of a security system 1957-1971. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009

WEEKS, Colonel John. Jane's Pocket Book Armies of the World. London/Sydney: Jane's Publishing, 1981.

WESTHORP, Chris [editor]. The World's Navies. An illustrated review of the navies of the world. New York: Crescent Books, 1992.

WILLIS, David [editor, et. ali]. Aerospace Encyclopedia of World Airforces. London/Westport: Aerospace Publishing/AIRtime Publishing, 1999.

ZAKARIA, Fareed. O mundo pós-americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.